FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 33.948 | SEGUNDA-FEIRA, 14 DE MARÇO DE 2022 | R$ 5,00

Sem vacina, Covid mata 26 vezes mais

Em estudo do governo paulista, número de óbitos entre não vacinados é de 332 por 100 mil, contra 13 entre imunizados

A taxa de óbitos por Covid-19 entre pessoas não vacinadas em SP foi 26 vezes maior que entre as plenamente imunizadas, revela estudo do governo paulista feito entre dezembro e fevereiro.

Foram analisadas 7.942 mortes inseridas pelos 645 municípios no sistema Sivep-Gripe. O número de mortes no período entre os 716,8 mil paulistanos não vacinados foi de 2.377, 332 por 100 mil.

Já entre os 38,3 milhões que tomaram as duas doses (88,5% da população do estado elegível para a vacinação), os óbitos chegaram a 4.903. Ou seja, 13 mortos por 100 mil habitantes.

O grupo de 2,9 milhões de paulistanos que receberam apenas uma dose da vacina também esteve mais vulnerável: foram 662 mortos com esquema parcial de imunização, 22 para cada 100 mil.

"É mais uma evidência da importância da vacinação", diz o secretário-executivo da Secretaria de Estado da Saúde, Eduardo Ribeiro Adriano. "E alerta aos que ainda não tomaram a segunda dose."

A secretaria agora vai correlacionar os dados dos óbitos do período para levantar fatores de risco nos casos que resultaram em mortes, como comorbidades e idade avançada. **Mônica Bergamo C2**

Em meio aos escombros, idosa recebe ajuda durante evacuação de civis em Irpin, nas proximidades de Kiev *Marko Djurica/Reuters*

Após ataque às portas da Otan, surgem sinais de pacto

Forças russas lançaram vários ataques aéreos neste domingo (13) contra centro militar nos arredores de Lviv, no oeste da Ucrânia, a menos de 25 quilômetros da fronteira com a Polônia, país membro da Otan (aliança militar ocidental). Pelo menos 35 pessoas morreram e 134 ficaram feridas.

Os russos justificaram o ataque como forma de destruir armas fornecidas por outros países e de desmobilizar o treinamento de sicários. Apesar do ataque, Moscou e Kiev deram ontem os sinais mais otimistas de que negociações podem levar a um acordo de paz "nos próximos dias". **Mundo A7**

ENTREVISTA DA 2ª
Ibram X. Kendi

Abolir vestibular é eficaz para levar negros à faculdade

Para o pesquisador Ibram X. Kendi, abolir testes padronizados pode ser um caminho mais efetivo para levar jovens negros às universidades do que a adoção de ações afirmativas. Ele diz que, nos EUA, muitas universidades adotam um modelo de teste opcional para não privilegiar os que fazem cursinhos. **A10**

Roupa de Zelenski sinaliza que a guerra é de todos

Mundo A8

Mathias Alencastro

O que esperar da segunda onda rosa latina

Possibilidades incríveis para governos de esquerda na América Latina surgirão se agirem como unidade geopolítica. **Mundo A9**

O ator em cena de 'O Beijo da Mulher-Aranha' *Divulgação*

William Hurt, vencedor do Oscar, morre aos 71

O ator William Hurt, vencedor do Oscar pelo filme "O Beijo da Mulher-Aranha", uma coprodução Brasil-EUA, morreu no sábado (13), aos 71 anos. A família diz que foi de "causas naturais". **Ilustrada C4**

Ilustrada C1
Vera Fischer assume status de influencer após saída da Globo e trilha novos rumos

Esporte B5
Russo que é ídolo do hóquei nos EUA sofre pressão por apoiar Putin

Mpme A18
Restaurantes usam sistema próprio de entrega para fugir de taxas de aplicativos

Aos 70 anos, Vera Fischer planeja vender virtualmente 200 quadros de sua autoria como artista de NFTs *Lucas Seixas/Folhapress*

Cloroquina doada pelos EUA encalha em municípios

Municípios como Joinville (SC) tentam devolver ao Ministério da Saúde a hidroxicloroquina doada ao Brasil pelos EUA na gestão Trump. Na cidade, restam 130 mil comprimidos encalhados de 160 mil entregues em 2020. A validade do medicamento termina em outubro. **Saúde B4**

Só 20% dos 'filhos' do Bolsa Família ficam no programa

Estudo do Instituto Mobilidade e Desenvolvimento Social aponta que apenas 2 em cada 10 dependentes de lares inscritos no Bolsa Família continuavam no programa após 14 anos.

A pesquisa avalia saída ou permanência de beneficiários de 7 a 16 anos entre 2005 e 2019. **Mercado A11**

FHC é operado do fêmur e continua internado em SP

Política A5

Tarcísio é alvo até de aliados com disputa em SP

Mercado A12

A pandemia em 13.mar
Dados das 20h

POPULAÇÃO VACINADA

No Brasil

Ao menos uma dose (dose única ou 1ª dose)	83,8 %
1º ciclo vacinal completo (dose única ou 2ª dose)	73,4 %
Dose de reforço	32,2 %

ESTÁGIO DA DOENÇA

Óbitos

Média móvel 419 ↓ -38%*

Em 24 h 146

Total 655.139

Casos ↓ -40%* (desacelerado)

*Variação em relação a 14 dias

Lei das fake news deverá ser inócua nas eleições

Quase dois anos depois de sair do Senado, o projeto das fake news não tem relatório para ser votado na Câmara dos Deputados e não deve ter impacto nas eleições de 2022. **Política A5**

EDITORIAIS A2

Pasta da ignorância
Sobre danos do aparelhamento ideológico no MEC.

Ajuste na globalização
Acerca de efeitos da guerra no comércio mundial.

ISSN 1414-5723
9 771414 572025 33948

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

João Montanaro

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Pasta da ignorância

Declarações preconceituosas do ministro são só parte dos danos com aparelhamento do MEC

Já denunciado pela Procuradoria-Geral da República por homofobia, o ministro da Educação, Milton Ribeiro, reincidiu em declarações preconceituosas —e, sobretudo, reveladoras de que a pasta está mais a serviço de uma agenda ideológica do que empenhada em buscar diagnósticos e formular políticas para o setor.

Em um evento sobre merenda escolar, Ribeiro preferiu ganhar destaque com paranoia militante. “Não vamos permitir que a educação brasileira vá por um caminho de tentar ensinar coisa errada às crianças”, disse. “Não tem esse negócio de ensinar ‘você nasceu homem, pode ser mulher’.”

Trata-se, mais uma vez, da ofensiva contra uma suposta “ideologia de gênero”, que mobiliza em especial o bolsonarismo de vertente religiosa —o ministro é pastor.

Entre tantas mazelas conhecidas na educação brasileira, ataca-se um fantasma. Do MEC não se conhecem estudos que justifiquem tamanha preocupação com a abordagem precoce ou indevida de questões de gênero e sexo nas escolas. Intencionalmente ou não, semeia-se um temor obscurantista em torno do mero ensino do tema.

Na academia, o entendimento predominante é que esse aprendizado não induz ao sexo precoce e muito menos promove apologia da homossexualidade. Colabora, isso sim, para o combate à gravidez na adolescência, ao abuso infantil e à transmissão de doenças, pautas de relevância no país.

De acordo com dados oficiais, quase meio milhão de nascidos vivos no Brasil em 2019 eram descendentes de adolescentes e jovens de até 20 anos. Em cerca de 20 mil casos, registrou-se a idade materna de 14 anos ou menos.

A Unesco tem proposta de educação sexual estruturada em níveis etários. Dos 5 aos 8, por exemplo, um conceito-chave a ser apresentado é que pessoas adultas não devem tocar as partes íntimas do corpo de crianças, a não ser para cuidados de higiene e saúde.

No Brasil, a disciplina é considerada tema transversal no ensino desde a definição dos chamados parâmetros curriculares nacionais há 25 anos. Ficou de fora, no entanto, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada em 2017, que traz os objetivos de aprendizagem de cada ano escolar nas redes de ensino.

Acabou incluída apenas no ensino de ciências ao final do período fundamental, como parte do aprendizado sobre vida e evolução.

Não há chance de um debate bem informado a respeito no atual governo —e os danos provocados pelo aparelhamento ideológico do MEC, infelizmente, nem de longe se limitam à educação sexual.

Ajuste na globalização

Geopolítica da guerra induz mudanças nos mercados; para o Brasil, pode ser oportunidade

A guerra da Ucrânia não modifica apenas os termos do debate sobre o ritmo e o custo da transição para energias mais limpas. Também recoloca no alto das preocupações nacionais o problema da segurança política do abastecimento de combustíveis, alimentos e minérios e metais estratégicos.

As sanções financeiras à Rússia, que teve parte de suas reservas em moeda forte confiscadas por EUA e aliados, criam mais dificuldades para a globalização. A integração é problemática desde a crise de 2008; com a epidemia, vieram novos óbices, vide a disputa por materiais médicos e o estrangulamento das cadeias de abastecimento.

Tais questões têm importância crucial para o Brasil. O país pode se oferecer como fornecedor confiável, desde que comprometido com a estabilidade democrática, a responsabilidade ambiental, a abertura econômica, o respeito a contratos, a regulação adequada e a proteção de investimentos. Como se vê, há muito a avançar.

O destino da crise ainda é nebuloso, mas decisões já estão sendo tomadas; a geopolítica logo exigirá outras. Até o final do ano, a União Europeia pretende reduzir em 64% suas importações de gás russo, que representaram até 40% do consumo da região em anos recentes. Até 2027, quer redução de 100%.

A transição verde impunha custos iniciais. Com a guerra, é possível que tenha de ser desacelerada ou venha a custar mais. A Europa precisará construir infraestrutura para receber gás natural líquido no lugar de gás encanado.

Painéis solares, turbinas eólicas e baterias demandam combustíveis fósseis e metais. Ao trocar de fornecedores, a União Europeia pressionará preços mundiais e, assim, dificultará o plano da China de usar menos carvão e petróleo.

A crise levou o presidente dos EUA, Joe Biden, a pressionar petroleiras americanas pelo aumento da exploração —os EUA ora produzem menos petróleo do que em 2019. Na política do país, ressurgiram queixas contra o plano de energia mais limpa. Por fim, Biden procura até reintegrar Venezuela e Irã ao mercado internacional.

As decisões sobre abastecimento de materiais essenciais tendem a ser mais marcadas pela política. Países com recursos disponíveis e que possam gozar de confiança, nas relações internacionais e na economia, talvez possam se aproveitar dessa nova realidade.

Essa é uma questão central para o Brasil, muito além da discussão contaminada por demagogia sobre o preço dos combustíveis.

Cultura híbrida: cultura viva

Lygia Maria

Semana passada surgiu mais uma polêmica nas redes sociais: usar o boné do MST, mas não fazer parte do movimento, é apropriação cultural, logo, esvazia o sentido da luta do MST. A apropriação cultural seria um problema porque não haveria consciência política quando um grupo dominante usa símbolos de um grupo dominado: o uso é desinteressado, apenas estético, mera moda.

Ora, mas a política não é o centro gravitacional da vida da maioria das pessoas. Ainda bem. Caso contrário, seria uma sociedade paranoica. Imagine pensar em navios negreiros sempre que comemos feijoada ou ouvimos Cartola. Exigir que a política perpasse todas as práticas do dia a dia é polícia do pensamento, moralização punitiva do cotidiano, ou seja, um puritanismo laico.

Outro problema é ignorar como a difusão proporcionada pela indústria cultural dá visibilidade a produtos simbólicos de grupos sociais marginalizados e, assim, pode ser usada para valorizá-los. Do jazz ao hip hop, do samba ao funk carioca, o que vimos ao longo da história foi o aumento do consumo desses estilos musicais seguir pari passu à diminuição do preconceito. Claro que ainda há preconceito, mas é um fato histórico que o samba era mal visto nos anos 30 e, hoje, é enaltecido.

Por fim, alguns fundamentos dessa noção de apropriação cultural vêm de teorias europeias ultrapassadas (como as da Escola de Frankfurt), de uma formação cultural bastante diferente da nossa, na qual as delimitações entre erudito e popular, nacional e estrangeiro, são bem mais rígidas. Seria melhor olharmos para novos aportes teóricos de pesquisadores latino-americanos.

Ao analisar diversos casos de hibridismos culturais na América Latina, o antropólogo argentino Néstor García Canclini conclui: “O artesanato migra do campo para a cidade; os filmes e canções que narram acontecimentos de um povo são intercambiados com outros. Assim, as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento”.

Em agradecimento às ucranianas

Ana Cristina Rosa

Nestes tempos de guerra e de morte, escrevo um agradecimento às mulheres ucranianas. Donas de traços belos a ponto de abalar mentes frívolas, vocês conseguiram a proeza de impactar a cena eleitoral de um país localizado do outro lado do oceano. E sem fazer esforço. Apenas com seus olhares vívidos e sorrisos “fáceis”.

Apesar da visível vulnerabilidade, da “pobreza”, da indisfarçável angústia da espera nas filas de refugiados e de todo o estresse de ter de abandonar sua pátria sob ocupação, fizeram um enorme bem à democracia brasileira.

Como?

Livrando o mais populoso e mais rico estado da nossa federação do risco de eleger um péssimo governador, uma figura que se mostrou machista, misógina, preconceituosa, sexista, sem consciência de classe e que acredita estar tudo bem em desrespeitar e objetificar mulheres se o papo ficar entre amigos.

Depois que vazou uma série de áudios vexatórios e indecorosos (para dizer o mínimo) na qual o deputado Arthur do Val compartilha as impressões que colheu sobre vocês durante uma suposta missão humanitária, a máscara caiu —e a casa também.

Opa! Desculpem se as assustei. Trata-se de força de expressão, pois as bombas por aqui são de “efeito moral”.

Compelido a retirar a pré-candidatura ao governo de São Paulo, o parlamentar é alvo de 21 pedidos de cassação de mandato por quebra de decoro. O relator do processo na Comissão de Ética da Assembleia Legislativa, pasmem, tudo indica será um homem, apesar de a comissão contar com três mulheres e de a indicação da relatoria ser feita por uma delas.

Vamos ver se Deus é brasileiro como muitos afirmam. Caso positivo, pelos próximos oito anos o país irá se livrar de um político que se mostrou despreparado para o exercício do mandato que lhe foi confiado. Sobretudo numa nação majoritariamente feminina.

Por isso, meu obrigada a vocês, ucranianas. Não é novidade que beleza não põe mesa, mas agora se sabe que pode detonar candidaturas.

Não vale dizer

Ruy Castro

Vale dizer. Vale lembrar. Vale ressaltar. Vale destacar. Vale acrescentar. E outros vales isso ou aquilo, só mudando o verbo. Você pode não ter se tocado, mas, de há algum tempo, essas palavras estão lhe entrando pelos olhos com alarmante frequência e ocupando espaço à toa. A frase começa com “Vale dizer que ...” e segue-se o que a pessoa acha que vale dizer. Não ocorre a ela que, se dispensar o “vale dizer” e disser logo o que tem a dizer, sua informação não sofrerá nenhum prejuízo. Ao contrário, ganhará em concisão e objetividade.

É um vício de linguagem, como um tique nervoso ou uma pálpebra que dispara. E, como todo vício ou tique, brota de algum lugar no espaço e chega direto aos dedos de quem escreve, sem um estágio intermediário no nicho do cérebro onde se escolhem as palavras. A pessoa, quando se dá conta, já escreveu e, na verdade, nem se dá conta. Aliás, “na verdade” também é um desses tiques. Na verdade, por que “na verdade”? E quem garante que seja verdade? Em tempo: experimente escrever sem usar “na verdade” e veja como não lhe fará a menor falta.

“Em tempo”? Eis outra relíquia arrancada do passado e posta a circular na mídia como se já não pudéssemos passar sem. Equivale ao “vale dizer”. Dá-se assim: na sequência de uma informação, sapeca-se um ponto-parágrafo e, sem qualquer motivo, começa-se o parágrafo seguinte com “Em tempo ...” —e lá vem a preciosa informação. É como se o autor temesse esquecer-se dela ou que seu espaço fosse acabar e ele não a usasse a tempo. Donde volto a sugerir: se escrever “Em tempo ...”, experimente apagá-la e veja se seu conteúdo perde alguma coisa.

Alguém dirá que são implicâncias de um escriba ranzinza e que ninguém está ligando para isso. Pois devia estar. Manter a língua eficiente, como queria Ezra Pound, é obrigação de todos os que fazem uso dela.

“Fazer uso”? Epa! De todos que a usam, digo.

Impactos da guerra

Marcus André Melo

Professor da Universidade Federal de Pernambuco e ex-professor visitante da Universidade Yale. Escreve às segundas

A guerra na Ucrânia aponta para o fim de uma era. Fukuyama afirmou que ela representa “o fim do fim da história”, o ocaso de um certo consenso liberal global que organizou o mundo ocidental do pós-Guerra. Mas aqui quero me restringir a algumas de suas implicações políticas no plano interno das democracias.

Começo por seu impacto sobre a onda populista. O traço distintivo do populismo, em suas variantes à esquerda e à direita, é o apelo ao povo (virtuoso) —em oposição às elites (corrompidas)— e na representação política direta sem mediações ou controles institucionais. O nativismo é corolário: povo e nação se complementam.

O populismo rejeita tudo o que limita a expressão da vontade popular —instituições de controle lato sensu; separação de Poderes; instituições judiciais— e todos os que atuam entre o povo e os governos: partidos, políticos profissionais, instituições internacionais. No contexto europeu, a crítica populista mirou o déficit democrático presente na governança multinível, supostamente ineficaz, impotente e incapaz de coordenação.

A guerra, no entanto, deflagrou uma reação robusta que exibe inédito e surpreendente grau de coordenação em vários planos: doméstico, regional e internacional. A União Europeia fortaleceu-se brutalmente; a ação concertada de instituições “decadentes” como ONU e Otan foi igualmente notável; os acordos e tratados internacionais foram revalorizados.

A guerra criou —e isso é crucial —uma narrativa hegemônica de rejeição à tirania. O consenso em torno das instituições da democracia representativa deu lugar a um mantra: somos todos democráticos. A crítica iliberal retraiu. Os valores que estão em jogo agora são o núcleo duro, secular, do constitucionalismo liberal: tolerância, liberdades, direitos fundamentais. O apelo do tribalismo identitário empalidece face ao universalismo de valores: a o que temos em comum, e não o que nos separa.

A guerra minou a crítica à imigração, peça central na narrativa populista e responsável por fraturas em muitos partidos tradicionais. Cultura e religião comuns, além de proximidade geográfica em relação à Ucrânia, explicam parte da mudança atitudinal, mas a chave em que o tema é tratado mudou radicalmente.

O caso de Zemmour, candidato presidencial na França, é ilustrativo: teve que pedir desculpas e renegar seu discurso contra a “imigração, inclusive de ucranianos”. O governo do PIS na Polônia, que havia se tornado pária no âmbito europeu, beneficia-se do internacionalismo que combatia, e é peça chave na coalizão internacional.

O efeito de união contra a ameaça comum (rally round the flag) desta vez parece não ser de curta duração.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

A China científica

Sem liberdade, evoluir cientificamente provocará um capitalismo burro

Paulo Ghiraldelli
Filósofo e autor, entre outros livros, de 'Narrativas Contemporâneas' e 'A República Brasileira: de Deodoro a Bolsonaro' (Cefa Editorial)

A China não ultrapassou de modo significativo os Estados Unidos em produção científica, avisou o meu amigo Hélio Schwartzman nesta **Folha** ("China ultrapassa os EUA na produção científica"; 1/1), corrigindo uma notícia que havia saído na imprensa. Mas diz Schwartzman que a ciência chinesa vem se desenvolvendo de forma robusta, o que é verdade. Ele duvida que a mesma possa crescer sem liberdade; todavia, para não ser pego de surpresa, coloca uma ressalva: "ditaduras podem se reinventar".

Caso confiemos na noção de Marx de "general intellect" ("intelecto geral"), exposta nos Grundrisse, é difícil acreditar na frase "ditaduras podem se reinventar", como no contexto do artigo de Schwartzman. Se essa noção de Marx é reescrita nos termos do economista suíço Christian Marazzi, menos ainda.

Marx utilizou a expressão "general intellect", significativamente grafada em inglês, para falar de um saber difuso na sociedade, capaz de conter a ciência e a técnica incorporada no capital fixo (em especial na maquinaria). Os chamados operaístas ou pós-operaístas, em especial Marazzi, preferem utilizar o termo como saber difuso que alimenta a produção e a circulação de mercadorias e que está no corpo dos trabalhadores, agora funcionando cada vez mais em rede.

Nesse caso, o "general intellect" é do âmbito do capital variável. Trata-se de um saber (e de afetos) que se ampliou significativamente a partir da universalização da escola pública em diversos países do Ocidente e passou a funcionar potencializado com a internet.

No regime atual de trabalho, em que a fábrica perdeu operários por conta da maquinização e a cidade se tornou uma grande fábrica que se digitalizou —como observa outro operaísta, Toni Negri—, todos nós trabalhamos em comunicação, gerando o "general intellect" de um modo ampliado e potencializado. Todo esse trabalho é o chamado trabalho não pago, que origina a "mais-valia social", pois o saber em rede é apropriado pelos monopólios privados, que o devolvem para nós mesmos em forma de produtos feitos na base de tecnologia.

Diga-se de passagem, é por conta disso que há, entre várias correntes políticas, a ideia de que é justo, possível e necessário um salário para todos, independentemente de estarem formalmente empregados ou mesmo de serem autônomos. Afinal, horário de lazer e horário de trabalho estão agora fundidos.

Esse modo de trabalho exige liberdade. Sem ele, o capitalismo deixa de funcionar. Querer controlar esse trabalho de modo que aspectos políticos sejam isolados de aspectos científicos é uma ideia de um positivismo ingênuo. Pode até estar na cabeça dos líderes chineses, educados em certo marxismo efetivamente positivista, que, enfim, não estava longe de adoção por Marx. Este, uma certa época, chegou a imaginar que certos saberes podiam ser postos na escola; enquanto outros, mais ideológicos, deveriam ser afastados. Essa tese da possibilidade de separação de saberes não se sustenta. Menos ainda no caso desse saber ser o responsável pelo desenvolvimento de um país.

Não é preciso combatê-la teoricamente, basta praticar a ciência um pouco e logo vemos sua impossibilidade. Há saberes sociais e políticos que são inerentes aos saberes em ciências outras, aparentemente mais distantes desse campo. O fato é que, quando há mudanças de paradigmas, assumidas conscientemente, todas as ciências se encontram imiscuídas em decisões políticas e sociais. Nessa hora, toda forma de organização da sociedade é, de alguma maneira, questionada.

Caso os chineses pensem que possam evoluir cientificamente sem liberdade, sem alguma forma de democracia, irão tornar o "general intellect" inútil. Terão um capitalismo burro —como ocorreu, aliás, com a URSS, que gerou um socialismo burro.

[...]
O fato é que, quando há mudanças de paradigmas, assumidas conscientemente, todas as ciências se encontram imiscuídas em decisões políticas e sociais. Nessa hora, toda forma de organização da sociedade é, de alguma maneira, questionada

Indústria deve fomentar novas ideias

Políticas públicas de sustentabilidade não inibem a atividade econômica

Josué Gomes da Silva e Cesar Asfor Rocha
Empresário, é presidente da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo)
Advogado e ex-ministro do Superior Tribunal de Justiça (1992-2012), é presidente do Conselho Superior de Assuntos Jurídicos da Fiesp

É tão banal quanto verdadeira a afirmação de que vivemos em um mundo de transformações permanentes. A diferença é que as novidades de hoje envelhecem de modo mais rápido que nas décadas passadas. São superadas pelas sucessivas descobertas, que surgem com grande impacto, perdendo o encanto e a relevância em curto prazo.

Antes mesmo de nos acostumarmos a uma tecnologia revolucionária, ela já se torna obsoleta, não sem antes afetar o sistema jurídico e as relações econômicas, para citar apenas duas de suas consequências. Pessoas físicas, empresas, organizações públicas e privadas, governos, ONGs e entidades de classe devem procurar não perder o bonde da história.

É por isso que a Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) apressou-se em criar comissões temáticas no âmbito do seu Conselho Superior de Assuntos Jurídicos (Conjur). Seu propósito é proporcionar o necessário "aggiornamento" ("atualização") jurídico. Os assuntos giram em torno das áreas mais suscetíveis a transformações radicais, para as quais a indústria deve estar preparada.

As inovações tecnológicas responsáveis pela Quarta Revolução Industrial constituem preocupação central da iniciativa da Fiesp. De um lado, temos blockchain e criptomoedas; de outro, a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) e o advento das redes 5G. São fenômenos com efeitos transversais nos espaços privado e público, cuja relevância não pode ser subestimada.

Questões ambientais também ocupam posição cada vez mais destacada na pauta nacional. Já há algum tempo é ultrapassada a ideia de que políticas públicas de sustentabilidade representem embaraços à atividade econômica. Na realidade, qualquer negligência nesse campo pode travar a expansão do agronegócio devido às justas exigências dos mercados externo e interno. Portanto, é mandatário realizar estudos jurídicos para subsidiar as decisões da indústria.

Também precisamos estar atentos às defasagens na legislação, que são fontes de litígios evitáveis. O Código Civil tem duas décadas. O de Defesa do Consumidor é ainda mais antigo, com 32 anos. Nesse tempo, surgiram desafios regulatórios que a jurisprudência, sozinha, não dá conta de enfrentar. Assim, não surpreende o número crescente de ações revisionais de contratos.

As relações trabalhistas, da mesma forma, devem estar sempre sujeitas à legislação atualizada. A reforma trabalhista de 2017 proporcionou significativos avanços, percepção comprovada pela expressiva redução de litígios. É necessário, no entanto, estimular o diálogo institucional entre a indústria, os sistemas de Justiça e os sindicatos, o que o Conjur fará em conjunto com o nosso Conselho Superior de Relações do Trabalho (Cort).

Outra frente é a inserção do setor no mercado internacional. A eficiência da iniciativa é só parte da equação. A conquista de clientes no exterior também passa pela prática aduaneira, a legislação cambial e os marcos legais em matéria de infraestrutura de transportes.

Há, ainda, que se preocupar com a arbitragem comercial. Apesar de a prática ter se consolidado nos últimos 20 anos, ainda enfrentamos uma grave, mas contornável, crise de confiabilidade no sistema.

Esses são tópicos de algumas das comissões temáticas recém-criadas pela Fiesp, na crença de que a indústria deve fomentar novas ideias, deixando as velhas e superadas sucumbirem.

[...]
Precisamos estar atentos às defasagens na legislação, que são fontes de litígios evitáveis. O Código Civil tem duas décadas. O de Defesa do Consumidor é ainda mais antigo, com 32 anos. Nesse tempo, surgiram desafios regulatórios que a jurisprudência, sozinha, não dá conta de enfrentar

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Prédio atingido por bombardeio russo em Kiev, capital da Ucrânia
Aris Messinis/AFP

Próximos dias

"Rússia e Ucrânia falam em acordo 'nos próximos dias' apesar de ataque às portas da Otan" (Mundo, 13/3). Ou seja, a Ucrânia vai fazer tudo o que a Rússia pedia: reconhecimento das áreas independentes e da Crimeia, fim da adesão à Otan etc. Esse presidente aventureiro precisou deixar pessoas morrerem e a Ucrânia ter perdas materiais para negociar. Um grande despreparado.
Valdir Teixeira da Silva (São Paulo, SP)

É correto?

É urgente a necessidade de líderes, de adultos na sala, para se perguntar até onde devemos ir. É correto desrespeitar a soberania de países subdesenvolvidos? Destruir países? Negar abrigo a refugiados oriundos de países pobres? Comprar o dobro de vacinas enquanto há países sem? Defender a sua individualidade em detrimento da coletividade? É correta a violência contra mulheres devido à sua condição de vulnerabilidade? É correto fechar os olhos para a fome e a falta de moradia e de educação?
Anete Araújo Guedes (Belo Horizonte)

Fanfarrão

Bolsonaro tem toda razão ao criticar o mega-aumento da Petrobras, porém ele esquece que é o presidente da República. Precisamos de um presidente e de uma equipe econômica competentes, para tomarem decisões sérias, e não ficar nesse blá-blá-blá. Bolsonaro só é decidido quando está em seu curral, como aconteceu no famigerado e fracassado Sete de Setembro. Mas não passa de um fanfarrão que não decide nada.
Henrique Ventura dos Reis (Rio de Janeiro, RJ)

Empresários

Argumentos sólidos, vivenciados, com nomes e sobrenomes, faz a opinião de Ricardo Semler ser rica, esclarecedora e incontestável, ainda que toda opinião possa ter o seu reverso. Tirocínio (substantivo masculino: preliminar de qualquer aprendizado). Excelente ideia, senhor Semler. Vamos de tirocínio, estou consigo. Valeu o meu domingo ("Às armas, companheiros", Tendências / Debates, 13/3).
Sebastião Galinari (São Paulo, SP)

*

Ricardo Semler, como sempre, acerta ao avaliar o empresariado. Mais de duas décadas avaliando empresas e empresários como analista de crédito e risco me deram a certeza de que são, na sua calamitosa maioria, como diz Semler, "pobres em inteligência emocional e afetiva" e, não raro, "completos babacas como humanos". Junte-se a isso, no caso do Brasil, a tradição escravista e os poucos controles sociais a que são submetidos e chegamos à receita do subdesenvolvimento econômico e humano, nossa marca registrada.
Celso Balotti (São Paulo, SP)

*

Um artigo muito preciso e valioso, porque vem de quem conhece e convive com a elite brasileira e mundial. O "Putin das bananas" é bem mais do que uma piada, é uma ameaça, como o original russo. Chega de Bolsonaro e de centrão!
Ricardo Osman Gomes Aguiar (São Paulo, SP)

Racismo

"Racismo contra não brancos é explícito nas rotas de fuga da Ucrânia" (Marilene Felinto, Ilustríssima, 13/3). Sou branca e sempre me considerei não racista. Mas, após ler sobre algumas situações colocadas no livro "Casta: A Origem do Nosso Mal-Estar", da escritora americana Isabel Wilkerson, chego à conclusão de que bem poucos brancos não são racistas.
Nadir Longo (Diadema, SP)

*

A Europa é assim mesmo. Praticamente todos são racistas. Como pode um país abrindo suas fronteiras para refugiados escolher a cor de quem pode entrar? Fingem serem receptivos, mas impõem barreiras étnicas para os refugiados. Nem o país invasor é tão racista assim.
Hans Klein (Blumenau, SC)

*

Marilene, peço perdão pelo mal que foi feito no Brasil e que tem sido continuadamente feito aos nossos irmãos de pele mais escura (porque é só o que é, um pouco mais de melanina). Você tem a minha palavra de que deixarei no mundo filhos respeitosos e conscientes, que nunca serão coniventes com comportamentos assim.
Lucila Rodrigues Testa (São José dos Campos, SP)

*

Obrigada por ser essa voz que denuncia, que demonstra com grande eloquência a dor do racismo. Quem não se sensibiliza com seus textos está na categoria daqueles que já não sentem ou nunca sentiram a dor de outro ser humano. E talvez não sintam essa dor por que não veem humanidade a não ser em um espelho que reflita uma imagem idêntica à sua.
Jacqueline Mesquita (Porto Alegre, RS)

*

É por essas e por outras que uma guerra nuclear pondo fim à humanidade não seria mal vinda.
Edson Rodrigues (Presidente Prudente, SP)

Supostamente ministro

O senhor Milton Ribeiro, supostamente ministro da Educação, deveria assistir ao filme "Mr. Bachman e sua Classe". Quem sabe assim aprenderia alguma coisa sobre educação.
Vânia Garcia Rodrigues (São Paulo, SP)

Chuchu

A **Folha** erra ao tratar o ex-governador Geraldo Alckmin com esse apelido pejorativo. Quando ele governou o estado, o jornal sempre foi um dos vários meios de comunicação que sempre o elogiaram. Então por que agora essa indelicadeza? A **Folha** não aprova mais sua decisão política ou é por estar ao lado do socialista?
Antonio Sérgio de Jesus (São Vicente, SP)

*

A respeito da coluna de Bruno Boghosian, digo que o algoz Alckmin, que arrasou Pinheirinho, formando aliança com Lula já está provocando arrepios nos apoiadores do PT. O declínio de Lula já começou. E o tombo vai ser inevitável. É o que acontece com líderes que usam salto muito alto e não percebem isso. É só ver o declínio de Putin.
Regina Cutin (São Paulo, SP)

política

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Em dupla

Paulo Skaf (MDB) foi consultado por aliados de Tarcísio de Freitas e poderá ser o vice do ministro da Infraestrutura na chapa para disputar o Governo de São Paulo. O ex-presidente da Fiesp inclusive já ouviu pessoas próximas sobre a possível mudança de rota —o plano original era o de ser candidato ao Senado. Caso a ideia prospere, ele se filiaria ao Republicanos ou ao PP, em aceno a partidos aliados, dado que Tarcísio deve ir para o PL do presidente Jair Bolsonaro.

ESSEPÊ Devido ao cargo que ocupou por 17 anos, Skaf é identificado com São Paulo e poderia ajudar a compensar a falta de familiaridade do carioca Tarcísio com o estado, flanco que já está sendo explorado por adversários.

SAÚDE Outra opção estudada é Henrique Prata, presidente do Hospital do Amor de Barretos. Ele é bem visto porque poderia ajudar a rebater críticas aos erros do governo federal durante a pandemia.

VENHA Presidente do PSD, Gilberto Kassab convidou o ex-deputado Ricardo Montoro (PSDB), filho do ex-governador e fundador do PSDB André Franco Montoro, para trocar de partido e ser vice em chapa para o Governo de SP ou candidato a senador.

MATUTANDO Ricardo, vice-presidente da Cohab desde 2017, ficou de avaliar o chamado. O prefeito de São José dos Campos, Felicio Ramuth, deixou o PSDB com o objetivo de disputar o Governo de SP pelo PSD, com o apoio de tucanos históricos que se opõem a João Doria e Rodrigo Garcia.

TUDO DOMINADO O evento de filiação do ex-presidente da OAB Felipe Santa Cruz ao PSD se transformou no palco inicial da tentativa de nacionalização dos planos políticos do prefeito do RJ, Eduardo Paes (PSD).

NEM TANTO, MESTRE Kassab afirmou que o prefeito "será presidente da República". Santa Cruz comentou na mesma linha. Paes desconversou. "É carinho dos companheiros. Se eu terminar minha carreira política como prefeito, estarei muito feliz."

NEGÓCIOS... Sergio Moro disse que, caso eleito, indicará dois juízes de carreira para as vagas no STF que serão abertas em 2023. A declaração foi dada ao programa "Direto ao Ponto", da Jovem Pan, que vai ao ar nesta segunda (14), às 21h30.

...À PARTE Com isso, ele descarta indicar ex-integrantes da Lava Jato, como os procuradores Deltan Dallagnol e Carlos Fernando dos Santos Lima.

POP Monitoramento da Diretoria de Análise de Políticas Públicas da FGV mostra que Jair Bolsonaro restabeleceu em 2022 a distância em relação aos adversários no volume de interações em redes sociais.

DIVISÃO Os bolsonaristas controlam 30,65% dos perfis e geraram 53,82% das interações no período. Do campo de Lula (PT), em torno do qual orbitam 30,28% dos perfis, partiram 24,4% das interações. Próximos de Moro e Doria estão 6,13% dos perfis, que respondem por 7,3% das interações.

DIFERENÇA Homicídios de mulheres diminuem em municípios com delegacias da mulher, mas os de negras só apresentam redução nas cidades metropolitanas com infraestrutura urbana e níveis elevados de escolaridade feminina.

PESQUISA É o que mostra artigo de Anita McGahan (Toronto), Paulo Arvate (FGV-SP), Paulo Ricardo Reis (UFRJ) e Sandro Cabral (Insper) a ser publicado no Public Administration Review. Eles sugerem políticas públicas para tratar complementarmente gênero e raça para que as delegacias tenham o efeito desejado também para a população negra.

com Guilherme Seto, Juliana Braga e Italo Nogueira

Cláudio

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	Venda avulsa dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
363.733 exemplares (janeiro de 2022)

Alta reprovação de Haddad na prefeitura é vidraça em campanha

Tucanos devem rememorar problemas da capital em disputa pelo Governo de SP; petistas exaltam vitrines de ex-prefeito

Artur Rodrigues e Victoria Azevedo

SÃO PAULO À frente nas pesquisas para o Governo de São Paulo, Fernando Haddad (PT) vivia situação bem diferente em seu último ano à frente da prefeitura da capital paulista, em 2016.

Haddad enfrentava período de grande impopularidade, impulsionada pelo antipetismo em alta e pela pior avaliação de um prefeito da cidade desde Celso Pitta (1997-2000).

Se a candidatura do petista se concretizar, o que deve ocorrer, as vidraças do tempo de sua gestão como prefeito voltarão a ser exploradas por campanhas rivais.

A avaliação de petistas ouvidos pela **Folha**, por outro lado, é a de que Haddad tem um legado a mostrar dos anos que esteve à frente da administração municipal e que ele foi prejudicado pelo contexto daquele momento de desgaste do PT nacionalmente.

Pouco antes da eleição de 2016, o Datafolha mediu o humor da população com a gestão. Com três anos e sete meses, a administração era avaliada como ótima ou boa só por 14% do eleitorado —Pitta, na mesma época, tinha o índice de 7%. Para 48%, a gestão Haddad era ruim ou péssima.

A consequência disso foi vista meses depois na derrota para João Doria (PSDB), já no primeiro turno.

Haddad foi eleito em um cenário de crescimento econômico e grande popularidade do governo de Dilma Rousseff (PT). Nos dois anos seguintes a situação se inverteria.

Logo no primeiro ano de gestão, vieram os protestos contra o aumento da tarifa em junho de 2013 e, diante da pressão das ruas, o congelamento do valor da passagem.

O reajuste da base de cálculo IPTU também acabou barrado pela Justiça em 2013 e só liberado no fim do ano seguinte. O caixa da cidade se agravaria ainda com a piora nas condições econômicas do país.

Haddad, contando com a ajuda do governo federal, havia proposto metas ambiciosas, como 150 km de corredores de ônibus, 20 CEUs (centros de educação unificada), 43 unidades básicas de saúde e 55 mil moradias.

Porém, de R$ 9 bilhões previstos para as obras, São Paulo não viu nem R$ 2 bilhões.

Ao fim do mandato, Haddad cumpriu apenas 67 das 123 metas propostas. Como lembrança das promessas não cumpridas, sobraram ainda vários esqueletos de obras paradas pela cidade.

A gestão tucana que assumiu depois contabilizou ao menos 35 delas suspensas, incluindo um hospital, corredores de ônibus e terminal de transporte.

Aliados de Haddad sempre justificaram aquele cenário pela forte recessão e a falta de repasses prometidos. E lembraram que várias obras foram deixadas em andamento e licitadas, citando ainda as finanças organizadas.

Presidente do PSDB na capital paulista e colaborador da pré-campanha de Rodrigo Garcia (PSDB), Fernando Alfredo diz que o passado do petista será lembrado na eleição.

Segundo ele, a performance atual do ex-prefeito nas pesquisas se deve ao recall da campanha presidencial de 2018, mas isso deve mudar a partir do momento em que a população passar a pensar de fato nas eleições.

Fernando Haddad durante jantar em São Paulo Marlene Bergamo-19.dez.21/Folhapress

DESEMPENHO DE FERNANDO HADDAD NO DATAFOLHA (JUL.16)

14% dos paulistanos aprovavam a gestão petista (ótimo ou bom)

48% reprovavam a gestão petista (ruim ou péssimo)

3,9 nota média atribuída pelos entrevistados ao então prefeito (0 a 10)

5,7 nota média atribuída pelo entrevistados à cidade de SP (0 a 10)

"A hora que começar as veiculações eleitorais, a propaganda na televisão, as pessoas vão ter a memória de quem foi Haddad. Foi um péssimo prefeito, mal gestor", disse. "Nós vamos apontar tudo aquilo que o Haddad não fez."

Sem dinheiro, Haddad investiu em medidas baratas de mobilidade, como faixas de ônibus, ciclovias e redução de velocidades das vias. Hoje vistas como uma herança positiva, na época, essas medidas também geraram desgaste em uma cidade acostumada a ter o carro como elemento central.

A zeladoria também penou na ocasião. No último ano da gestão, houve queda de 22% no lixo varrido das ruas, em comparação com 2013. Os buracos tapados caíram para menos da metade no último ano de gestão, quando, por falta de repasses, a Usina de Asfalto da cidade praticamente parou.

Embora a gestão seja incorretamente acusada de ter deixado um rombo no caixa, foi nas finanças que o petista deixou sua principal herança para as gestões seguintes.

Ele capitaneou a renegociação da dívida com a União, fazendo com que o saldo devedor fosse de R$ 76 bilhões para menos de R$ 30 bilhões. A partir daí, as parcelas pagas pela prefeitura passaram a cair, aumentando o dinheiro disponível para investimentos.

A gestão do petista também criou a CGM (Controladoria Geral do Município), que descobriu o maior escândalo recente na prefeitura, a máfia do ISS, além de aumentar a transparência de dados públicos da administração.

A campanha de Haddad, inclusive, terá o combate à corrupção e o descobrimento da máfia do ISS como uma de suas grandes bandeiras.

Além disso, a direção da campanha ressalta a elaboração do plano diretor premiado internacionalmente, reconhecimento do grau de investimento das contas da cidade pela agência de risco Fitch e o investimento maior do que as gestões Bruno Covas (PSDB) e Doria.

A campanha sustenta que o cumprimento das metas foi de 80%, em contagem que leva em consideração itens não concluídos e andamento.

Para o cientista político Marco Antonio Teixeira, da FGV, haverá um debate mais relativo à gestão no caso de um embate entre Haddad e Rodrigo Garcia, atual vice-governador e escolhido de Doria para a sucessão no estado.

Já a questão ideológica, com exploração mais intensa do antipetismo, aconteceria numa disputa com o ministro Tarcísio de Freitas (Infraestrutura), candidato do presidente Jair Bolsonaro (PL).

"A lembrança da gestão certamente será trazida pelos adversários, sobretudo pelo PSDB que venceu. Mas ninguém tem telhado forte nesse momento", diz o professor, citando que os tucanos têm pontos a serem explorados.

Segundo um membro ligado à campanha do petista, "Haddad foi tragado naquele processo" e essas críticas não estariam ligadas necessariamente à sua gestão.

Aliados citam o desempenho de Haddad nas eleições presidenciais de 2018 —ele ficou em segundo lugar na disputa contra Bolsonaro com mais de 47 milhões de votos.

Ressaltam que estratégias da campanha sobre isso ainda não foram discutidas. Mas avaliam que, caso as críticas ressurjam na campanha, Haddad estará preparado e terá argumentos para se defender.

Ele deverá evocar a questão nacional daquele momento e resgatar pontos positivos da gestão.

Segundo o presidente estadual do PT em SP, Luiz Marinho, que vai atuar na coordenação-geral da campanha de Haddad, se em 2016 tivesse sido feita uma avaliação fria sobre a gestão, sem considerar esse contexto, ela teria sido outra. "Ele deu rumos para a cidade", diz.

Marinho ressalta pontos positivos da gestão que mostram que "Haddad mostrou que tem capacidade". "Na avaliação no momento eleitoral de 2016 não pesou essas coisas. Mas sim o ódio, a raiva, a antipolítica. Hoje, se você perguntar para o povo, ele tem outra avaliação."

Marinho afirma ainda que o momento, agora, é de mapear as "oportunidades e fragilidades" de cada região do estado.

"O que vamos oferecer é um Haddad que tem visão de recolocar o estado no papel que ele deve estar para ajudar na retomada mais rápida de inclusão de políticas públicas efetivas", continua.

O deputado federal Alexandre Padilha (PT-SP), que foi secretário da Saúde na gestão de Haddad, afirma que o petista está preparado "para fazer qualquer debate" na campanha e ainda criticou os seus possíveis adversários.

"Se a discussão for a cidade de São Paulo, ele estará debatendo com um candidato que é ligado ao governador que fugiu a ser prefeito e traiu a população de São Paulo, e um candidato bolsonarista que se largarem em Sapopemba, não vai saber chegar na Vila Prudente", diz.

Padilha reforça ainda o legado do que o petista tem de quando foi ministro da Educação.

"Cada cidade do estado que ele for visitar, terá alguma marca e alguma ação do MEC. Seja um estudante que teve a possibilidade de entrar na universidade pelo Prouni, pelo Fies, seja pelos institutos federais que foram criados", diz.

Projeto de lei das fake news deve ter impacto zero nas eleições deste ano

Medidas já aprovadas pelo Senado aguardam votação na Câmara e têm prazo para entrar em vigor

Danielle Brant e Matheus Teixeira

BRASÍLIA Quase dois anos após sair do Senado, o projeto das fake news ainda não tem relatório para ser votado na Câmara dos Deputados, fator que, somado à resistência de líderes da base e da oposição e ao prazo para entrada em vigor do texto, deve anular qualquer impacto sobre as eleições de 2022.

O projeto foi aprovado pelos senadores no final de junho de 2020, quando o país e o Congresso estavam com as atenções voltadas ao enfrentamento da pandemia.

Logo que chegou à Câmara, o então presidente, Rodrigo Maia (sem partido-RJ), colocou o texto entre suas prioridades e disse que pretendia votá-lo até o final de julho daquele ano.

Maia escolheu Orlando Silva (PC do B-SP) como coordenador dos debates sobre o tema.

Ataques de bolsonaristas, críticas de especialistas em direito digital e as eleições municipais, entre outros pontos, travaram as discussões.

Em junho do ano passado, o sucessor de Maia, Arthur Lira (PP-AL), criou um grupo de trabalho para retomar as negociações. O relatório final do colegiado foi votado em dezembro e, desde a volta do recesso parlamentar, no mês passado, Orlando Silva tenta costurar um consenso mínimo com deputados, senadores e o governo.

A ideia inicial é entregar um parecer até o fim de março.

No entanto, a resistência persiste. Há divergências em torno da rastreabilidade (meios de identificar a origem de um conteúdo enviado), da transparência do algoritmo (por que alguns perfis ou textos têm alcance maior que outros), remuneração do conteúdo jornalístico e extensão da imunidade parlamentar para as redes sociais.

A líder do PSOL na Câmara, Sâmia Bomfim (SP), diz que está difícil alcançar consenso e que aliados do presidente Jair Bolsonaro (PL) "não querem que avance nada que possa coibir a ação deles".

No Senado, que terá a palavra final sobre o projeto, também não deve haver uma tramitação simples.

Um dos autores do texto, o senador sergipano Alessandro Vieira (que neste fim de semana anunciou saída do Cidadania), considera que o parecer que saiu do grupo de trabalho da Câmara tem uma série de complicadores.

"Já é um projeto difícil, e a escolha que ele fez, na minha visão, aumentou o grau de complexidade, particularmente o que fala de publicidade, a questão do trabalho jornalístico", disse.

Para ele, o mais urgente é regulamentar ferramentas que podem gerar distorção, como o uso de perfis falsos e robôs.

"Em nenhum momento você tem uma descrição do que é fake news, do que é desinformação. A gente [Senado] descreve ferramentas, comportamentos inautênticos e a gente cobra a correção disso. E coloca responsabilidade na mão de quem tem dinheiro e estrutura para fazer, que são as empresas, até porque elas já fazem."

Vieira vê ainda uma interferência grande de empresas na Câmara.

Além da dificuldade de negociação natural no Congresso, há também outro obstáculo para que as medidas sejam aplicadas para as eleições de outubro: o prazo estipulado pelo próprio texto.

O artigo que obriga plataformas a adotarem medidas para impedir o funcionamento de robôs não identificados e a apontar conteúdo impulsionado e publicitário pago, por exemplo, só entra em vigor 180 dias após a publicação da lei —ou seja, ainda que o atual texto fosse aprovado na Câmara e no Senado até o fim de março, as regras só valeriam a partir de outubro.

No mesmo artigo há dispositivo que determina que plataformas de redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas adotem medidas técnicas que viabilizem a identificação de contas que apresentem movimentação incompatível com a capacidade humana.

Outro dispositivo que também só entra em vigor seis meses após a publicação da lei é o que estabelece que aplicativos limitem o encaminhamento de mensagens ou mídias para vários destinatários.

O WhatsApp já restringe os envios e limita a quantidade de usuários dentro de um grupo a um máximo de 256.

No Telegram, que descumpre ordens judiciais no Brasil, não há restrição aos encaminhamentos e os grupos podem ter até 200 mil pessoas. A aprovação do projeto ajudaria a uniformizar esse ponto.

O prazo de 180 dias também seria aplicado à obrigatoriedade de que as big techs identifiquem os conteúdos impulsionados e publicitários, de forma que a conta responsável pelo anúncio seja revelada. Além disso, buscadores também devem identificar conteúdos publicitários, para que usuários tenham acesso a um nome e a um meio de contato fornecido pelo anunciante.

As plataformas que oferecerem serviço de impulsionamento de propaganda eleitoral ou de conteúdos que mencionem candidato, coligação ou partido devem disponibilizar aos usuários todos os anúncios impulsionados.

Será preciso informar valor total gasto na propaganda impulsionada, identificar o CNPJ ou CPF do anunciante e características gerais da audiência contratada, entre outros dados.

"Quando você tem a informação desse valor que vem de um determinado grupo, você consegue identificar ou pelo menos puxar um rastro de investigação sobre quem são os financiadores desse tipo de informação", afirma a advogada Valéria Paes Landim, membro da Abradep (Academia Brasileira de Direito Eleitoral e Político).

Landim participa do Observatório da Transparência Eleitoral do TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

"A falta de norma efetiva para poder coibir esse espalhamento de notícia falsa tem potencial altíssimo de trazer um resultado não desejado ou desinformado para as eleições deste ano", continua.

"Se esse projeto de lei não for aprovado a tempo, possivelmente nós teremos um cenário muito pior e mais caótico do que foi visto em 2018, que foi um escândalo."

> Se esse projeto de lei não for aprovado a tempo, possivelmente nós teremos um cenário muito pior e mais caótico do que foi visto em 2018, que foi um escândalo
>
> **Valéria Paes Landim**
> advogada, membro da Abradep (Academia Brasileira de Direito Eleitoral e Político)

Outros trechos do projeto têm um prazo menor, de 90 dias a partir da publicação, para começarem a valer.

Um deles, que estende a imunidade parlamentar a redes sociais, é classificado como preocupante pelo advogado Diogo Rais, cofundador do Instituto Liberdade Digital.

Ou seja, manifestações de deputados e senadores em redes sociais seriam protegidas por lei. Hoje, a imunidade parlamentar disposta pelo artigo 53 da Constituição diz que os congressistas "são invioláveis, civil e penalmente, por quaisquer de suas opiniões, palavras e votos".

"No cenário eleitoral, em uma arena eleitoral, isso pode ser um desastre", afirma Rais.

"Os deputados são candidatos e concorrerão com pessoas que não são deputados. As redes sociais de determinados candidatos terão muito mais benefício, proteção e também limite, como não poder excluir seguidor, mas, ao mesmo tempo, os adversários dele não terão essa proteção."

Para o advogado, a mudança mexe na principal coluna do sistema eleitoral, que é a igualdade de condições.

"A isonomia nunca é perfeita, mas a gente deveria sempre buscá-la, e não ampliar a desigualdade entre os candidatos", afirma ele.

Marcelo Weick Pogliese, professor do Centro de Ciências Jurídicas da UFPB (Universidade Federal da Paraíba), avalia ainda que algumas regras do texto seriam desnecessárias caso fosse aprovado o Código Eleitoral que está parado no Senado.

"Minha preocupação é que, se você tem um projeto de Código Eleitoral tramitando e se o objetivo é ter a conjunção de todas as regras em matéria eleitoral no Código, o ideal é que essa matéria também fosse enfrentada no Código, e grande parte está sendo enfrentada no Código", diz.

"Tem muita coisa que está repetida. Tem muitas ferramentas de contenção da desinformação que já estão no Código Eleitoral."

FHC é operado após fraturar fêmur e passa bem, diz hospital

Carolina Linhares e Cláudia Collucci

SÃO PAULO O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB), 90, passou por uma cirurgia, neste domingo (13), devido a uma fratura no colo de fêmur e passa bem, de acordo com sua assessoria e com o Hospital Albert Einstein, em São Paulo.

FHC foi internado na sexta-feira (11), após cair em casa e sofrer a fratura. Segundo a assessoria do ex-presidente, o procedimento foi realizado com sucesso, ele se recupera bem e não há previsão de alta.

"A cirurgia aconteceu sem intercorrências. O paciente está consciente e segue em recuperação", afirma boletim assinado pelos médicos José Medina Pestana e Miguel Cendoroglo Neto.

A necessidade de operação havia sido divulgada em boletim do hospital no sábado (12).

A internação foi confirmada pelo PSDB no Twitter. "Receba o abraço dos tucanos de todo o Brasil", publicou o partido.

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso *Zanone Fraissat - 13.mai.21/Folhapress*

Segundo Ancelmo Gois, do jornal O Globo, o acidente impossibilitou FHC de comparecer à posse do jornalista e escritor Merval Pereira na presidência da Academia Brasileira de Letras. A posse, em sessão solene, ocorreu nesta sexta, no Rio de Janeiro.

A última declaração pública do ex-presidente foi no dia 25 de fevereiro, sobre a guerra na Ucrânia. "Condeno a invasão da Ucrânia por tropas russas a mando do presidente Putin. Litígios se resolvem por negociação nunca pela imposição da força", disse.

Também por razões de saúde, FHC não compareceu à votação de prévias do PSDB em Brasília, em novembro passado. Em maio, porém, ele se encontrou com o ex-presidente Lula (PT), gerando repercussão no meio político.

FHC foi eleito presidente da República em 1994 e permaneceu no cargo até 2002, quando foi sucedido por Lula. Antes disso, foi ministro da Fazenda do governo Itamar Franco, quando elaborou o Plano Real.

A fratura do colo de fêmur sofrida por FHC é bem frequente em idosos. Em geral, 90% desses casos se concentram acima dos 65 anos, segundo o Into (Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia), ligado ao Ministério da Saúde.

A idade avançada e fatores de risco como a osteoporose tornam os ossos mais finos e frágeis. Na maioria dos casos o tratamento é cirúrgico, podendo variar de colocação de pinos e parafusos até a substituição da articulação com prótese, que foi o que aconteceu com o ex-presidente, conforme a **Folha** apurou.

Pessoas próximas ao ex-presidente ouvidas pela reportagem afirmam que foi usada anestesia raquidiana, que ele está com bom humor e em recuperação junto da família.

Segundo o ortopedista Jorge dos Santos Silva, diretor clínico do Instituto de Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas de São Paulo, o fato de FHC ter uma boa saúde aos 90 anos, com funções cognitivas preservadas, também indica um bom prognóstico na recuperação cirúrgica.

"A expectativa é que ao final das primeiras 24, 48 horas, um paciente nessas condições já possa se sentar na poltrona e iniciar o processo de treinos para voltar a andar", diz ele, que não faz parte do corpo clínico que atende de FHC no Einstein.

O hospital Albert Einstein disse que não comentaria a cirurgia por sigilo médico.

A operação foi feita dentro do prazo recomendado (até 72 horas após a fratura).

"Quanto mais tempo o paciente permanece acamado, maiores serão as chances de complicações como trombose venosa e tromboembolismo pulmonar", explica Silva. É protocolo nos hospitais que esses pacientes usem anticoagulantes para evitar esse tipo de intercorrência.

Segundo ele, além de fortalecimento muscular e treino de caminhada, nesses casos, é indicada também reabilitação cardiovascular.

> A expectativa é que ao final das primeiras 24, 48 horas, um paciente nessas condições já possa se sentar na poltrona e iniciar o processo de treinos para voltar a andar
>
> **Jorge dos Santos Silva**
> diretor clínico do Instituto de Ortopedia do HC e que não faz parte do corpo clínico que atende FHC no hospital Albert Einstein

+ Entenda fratura sofrida pelo ex-presidente

- Fratura do colo de fêmur é frequente em idosos. Em geral, 90% desses casos se concentram acima dos 65 anos, segundo o Into (Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia), ligado ao Ministério da Saúde
- A idade avançada e fatores de risco como a osteoporose tornam os ossos mais finos e frágeis
- Na maioria dos casos, o tratamento é cirúrgico, variando de colocação de pinos e parafusos até a substituição da articulação com prótese, caso do ex-presidente, conforme a **Folha** apurou
- Operação de FHC foi feita dentro do prazo recomendado, de até 72 horas após a fratura, que ocorreu na sexta-feira (11)
- É protocolo nos hospitais que esses pacientes usem anticoagulantes para evitar complicações como trombose venosa e tromboembolsimo pulmonar, segundo o ortopedista Jorge dos Santos Silva
- Ainda de acordo com o especialista, nesses casos, além de fortalecimento muscular e treino de caminhada, é indicada reabilitação cardiovascular

Ideias para o pós-Jair

Livro traz propostas boas de políticas públicas para candidatos de oposição

Celso Rocha de Barros

Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra)

Foi só o bolsonarismo começar a ir embora que voltou o debate de ideias. Em "Reconstrução: O Brasil nos Anos 20", organizado por Felipe Salto, João Villaverde e Laura Karpuska, um grupo de autores de altíssimo nível, todos jovens, propõe ideias para a retomada do projeto de construção da democracia brasileira. É um livraço.

Os capítulos são textos de diferentes tipos: por exemplo, há boas reconstruções históricas, como as de João Villaverde e Rodrigo Brandão sobre o presidencialismo brasileiro; ou a de Irapuã Santana sobre as políticas públicas que preservaram a desigualdade racial herdada da escravidão. Há dois excelentes textos sobre o estado de nossa esfera pública: um de Laura Karpuska e Vandson Lima sobre accountability nas redes sociais e na imprensa e outro de Tai Nalon, chefe da agência de checagem Aos Fatos, sobre o problema das fake news.

Há também várias propostas boas de políticas públicas, que podem ajudar na construção dos programas de governo dos candidatos de oposição.

Talita Nascimento propõe a replicação dos casos de sucesso do Programa de Alfabetização na Idade Certa (PAIC), do Ceará, e do ensino médio de Pernambuco. O PAIC extinguiu a indicação política dos diretores de escola, criou materiais estruturados para serem usados por professores e alunos em sala de aula e implementou uma política de incentivos para municípios cujos alunos apresentassem boa evolução. Em Pernambuco, a jornada escolar do ensino médio foi ampliada para 9 horas diárias, incluídas horas para tutoria, laboratório e horários de leitura, tudo a partir de metas estabelecidas em diálogo com as escolas.

Pedro Fernando Nery propõe um benefício infantil universal ou semiuniversal pago por criança, como os que já existem em diversos países. Nery chama atenção para um aspecto importante do problema: os pais das crianças ricas já recebem um benefício quando descontam gastos com dependentes no Imposto de Renda.

Rodrigo Orair, Theo Palomo e Laura Carvalho propõem uma reforma que torne a tributação brasileira mais progressiva. A reforma incluiria, entre outros pontos, um imposto sobre carbono que aceleraria nossa transição para uma matriz energética mais limpa, regras mais semelhantes para a renda do trabalho e da atividade empresarial (inclusive, suponho, a dos "pejotizados"), um imposto sobre patrimônio dos mais ricos e a adoção de um imposto de valor agregado como o proposto no projeto de reforma tributária do economista Bernard Appy.

Em um texto muito instigante, Laura Karpuska, Felipe Salto e Ricardo Barboza propõem reformas para reconstruir nossa economia com base em três ideias: (a) abertura comercial; (b) a luta contra o spread bancário para reduzir os juros; e (c) a melhoria de nosso ambiente de negócios. A defesa da abertura deve suscitar resistências no leitor de esquerda. É um assunto a ser tratado com cuidado, mas a direção geral tem que ser a integração. O exemplo dos países do leste asiático (inclusive os de governo comunista) mostram que é difícil prosperar no capitalismo moderno sem nos integrarmos às cadeias de produção globais.

Enfim, se eu fosse o Lula e fosse eleito, já mandaria uns três capítulos desses como projeto para o Congresso antes de a plateia da posse acabar de cantar "Lula lá".

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. Celso R. de Barros | **TER. Joel Pinheiro da Fonseca** | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Equipamento para teleaudiência no Fórum Criminal da Barra Funda, em SP Rubens Cavallari-16.dez.21/Folhapress

Internet precária cria fosso de acesso à Justiça para vulneráveis

Virtualização amplia participação online, mas conexão segue como obstáculo

JUSTIÇA VIRTUAL

Matheus Moreira e Géssica Brandino

SÃO PAULO E MOGI DAS CRUZES (SP) A virtualização trouxe um paradoxo em relação ao acesso à Justiça. Por um lado, permitiu a participação de forma online de quem mora longe de fóruns e tribunais. Por outro, a má qualidade da internet comprometeu a utilização dos serviços do Judiciário.

A tecnologia para juízes, advogados e procuradores atenderem a distância ganhou ares de solução diante da pandemia da Covid.

"Essas medidas de inovação que surgem no contexto da pandemia, e que se disseminam em razão das necessidades dela, vieram para ficar", diz Valter Shuenquener, secretário-geral do CNJ (Conselho Nacional de Justiça).

"Duvido que algum advogado aceitará o fim do Balcão Virtual ou do Juízo 100% Digital, porque isso gerou conforto e redução de despesa [ao eliminar a necessidade de despachar pessoalmente com juízes]."

O Balcão Virtual é uma ferramenta do Programa Justiça 4.0 que funciona como um balcão de atendimento a distância.

Já o Juízo 100% Digital — que também inclui o uso da ferramenta— prevê a tramitação processual de forma inteiramente digital, mediante o consentimento dos envolvidos. Com isso, audiências também passam a ser realizadas virtualmente.

Shuenquener, que também é juiz e durante a pandemia julgou casos de audiência de custódia, avalia que, apesar das dificuldades, é melhor que essas audiências aconteçam do que sejam paralisadas, sob o risco de deixar pessoas presas sem necessidade.

"Presidi uma audiência em um domingo e, se eu não pudesse fazer por vídeo, na melhor das hipóteses, a audiência seria na segunda-feira em horário de expediente. Essa pessoa ficaria pelo menos mais um dia presa. Determinei a soltura do réu no domingo mesmo."

As audiências de custódia em formato virtual não proíbem que os defensores públicos estejam fisicamente junto de seus assistidos. O réu é levado ao fórum para que participe da audiência virtual.

A resolução 329/2020 do CNJ estabelece que as audiências de custódia por vídeo são legais. O preso tem direito de falar com o advogado em particular por qualquer meio possível e de ser acompanhado por seu defensor durante a audiência.

O ambiente durante a audiência deve ser filmado por meio de câmeras de 360 graus ou pelo uso de mais câmeras que possibilitem ver todo o local, bem como a parte de dentro e de fora da porta da sala. Exame de corpo de delito é obrigatório antes do julgamento da custódia.

Ativistas e organizações de defesa dos direitos humanos, porém, afirmam que a Justiça, já considerada elitista, distanciou-se ainda mais de pessoas em situação vulnerável.

Mara Campos, 57, diz que vivenciou isso, em janeiro de 2021, após a detenção do filho mais velho — preso há um ano, segundo ela, após uma sacola com vidros de lança-perfume ser deixada no carro dele sem autorização.

A mãe diz que não houve audiência de custódia e que o julgamento foi feito de forma virtual, sem espaço para que ela pudesse esclarecer os fatos. Mara conta que o filho já havia cumprido pena por tráfico de drogas e que o histórico foi usado contra ele.

"Ele está preso e pegou seis anos. Meu filho já tinha mudado de vida e não teve como se defender", disse.

O TJ-SP (Tribunal de Justiça de São Paulo) diz que os magistrados têm independência em suas decisões e que discordâncias podem ser manifestadas por meio de recursos.

Começamos a perceber que as audiências virtuais não estavam acontecendo porque muitas vezes os assistidos não tinham o equipamento, espaço no celular, não sabiam baixar aplicativos

Antônia Mendes de Araújo
atua na organização de direitos humanos Fórum Justiça Ceará

Sobre a audiência de custódia, a corte informou que elas foram suspensas em razão da pandemia, mas que, mesmo assim, os juízes realizam as análises das prisões em flagrante normalmente, após as manifestações da acusação e da defesa.

Em relação ao depoimento de Mara no julgamento, o tribunal informou que a defesa não a colocou como testemunha no processo.

Antônia Mendes de Araújo, 44, que atua no Fórum Justiça Ceará, uma organização de direitos humanos, é professora e trabalhou como ouvidora externa da Defensoria Pública do estado de 2019 a 2021.

Ela afirma que houve um aumento da demanda pelos serviços da Defensoria com o início dos atendimentos virtuais, mas também muita dificuldade no acesso de pessoas que não tinham internet nem conhecimento sobre como fazer um download.

"Começamos a perceber que as audiências virtuais não estavam acontecendo porque muitas vezes os assistidos não tinham o equipamento, espaço no celular, não sabiam baixar aplicativos. O que a Defensoria fez? Abriu uma sala de atendimento para essas pessoas", acrescenta.

O mesmo problema se repetiu no Acre, com pessoas com dificuldade para acessar o Judiciário por conta da conexão precária, conta a ouvidora da Defensoria, Solene Costa, 48.

"O fato de as pessoas terem o smartphone não quer dizer que tenham acesso à internet. Ela tem acesso ao WhatsApp, mas é limitado", afirma.

No Rio Grande do Sul, o presidente da associação de defensores públicos do estado, Mário Rheingantz, estudou as audiências virtuais criminais no mestrado e destaca que a conversa entre o assistido e o defensor é totalmente diferente dos atendimentos presenciais.

"Ainda que em um grau inconsciente, o nível de confiança em uma conversa que acontece em um ambiente virtual é menor."

Rheingantz diz ainda que a comunicação não verbal também foi prejudicada porque o que acontece na sala de audiência pode revelar situações que dificilmente seriam traduzidas e que podem ser importantes para a decisão judicial.

A dificuldade de acessar a internet prejudica o acesso à Justiça.

Segundo uma pesquisa do CGI (Comitê Gestor da Internet no Brasil), o número de pessoas com acesso à internet no país aumentou 9% em 2020 com relação ao mesmo período em 2019, chegando a 152 milhões de usuários com dez anos de idade ou mais.

Parece bom, mas não é bem assim. Isso porque 9 em cada 10 usuários das classes D e E (que ganham até quatro salários mínimos) acessam a internet pelo celular.

Frank William La Rue, especialista em direito do trabalho e relator especial da ONU para a Promoção e Proteção do Direito à Liberdade de Opinião e Expressão de 2008 a 2014, é referência na análise do que chama de hiato digital: a diferença entre aqueles que têm acesso às tecnologias e à informação e aqueles que têm acesso limitado.

É o caso de Joana (nome fictício), 36, cujo filho de 15 anos foi preso depois de ser atropelado por uma viatura da Polícia Militar após supostamente participar de um assalto.

A mãe afirma que o garoto teria sido enganado por um outro mais velho e que a própria vítima disse que o jovem não havia participado do assalto. O filho teve fratura exposta e foi socorrido, e o assaltante fugiu.

Joana não tem fácil acesso à internet e mora muito longe do centro de São Paulo, onde fica o escritório de advocacia que cuidou do seu caso sem cobrar nada.

"São quatro horas de ida e quatro de volta", diz sobre o trajeto que faz diariamente para chegar à casa onde trabalha como doméstica. A advogada que assumiu o caso é amiga da empregadora de Joana.

Durante o trabalho, ela parava para falar com a advogada vez ou outra porque o sinal na casa da patroa nunca falhou. "Eles [empregadores] me deram todo o apoio, disseram que eu podia levar o tempo que precisasse se me ligassem."

Durante os cinco dias em que seu filho esteve no hospital e na Fundação Casa aguardando a audiência de custódia, Joana diz que passou cerca de três horas diárias em um terreno a céu aberto ao lado de sua casa porque era o único lugar em que o sinal da operadora de celular funcionava.

Para participar da audiência virtual, ela precisou ir ao escritório dos advogados. Apesar disso, Joana diz preferir o formato virtual.

"Só de não ter que estar ali, no meio de todo mundo. Você já está passando pelo que está passando, né? Pela internet é bem melhor", disse.

O filho de Joana foi liberado para responder ao processo em liberdade e está em casa com a família. Ele ainda anda com dificuldade, embora a perna tenha desinchado. O julgamento está marcado para março, mas ainda não há previsão sobre se será virtual ou presencial.

A **Folha** tentou contato com a Defensoria Pública do Acre, mas não houve resposta até a conclusão da reportagem.

Apesar de ataque às portas da Otan, Kiev e Moscou sinalizam possível pacto

Bombardeio a 25 km da Polônia deixa 35 mortos; Rússia diz ter matado 180 'mercenários estrangeiros'

SÃO PAULO Forças russas lançaram vários ataques aéreos neste domingo (13) contra um centro de treinamento militar nos arredores da cidade de Lviv, no oeste da Ucrânia, a menos de 25 quilômetros da fronteira com a Polônia —país membro da Otan (aliança militar ocidental).

O governador regional Maksim Kozitski disse que 35 pessoas morreram e 134 ficaram feridas após aviões russos dispararem cerca de 30 foguetes contra o Centro Internacional de Manutenção da Paz e Segurança de Iavoriv. Ele acrescentou que alguns dos projéteis foram interceptados antes de atingirem seus alvos.

Os russos confirmaram que a investida deixou mortos, mas em número muito superior: 180 "mercenários estrangeiros", segundo o porta-voz do Ministério da Defesa, Igor Konashenkov. Moscou justificou o ataque como forma de destruir armas fornecidas por outros países e de desmobilizar o treinamento de sicários.

A instalação de 360 km² é uma das maiores da Ucrânia e a maior da parte ocidental do país. Instrutores militares estrangeiros já trabalharam na base, segundo o governo ucraniano —não ficou claro se algum deles estava lá no momento, mas, segundo a mídia ucraniana, eles já haviam deixado o local em fevereiro.

A afirmação parece correta porque a Ucrânia realizou a maioria de seus treinamentos com países da Otan antes do início da invasão russa, em 24 de fevereiro. Os últimos grandes exercícios no local foram em setembro.

Apesar do ataque, Moscou e Kiev deram neste domingo os sinais mais otimistas até aqui, dizendo que negociações podem levar a um acordo "nos próximos dias". A primeira manifestação do lado ucraniano veio de Mikhailo Podoliako, que participa dos diálogos e é conselheiro do presidente Volodimir Zelenski. Ele afirmou que a Ucrânia não pretende recuar, mas disse que os diálogos têm avançado.

"A princípio não vamos ceder em nenhuma posição, a Rússia agora entende isso. [Mas] a Rússia já está começando a falar de forma construtiva", afirmou em vídeo publicado em redes sociais. "Acho que alcançaremos alguns resultados literalmente em questão de dias", disse ele. "Nossas demandas são o fim da guerra e a retirada das tropas. Vejo um entendimento e há um diálogo", escreveu ele na sequência.

Do lado russo, a agência RIA citou o negociador Leonid Slutski, para quem as tratativas tiveram progressos substanciais. "Segundo as minhas expectativas, esse progresso pode crescer nos próximos dias em uma posição conjunta de ambas as delegações, em documentos para assinatura."

Os EUA corroboraram a impressão de que a Rússia quer negociar. À Fox News a vice-secretária de Estado, Wendy Sherman, afirmou que os americanos estão vendo "alguns sinais de negociações sérias e reais". Mostra de que há negociações em andamento, representantes de Moscou e Kiev anunciaram que vão se reunir novamente nesta segunda (14), por videoconferência.

Ainda que os acenos a um acordo entre os dois países sejam positivos, eles contrastam com o ataque russo próximo à fronteira com a Polônia, especialmente preocupante pois o país vizinho é membro da Otan. Segundo o artigo 5º do tratado da aliança militar, a organização é obrigada a defender qualquer Estado membro que for atacado, algo que gera temores de uma Terceira Guerra Mundial.

O governo polonês tem insistido numa ação mais incisiva contra os russos. Neste domingo, o presidente Andrzej Duda disse que, se Moscou estiver usando armas químicas na Ucrânia, a Otan deve repensar seu papel no conflito, "porque fica perigoso não só para uma parte da Europa, mas para o mundo todo".

A afirmação veio após a comissária de direitos humanos do Parlamento da Ucrânia, Liudmila Denisova, acusar a Rússia de usar munições de fósforo branco durante um ataque noturno à cidade de Popasna, no leste do país. O material, solúvel em gordura, chega a queimar o corpo humano até o osso, e fragmentos de fósforo branco podem ainda entrar na corrente sanguínea e causar falência de múltiplos órgãos.

O ataque deste domingo também preocupa porque cidades no oeste da Ucrânia têm recebido a maioria dos civis que fogem das cidades mais atingidas no leste e no sul. Lviv, a 40 km de distância da Polônia e próxima ao local do bombardeio, é o principal centro de trânsito para os refugiados que saem do país.

Segundo dados das Nações Unidas, dos 2,6 milhões de refugiados que deixaram a Ucrânia desde o início da guerra, 1,6 milhão atravessou a fronteira para a Polônia. A agência de notícias Reuters questionou o Kremlin sobre o ataque tão próximo à fronteira com um país membro da Otan, mas não obteve resposta.

Em entrevista à CNN, o conselheiro de segurança nacional da Casa Branca, Jake Sullivan, disse que o ataque da Rússia perto da fronteira polonesa reflete "sua crescente frustração com o ritmo da invasão".

Sullivan disse que Washington não tem planos de enviar forças militares americanas à Ucrânia, mas acrescentou que os EUA defenderão "cada centímetro" do território da Otan, aumentando a assistência aos combatentes ucranianos, inclusive por meio do fornecimento de armas antiaéreas.

O envio de armas de potências ocidentais a Kiev, aliás, é um ponto importante para entender a ação russa deste domingo. No dia anterior, o vice-chanceler Serguei Riabkov havia alertado os Estados Unidos de que tropas russas poderiam atacar comboios que estivessem transportando armamentos para o país hoje invadido.

Assim, a declaração do porta-voz do Ministério da Defesa russo confirmou a intenção de concluir este objetivo ao atacar o Centro Internacional de Manutenção da Paz e Segurança de Iavoriv.

> "A Rússia já está começando a falar de forma construtiva. Acho que alcançaremos resultados em questão de dias
>
> **Mikhailo Podoliako**
> negociador ucraniano e conselheiro da Presidência

> "Esse progresso pode crescer em uma posição conjunta
>
> **Leonid Slutski**
> negociador russo

Rússia pede material militar a China, dizem autoridades dos EUA

A Rússia pediu que a China fornecesse equipamento militar e a apoiasse na guerra na Ucrânia, relatou o jornal The New York Times a partir de autoridades americanas sob condição de anonimato. O Kremlin também teria solicitado assistência econômica à ditadura comunista, na tentativa de neutralizar as sanções impostas por países que se opõem à invasão russa. O porta-voz da embaixada chinesa em Washington, Liu Pengyu, disse à Reuters que nunca ouviu falar dessa história. A prioridade de seu país, continuou, era assegurar que a situação ucraniana, "de fato desconcertante", não saísse do controle.

Destroços no centro de treinamento militar em Iaroviv, perto da fronteira com a Polônia, após bombardeios russos BackAndAlive no Twitter/Reuters

Episódio faz conflito mudar de patamar e aumenta risco de Terceira Guerra Mundial

ANÁLISE

Igor Gielow

SÃO PAULO O ataque russo ao Centro Internacional de Manutenção da Paz e Segurança de Iavoriv coloca o conflito na Ucrânia em um novo patamar, perigosamente perto do cenário mais tenebroso de todos, o de um embate entre Moscou e forças da Otan, a aliança militar ocidental.

Em português, o risco de uma Terceira Guerra Mundial, nuclear como todos os lados já avisaram ser inevitável ao longo dessas semanas de crise. Se a hipótese já havia sido reintroduzida no cotidiano após 30 anos de dormência devido às ilusões do fim da Guerra Fria, agora ela está colocada na mesa.

Ao executar o ataque, Moscou deu materialidade à ameaça feita pelo vice-chanceler Serguei Riabkov na véspera, de que os comboios com letais mísseis antitanque e antiaéreos enviados pelo Ocidente para Kiev seriam alvos militares legítimos. Por óbvio, eles o são.

A Rússia está perdendo uma quantidade considerável de blindados em razão desses armamentos. O ataque foi um alerta: a base de Iavoriv, a meros 25 km da fronteira polonesa, é um dos centros de recebimento e distribuição presumidos desses insumos letais.

Local em que militares americanos ensinavam ucranianos a manejar o lançador portátil de mísseis antitanque Javelin pouco antes da guerra, Iavoriv é um dos pontos de contatos mais óbvios entre Otan e Kiev. Não será surpresa se algum dos mortos for ocidental, embora ninguém possa admitir isso.

A ação coincidiu também com relatos de que Kiev e Moscou podem estar próximas de fazer avançar algum acordo, então pode também ser lida como um risco no chão feito pelos russos a fim de manter o Ocidente de fora dos termos das negociações.

Se tivessem atacado um comboio, de resto o próximo passo lógico da escalada, os russos arriscariam matar algum polonês. O país vizinho, por sua longa história esmagada entre os interesses da Alemanha e da Rússia, que lhe privaram a soberania várias vezes, é provavelmente o mais agressivo membro da Otan.

Foi em Varsóvia que se desenhou o plano de enviar sua frota de 28 caças MiG-29 para Kiev usar na guerra, só para ser refutado pelos EUA. É de lá também que saem os pedidos mais insistentes para que o apelo de Volodimir Zelenski para que o Ocidente implante uma zona de exclusão aérea na Ucrânia seja ouvido.

Novamente, recebeu uma negativa da Otan, baseada na admissão cândida de que tal medida levaria a uma Terceira Guerra com a maior potência nuclear do mundo. Ainda assim, as engrenagens da guerra não param. Neste domingo (13), o presidente polonês, Andrzej Duda, um líder quase tão iliberal quanto Jair Bolsonaro ou o vizinho húngaro Viktor Orbán ou o rival Vladimir Putin, disse em uma entrevista que a Otan deveria considerar ir à guerra caso fossem usadas armas de destruição em massa na Ucrânia.

Os EUA já deslocaram duas baterias antiaéreas Patriot para a Polônia. Não se sabe o status operacional delas, mas basta um dos caças ou aviões de ataque que dispararam contra Iavoriv escapar um pouco de sua trajetória e cruzar o espaço aéreo polonês para o relógio adiantar um minuto rumo ao conflito maior.

Durante a crise dos mísseis de Cuba em 1962, o presidente John Fitzgerald Kennedy mandou distribuir entre todos os comandantes das Forças Armadas dos Estados Unidos o livro "Os Canhões de Agosto", publicado naquele ano pela historiadora americana Barbara Tuchman. A obra resumia, de forma concisa e brilhante, como cada fator da crise que levou à Primeira Guerra Mundial em agosto de 1914 se moveu como uma peça autônoma de uma grande engrenagem, ignorando consequências de suas decisões.

Políticas de alianças rígidas, certezas obsoletas e percepções incorretas fizeram ao fim o mundo desabar no grande conflito, que só teve seu desfecho na ainda mais mortífera Segunda Guerra Mundial 25 anos depois. Ao fim, ambos os conflitos colheram algo como 100 milhões de almas.

Não se sabe se os militares de Kennedy leram o livro, mas aquele momento acabou com a assertiva do presidente: "Não entraremos em guerra", disse, desafiando o maquinário fardado que jogava Washington em um conflito nuclear.

Quase 60 anos depois da crise de Cuba, alguém deveria levar cópias do livro de Tuchman para Putin, Joe Biden, Duda, Zelenski e tantos outros.

Jornalista americano é morto em ataque ao cobrir crise na Ucrânia

Polícia local fala que tiros vieram de soldados russos; informação não pôde ser confirmada de modo independente

O jornalista Brent Renaud Divulgação/Universidade do Arkansas

GUARULHOS E SÃO PAULO Um jornalista americano que cobria a guerra na Ucrânia foi morto nos arredores de Kiev neste domingo (13), 18º dia da invasão russa, quando tentava documentar os ucranianos que buscam deixar o país.

O chefe da polícia local, Andri Niebitov, disse que Brent Renaud, 50, foi baleado por forças russas que abriram fogo contra um carro perto de Irpin, cidade sob constante bombardeio de Moscou desde a última semana. A informação, porém, não pôde ser confirmada de maneira independente. Cada vez mais esvaziada, Irpin conta com muitos civis armados e com pouco ou nenhum treinamento prévio.

A cidade assiste a combates se intensificarem em seu entorno, no município de Bucha e na área do aeroporto de Hostomel. Assim, não é possível descartar que os tiros tenham vindo de tropas ucranianas.

Juan Arredondo, jornalista que estava com Renaud no momento do ataque, ficou ferido, com estilhaços na perna, e foi levado para o hospital infantil Okhmatdit, o maior de Kiev.

Em vídeo publicado no perfil do hospital no Instagram, Arredondo relata que ele e o colega haviam cruzado uma ponte de Irpin e passado por um posto de controle quando se tornaram alvo dos tiros.

"Cruzamos um posto de controle, e eles começaram a atirar em nós. Então o motorista virou, e eles continuaram atirando. Há dois de nós. Meu amigo é Brent Renaud, e ele recebeu um tiro e foi deixado para trás... Eu o vi levando um tiro no pescoço", contou o jornalista enquanto era atendido numa maca.

No local em questão, uma avenida que atravessa Irpin e dá acesso a Bucha, um grupo de milicianos locais comanda o posto que dá acesso a uma base do Exército ucraniano, improvisado dentro de um conjunto de prédios residenciais no qual os militares conseguem observar movimentações russas no horizonte.

Nas últimas 24 horas, tropas russas reforçaram os ataques ao local, com fortes baterias de morteiros, que chegaram a atingir a avenida. Pela cidade, relatos dão conta de que um ataque maciço russo esteja para acontecer nas próximas horas, o que elevou o nível de tensão e alerta entre os soldados ucranianos.

Horas antes do incidente, o colaborador da **Folha** André Liohn, acompanhado de dois outros colegas, foi recebido com hostilidade no mesmo posto de controle. Um dos milicianos responsáveis por guardar o local chegou a ameaçar o repórter a distância com um fuzil Kalashnikov.

A polícia local fala em dois feridos, sem especificar quem é a outra pessoa, mas os dois homens foram atingidos dentro de um carro dirigido por um civil ucraniano, que também ficou ferido, disse à agência de notícias AFP Danilo Shapovalov, médico envolvido com as forças ucranianas que cuidaram das vítimas.

Segundo o jornal The New York Times, Anton Gerashchenko, assessor do ministro do Interior da Ucrânia, disse em nota que Renaud "pagou com a vida por tentar expor a crueldade dos agressores".

Renaud foi inicialmente identificado como repórter do New York Times, mas a empresa divulgou uma nota lamentando a morte e afirmando que o profissional havia colaborado para o diário pela última vez em 2015. "Apesar de ele ter colaborado para o New York Times no passado, ele não estava na Ucrânia a serviço de nenhum setor do jornal", disse. "Notícias iniciais de que ele trabalhava para o New York Times circularam porque ele usava uma credencial da empresa obtida numa pauta de muitos anos atrás."

O Comitê para a Proteção dos Jornalistas (CPJ, na sigla em inglês), organização que monitora a atividade da categoria há mais de quatro décadas, lamentou a morte de Renaud e pediu que a liberdade de imprensa seja assegurada. "Esse tipo de ataque constitui uma violação do direito internacional", disse Carlos Martínez de la Serna, diretor do CPJ em Nova York. "As forças russas na Ucrânia devem parar a violência contra jornalistas e civis, e quem matou Renaud deve ser responsabilizado."

A Fundação Nieman, projeto voltado para o jornalismo e apoiado pela Universidade Harvard, nos EUA, onde Renaud estudou, também se manifestou. Ann Marie Lipinski, curadora da fundação, disse no Twitter que o repórter era talentoso e gentil e que seu trabalho sempre esteve impregnado de humanidade.

Brent Renaud se dividia entre Nova York e a cidade de Little Rock, no Arkansas. Ao longo da carreira, colaborou com veículos de mídia como The New York Times, HBO, Discovery Channel e NBC.

Ele já havia registrado as guerras do Iraque e do Afeganistão, dentre outras crises.

O americano é o segundo profissional da imprensa morto na guerra. O cinegrafista ucraniano Ievhenii Sakun, 49, morreu em 1º de março durante um ataque russo a uma torre de TV em Kiev, quando outras quatro pessoas também foram mortas. Ele cobria o conflito para a rede local Live.

Com AFP, Reuters e The New York Times

18º dia de incursões da Rússia sobre a Ucrânia

- Reivindicado por separatistas, mas sob domínio ucraniano
- Sob domínio dos separatistas e agora reconhecidas por Moscou
- Ocupado por tropas russas
- Anexada pela Rússia em 2014
- Incursões militares russas relatadas
- Ataques relatados
- Maior usina nuclear da Europa

Fontes: Graphic News, The New York Times, Instituto para o Estudo da Guerra, The Guardian

Sem terno e de camiseta verde, Zelenski quer sinalizar que guerra é de todos os ucranianos

João Perassolo

SÃO PAULO Diversos tons de verde. Quem vê as redes sociais ou os vídeos divulgados por Volodimir Zelenski depois do início da guerra contra a Rússia nota que o presidente ucraniano sempre aparece vestindo uma camiseta justa da cor da mata.

Na maioria das vezes a peça é lisa, mas alguns modelos trazem, do lado esquerdo do peito, a insígnia das Forças Armadas ou um bordado da bandeira da Ucrânia com o número 5.11, marca de uma fabricante de roupas militares.

O verde e suas variações se estendem também para as calças e casacos de moletom com zíper vestidos pelo líder, e tudo fica mais monocromático quando Zelenski aparece em seu gabinete sentado numa poltrona verde detrás de uma mesa repleta de objetos da mesma cor.

Embora ele tenha adotado o marrom nos últimos dias e, em apenas uma ocasião, uma camiseta camuflada, a referência à militarização do país em seu visual é óbvia.

Ao substituir a formalidade da camisa branca e do paletó que trajava antes da guerra e adotar tons de musgo, Zelenski passa a ideia de um líder combatente, fardado, que se põe na linha de frente do conflito, diz Leonardo Trevisan, doutor em ciência política pela USP e professor da ESPM.

O especialista acrescenta que um líder civil vestindo roupas de referência militar simboliza que a guerra é um assunto de todos os ucranianos, não apenas do Exército. Homens entre 18 e 60 anos foram proibidos de deixar o país, para pegarem em armas.

O presidente Volodimir Zelenski Divulgação/Presidência Ucraniana/AFP

A ideia de civis tornados militares por necessidade, sintetizada nesse visual, é também vendida pelo presidente ucraniano como uma ameaça aos russos, segundo Trevisan, que lembra o contraste com os pronunciamentos do líder do país invasor.

"Você não pressupõe que quando Vladimir Putin fala sobre a Rússia ele não esteja de paletó e gravata." A comunicação política do presidente russo é vertical, de cima para baixo, ao passo em que a de seu par ucraniano é horizontal, mais igualitária e afeita às redes sociais — e isso se reflete no guarda-roupas.

O visual a um só tempo austero e despojado de Zelenski foi adotado por outros oficiais do país. Numa foto das negociações na Belarus entre ucranianos e russos dias atrás, para costurar um possível cessar-fogo, três dos quatro membros da delegação de Kiev vestiam verde-oliva, e somente um estava com traje azul e preto.

Do lado oposto da mesa, os cinco negociadores de Moscou usam terno e gravata.

Olhando para a história de outros conflitos, é possível encontrar lideranças que seguiram a mesma lógica. Premiê da Inglaterra durante a Segunda Guerra, Winston Churchill se vestia com uniformes militares completos.

É fato que, na terceira semana da guerra, as cores da bandeira da Ucrânia entraram para a cultura pop, estampando camisetas em desfiles da semana de moda de Paris e de bandas de rock inglesas.

O visual de Zelenski segue o mesmo caminho: camisetas verdes iguais às suas podem ser compradas online por US$ 16, aproximadamente R$ 80. "Peça perfeita para os amantes da Ucrânia. Um bom presente para os ucranianos", diz a descrição.

TODA MÍDIA | *Nelson de Sá*
nelson.sa@grupofolha.com.br

No Iêmen, mais 47 crianças foram mortas ou mutiladas

O francês Le Monde noticiou, assim como a qatari Al Jazeera e o China Daily, do ministério do exterior chinês, mas poucos veículos mais.

O Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) informou no sábado em Saná, capital do Iêmen, que 47 crianças foram mortas ou mutiladas em janeiro e fevereiro, na guerra que "recrudesceu recentemente". Em sete anos de conflito, já foram mortas 10.200 crianças.

O americano Wall Street Journal nem registrou, em extensa reportagem no domingo, em que acompanhou combatentes pró-Arábia Saudita e Emirados, em Marib, cidade no Norte do Iêmen. Na chamada na home, "Sauditas lutam para virar o jogo" contra combatentes pró-Irã.

"Balas inimigas rasgam por cima da cabeça", começa o texto, que destaca um soldado que chama de "Fouad O Bravo". Os ataques, sobretudo aéreos, dos militares sauditas e seus aliados utilizam armamentos e têm suporte dos Estados Unidos.

Mas querem mais. Segundo o enviado do jornal, "uma alta autoridade saudita" avisou: "Se eles tomarem o controle de Marib, nós vamos perder a guerra e vamos perder a estabilidade na região".

MAIS GUERRA Iranianos como PressTV e israelenses como Ynet destacaram no domingo que a Guarda Revolucionária do Irã afirmou ter atacado "bases do Mossad" ou "centros estratégicos de Israel" na região curda, no Iraque. Seria uma resposta a um ataque israelense a iranianos na Síria, que matou dois. Americanos como New York Times e WSJ levaram aos títulos que os mísseis atingiram "perto do consulado" e "enviaram soldados dos EUA correndo para os abrigos".

180 MERCENÁRIOS Russos como Argumenty i Fakty e Kommersant noticiaram, citando o ministério da defesa do país, que "180 mercenários estrangeiros" foram mortos no ataque a uma base militar no Oeste da Ucrânia. Foi o número usado também pelo Times of India e outros emergentes, em manchetes digitais.

35 PESSOAS Nas manchetes de NYT e WSJ, além de outros pelo Ocidente, por vezes mencionando "autoridades ucranianas" como fonte, foram "pelo menos 35 pessoas".

MUSK, OS GOVERNOS E A LIBERDADE DE EXPRESSÃO
O fundador e CEO do buscador americano DuckDuckGo anunciou que até ele estava adotando ações contra a 'desinformação russa'; com isso, resta a rede de satélites de Elon Musk, que tuitou em seu perfil (banner acima): 'Alguns governos falaram para a Starlink bloquear as fontes de notícias russas. Não o faremos a não ser sob mira de arma. Desculpem por ser absolutista da liberdade de expressão'

Comparando as ondas rosas

Atual guinada à esquerda não é a mesma que varreu a América Latina nos anos 2000

Mathias Alencastro
Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, ensina relações internacionais na UFABC

Três características fundamentais distinguem a onda rosa que tomou a América Latina no início dos anos 2000 da que começa a se consolidar com a vitória da esquerda no Chile, antecedida por eleições no México, na Argentina e na Bolívia, e que pode ganhar nova dimensão com a perspectiva de governos progressistas na Colômbia e no Brasil.

A primeira característica é geracional. Gabriel Boric, 36, construiu sua trajetória política na defesa da democracia, enquanto seus predecessores entregaram suas vidas ao combate às ditaduras militares dos anos 1970. O peso da história moldou a ação dos governos da primeira onda em ao menos duas frentes.

Ao serem sucedidos por outros governos democráticos, deram o passo de libertar os latino-americanos do passado de golpes, repressão e tortura. Mas a solidariedade regional, forjada por décadas de militância conjunta, também se revelou um obstáculo na hora de denunciar a deriva autoritária em países aliados da região. Em sua posse, Boric ousou e assumiu a vontade de virar a página: reverenciou Salvador Allende e a resistência latino-americana, mas não convidou os líderes de Nicarágua, Venezuela e Cuba.

A segunda característica é econômica. A chegada ao poder da primeira onda coincidiu com a entrada da China na Organização Mundial do Comércio em 2001 e o desencadear do superciclo de commodities.

Num mundo em que o aumento da geração de renda parecia infinito (o superciclo só atingiu seu pico em 2011), todas as utopias eram permitidas. A centralidade do petróleo na prosperidade econômica da América Latina dava respaldo a décadas de teses sobre a relação entre a luta pela soberania, o fortalecimento da indústria e a gestão dos recursos naturais.

A realidade de hoje é mais incerta. Se o contexto de alta de commodities se repete, o paradigma da economia política internacional mudou radicalmente. O imperativo da transição energética, tornado inevitável pela crise climática, obriga os novos governantes a olharem a indústria fóssil não como o começo, mas o fim de uma era econômica para a região.

A terceira característica é, precisamente, a forma como a esquerda pensa o futuro da América Latina. No começo do século, a onda rosa uniu todos os governos, inclusive os não alinhados ideologicamente, em torno da necessidade de dar uma voz única à região depois de um século de hegemonia norte-americana.

Mas tudo mudou na última década. A China não se tornou apenas o maior parceiro comercial da região. Ela também aproveitou as divisões do Mercosul para acelerar a incorporação de países-membros dentro do seu espaço geopolítico e até negociou acordos bilaterais de livre comércio.

A competição entre superpotências abre possibilidades extraordinárias para os governos da segunda onda rosa. Mas elas só poderão ser realizadas se a América Latina se unir em torno de uma plataforma progressista, que a permita agir como uma unidade geopolítica dentro de um mundo multipolar.

| SEG. Mathias Alencastro | **QUI. Lúcia Guimarães** | SEX. Tatiana Prazeres | SÁB. Jaime Spitzcovsky

Campo para deslocados internos na província rebelde de Idlib, no norte da Síria Omar Haj Kadour/AFP

E a Síria, hein? E o Haiti? Saiba como estão outros conflitos

Situação no Leste Europeu eclipsou outros países que passam por crises

Guilherme Botacini

SÃO PAULO A guerra entre Rússia e Ucrânia já vinha monopolizando as atenções mesmo antes de Vladimir Putin invadir o território do país vizinho. Diante do maior conflito em solo europeu desde a Segunda Guerra Mundial, Redações de jornais do mundo inteiro, a da **Folha** inclusive, mobilizaram todos os esforços para a cobertura do conflito, que se estende desde a madrugada do dia 24 de fevereiro.

Com bombardeios a áreas civis, milhares de mortos e mais de 2 milhões de refugiados, a guerra eclipsou outras graves crises que seguem se desenrolando. Áureo Toledo, professor de Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia, afirma que, desta vez, "o tamanho e o tipo de engajamento das potências são diferentes", o que explicaria o destaque maior ao conflito no Leste Europeu.

"E esses conflitos hoje eclipsados acontecem no sul global, em regiões comumente esquecidas, como África, Ásia. O conflito na Ucrânia expõe isso."

Por isso, a **Folha** faz um resumo da situação em outros países que passam por crises.

*

Afeganistão

A retirada de tropas americanas do país, seguida da rápida retomada do poder pelo Talibã após 20 anos, em agosto do ano passado, empurrou o país para um novo momento de crise econômica e social.

Relatório do Acnur, agência da ONU para refugiados, divulgado em fevereiro aponta que metade dos cerca de 40 milhões de afegãos precisa de ajuda para necessidades básicas, como moradia, comida e aquecimento durante o forte inverno local. Estima-se em 2,6 milhões o número de refugiados do país.

Toledo relembra choques recentes entre soldados talibã e forças paquistanesas na fronteira, uma situação potencialmente perigosa e ofuscada pelo conflito ucraniano e que ainda conta com a presença do Estado Islâmico Khorasan.

Síria

Depois de 11 anos de confronto, o país segue dividido entre áreas ocupadas pelo governo de Bashar Al-Assad, por forças de oposição ao ditador e pelas Forças Democráticas Sírias (FSD), majoritariamente compostas por curdos. A Turquia também integra o conflito, justamente para combater as FSD, que demandam partes dos territórios turco e sírio.

O Estado Islâmico chegou a dominar grande faixa das terras sírias, mas, hoje, não controla áreas povoadas. Seus militantes, no entanto, continuam lembrando os envolvidos na contenda que ainda podem causar danos, com ataques em áreas dominadas por outras forças. No fim de janeiro, o grupo jihadista atacou uma prisão sob controle das FSD e deixou dezenas de mortos.

Comparado a anos anteriores, o embate hoje está mais estabilizado do ponto de vista territorial, com mais da metade do país sob controle do regime de Assad, apoiado pelo líder russo, Vladimir Putin.

Iêmen

Palco da crise humanitária mais grave do mundo, de acordo com a ONU, o Iêmen vive uma guerra cujos interesses envolvidos superam suas fronteiras. A renúncia de Abd Rabbu Mansour Hadi forçada por rebeldes houthis, em janeiro de 2015, foi respondida por ataques de uma coalizão liderada pela Arábia Saudita, com apoio dos EUA. Os houthis têm o apoio de Irã e Iraque.

Segundo relatório do Acnur, 8 em cada 10 iemenitas estão abaixo da linha da pobreza.

A guerra se intensificou nos últimos meses, e janeiro foi um dos piores em número de mortes de civis. Em 17 de janeiro, os rebeldes houthis atacaram com um drone Abu Dhabi, a capital dos Emirados Árabes Unidos, matando três trabalhadores estrangeiros em uma instalação industrial de petróleo.

Palestina

Em relação aos 11 dias de ataques entre Israel e Hamas em 2021, a situação nos territórios palestinos é menos grave. No entanto, o coordenador da ONU para o processo de paz no Oriente Médio, Tor Wennesland, ressaltou no último dia 23 que o cenário na Faixa de Gaza é de "calma frágil".

Wennesland afirma que o domínio do Hamas, aliado a restrições impostas por Israel à área, está "criando uma geração que vivenciou múltiplas guerras e crises humanitárias e tem poucas perspectivas para melhorar de vida".

Etiópia

O conflito etíope opõe a Frente de Libertação do Povo do Tigré (TLPF), no norte do país, ao premiê Abiy Ahmed Ali, que ganhou o Prêmio Nobel da Paz antes de o país degringolar para disputas armadas.

Embora o governo tenha libertado presos políticos e dito que iria iniciar diálogos pela paz, a guerra continua e se expande para regiões vizinhas.

Mianmar

A junta militar que derrubou o governo de Aung San Suu Kyi completou um ano no poder no primeiro dia de fevereiro e viu uma explosão deixar 2 mortos e mais de 30 feridos numa manifestação a favor do Exército. Assim, o regime estendeu por mais seis meses o estado de emergência sob o qual o país já vivia.

Estimativas do Projeto de Dados de Localização e Eventos de Conflitos Armados (Acled, na sigla em inglês) apontam que confrontos e a repressão da junta deixaram cerca de 12,5 mil mortos até janeiro. Grupos opositores mantêm a resistência em um cenário que agora toma contornos de conflito armado.

Haiti

O ano de 2021 foi mais um de aprofundamento da crise social haitiana, que dura décadas e se mistura com a própria história do país como nação independente — a mais pobre da América Latina. Em julho, o então presidente, Jovenel Moïse, foi assassinado a tiros em sua casa.

Atualmente, segundo disse em fevereiro Helen La Lime, representante das Nações Unidas no Haiti, 4,9 milhões de pessoas (43% da população) precisam de assistência.

Surto de Covid na China confina 17 mi e põe estratégia em xeque

Thiago Amâncio

SÃO PAULO Enquanto parte do planeta elimina as restrições para conter a Covid-19, depois de surtos devastadores que mataram mais de 6 milhões de pessoas, a China tem apertado mais o cerco contra o coronavírus enquanto enfrenta a pior onda da doença em dois anos.

Só neste domingo (13) foram registrados 3.939 novos casos de infecção pela doença. O número seria considerado um sucesso em qualquer país do Ocidente, mas acende alarmes na China, que desde o início da pandemia adotou a política de Covid zero, segundo a qual nenhum nível de contaminação é aceitável.

O temor é o de que, sem controle, aconteça uma situação similar à da Coreia do Sul, também considerada um exemplo bem-sucedido de contenção da doença, mas que viu o número de contaminações disparar e atingir média diária de mais de 300 mil casos —muito acima do registrado no Brasil, por exemplo.

Com o avanço da variante ômicron, porém, surtos têm sido registrados em diferentes partes da China, e o isolamento de alguns dos principais centros financeiros da segunda maior economia do mundo, como Xangai e Shenzhen, tem levantado dúvidas sobre a sustentabilidade da política de tolerância zero.

"Gostaria de estar errado, mas acho que a ômicron é mais forte que a política de Covid zero", diz Rodrigo Zeidan, professor de economia da Universidade de Nova York em Xangai. A cidade, de 25 milhões de pessoas, ainda não entrou em lockdown completo, mas alguns bairros foram isolados, bem como escolas e equipamentos culturais.

Zeidan ressalta que a política de Covid zero tem apoio da população, mas que o lockdown gera ansiedade e preocupação. E dá um exemplo do nível de controle do país sobre a doença. "A mulher de um colega professor acaba de ir para um hotel de quarentena porque pegou um táxi depois que uma pessoa infectada tinha andado no carro. Então precisou se isolar", diz.

O receio em Xangai é que ocorra o mesmo que aconteceu em Shenzhen, centro econômico e polo tecnológico no sul do país, com 17 milhões de habitantes. Após dias confinando bairros pontuais, a metrópole enfim entrou em lockdown completo neste domingo, após identificar 66 casos sintomáticos.

Para se ter uma ideia da importância da cidade, é em Shenzhen que fica a sede de algumas das maiores empresas do país, como a Huawei, de produtos eletrônicos, BYD, montadora de carros, e a Tencent, uma das principais companhias de internet do mundo.

Há incerteza sobre quanto tempo durará o lockdown. O isolamento de Xian, na região central do país, com 13 milhões de habitantes, durou um mês, entre dezembro e janeiro.

Dentro da China já há pesquisadores que defendem uma política de coexistência com o vírus. No começo do mês, Zeng Guang, ex-cientista-chefe do Centro de Controle e Prevenção de Doenças da China, um dos responsáveis pelas respostas iniciais ao vírus, afirmou que a estratégia chinesa não pode "permanecer inalterada para sempre" e que "é o objetivo de longo prazo da humanidade coexistir com o vírus".

Na sexta (11), autoridades já haviam decidido isolar Changchun, com 9 milhões de habitantes, capital da província de Jilin, que faz fronteira com a Coreia do Norte e com a Rússia, na região de Vladivostok.

Na mesma província, Yanji, com 700 mil habitantes, também foi confinada. Na cidade de Jilin, bairros foram isolados depois que 500 casos foram confirmados.

"Os mecanismos de resposta de emergência em algumas áreas não são suficientemente robustos, não há compreensão suficiente das características da variante ômicron e houve decisões equivocadas", afirmou Zhang Yan, autoridade de saúde de Jilin.

Ibram X. Kendi

Acabar com testes padronizados é mais útil do que ações afirmativas

Historiador americano defende alternativa às cotas raciais como meio mais efetivo para levar jovens negros às universidades

MUNDO

Rafael Balago e Patricia Pamplona

WASHINGTON E SÃO PAULO Para o pesquisador antirracista Ibram X. Kendi, abolir testes padronizados pode ser um caminho mais efetivo para levar mais jovens negros às universidades do que a adoção de ações afirmativas.

Nos Estados Unidos não há cotas nos mesmos moldes utilizados no Brasil. As ações variam conforme a lei em cada estado, e há regiões que permitem considerar o fator racial nas avaliações de admissão, como uma forma de levar diversidade para as instituições. Em outros locais, a prática não é permitida.

Esse tipo de iniciativa começou nos anos 1960, foi chancelado pela Suprema Corte americana, mas novos questionamentos podem levar o tribunal a rever a decisão. "Como resultado da pandemia, muitas universidades altamente seletivas tornaram os testes de admissão algo optativo. Assim, muitas delas receberam números recordes de candidatos de famílias de baixa renda e de pessoas não brancas. E terminaram admitindo turmas que eram tão qualificadas quanto as anteriores", diz Kendi.

"Sabemos que resultados em testes padronizados são mais um reflexo da riqueza e da renda das famílias do que a perspectiva da performance de um estudante na faculdade. E pessoas brancas têm dez vezes mais riqueza do que pessoas negras nos Estados Unidos", aponta o acadêmico.

Kendi, 39, diretor do Centro de Pesquisa Antirracista da Universidade de Boston, publicou nos últimos anos livros sobre como ser antirracista e a origem de ideias racistas e da comunidade negra nos Estados Unidos.

Em "Marcados", por exemplo, mapeia como diversos pensadores europeus buscaram uma base teórica para justificar a escravização de africanos, com interpretações bíblicas e a tentativa de comparar negros a animais — Kendi afirma que muitas das ideias daquela época ainda circulam, como argumento para justificar a desigualdade social. À **Folha** o escritor também falou sobre liberdade de expressão para ideias racistas, as políticas do governo de Joe Biden para os negros e o trabalho que faz voltado para crianças.

*

Como a sociedade pode conter a circulação de ideias racistas e conciliar isso com a liberdade de expressão? Há ideias e coisas que as pessoas dizem que são desprezíveis, erradas, amáveis, exageradas. Mas as pessoas devem ter o direito e a liberdade de dizer essas coisas. E as pessoas devem também ter a liberdade de descrevê-las como racistas, ou antirracistas, ou desprezíveis, ou boas, ou exageradas etc.

Também devemos ter um mundo educado e sociedades em que as pessoas possam discernir entre visões racistas e antirracistas. Outro desafio é que a maioria das pessoas que expressam visões racistas não sabe que é racista. E mesmo alguém dizendo que são racistas, elas se recusam a reconhecer isso.

E como educar melhor as pessoas sobre isso? Ajudaria se sistematicamente ensinarmos às crianças, por meio das escolas, dos adultos e da mídia, a história do racismo. É importante descobrirmos formas de engajar nossas crianças, como pais, professores, cuidadores, e ensinar a elas que o racismo é o problema, não as pessoas de pele mais escura. Ensinar que a desigualdade existe, como resultado de más políticas, não de más pessoas. Ensinar que há diferentes culturas e diferentes formas de ser e de olhar o mundo.

Devemos apreciar e abraçar essa diferença. É o que faz nosso país, nosso mundo, ser bonito. Temos que ensinar ativamente nossas crianças, e meu próximo livro é sobre isso, como criar um antirracista, para que os cuidadores possam fazer isso com a próxima geração.

A Suprema Corte dos EUA analisa atualmente um questionamento às ações afirmativas. O senhor avalia que há risco de redução nas ações para ajudar os negros a acessarem universidades? As ações afirmativas são um fator menor de admissão. Há outros fatores maiores. Sabemos que resultados em testes padronizados são mais um reflexo da riqueza e da renda das famílias do que um indicador de que um estudante se dará bem na faculdade. E pessoas brancas têm dez vezes mais riqueza do que pessoas negras nos Estados Unidos. Então, os SATs [espécie de Enem dos EUA] garantem tratamento especial para certos grupos de pessoas que têm dinheiro, e pessoas brancas e asiático-americanas são desproporcionalmente ricos. O problema não são as ações afirmativas, mas que os principais fatores de admissão sejam classificados como racialmente neutros, quando são tudo menos isso.

E como corrigir este problema? Como resultado da pandemia, muitas universidades altamente seletivas tornaram no ano passado os testes de admissão algo optativo. Assim, muitas delas receberam números recordes de candidatos de baixa renda e não brancos. E terminaram admitindo turmas que eram tão qualificadas quanto as anteriores. Então, mais e mais universidades estão indo para o modelo de teste opcional, porque sabemos que, com provas padronizadas, certos estudantes têm a capacidade de pagar um curso preparatório caro e, assim, obter mais pontos.

Stephen Voss/Oregon State University/Divulgação

Ibram X. Kendi, 39
Historiador, é diretor e fundador do Centro para Pesquisa Antirracista da Universidade de Boston. Nasceu na cidade de Nova York, cresceu em Manassas (Virgínia) e se formou em jornalismo e estudos afro-americanos na universidade Florida A&M, em 2004. Seis anos depois, tornou-se doutor em estudos afro-americanos pela universidade Temple. Foi professor universitário e pesquisador visitante em várias instituições dos EUA. Autor de oito livros, venceu o National Book Award de não-ficção, em 2016. Também colabora para a revista The Atlantic e apresenta o podcast Be Antirracist (seja antirracista).

+ Livros do autor

LANÇADOS NO BRASIL

- **"Como ser Antirracista?"** (ed. Alta Cult, 2020)
- **"Marcados: Racismo, Antirracismo e Vocês"** com Jason Reynolds (ed. Galera, 2021)

NO EXTERIOR

- **"The Black Campus Movement: Black Students and the Racial Reconstitution of Higher Education, 1965-1972"** (o movimento Black Campus: estudantes negros e a reconstrução racial do ensino superior, ed. Palgrave Macmillan, 2012)
- **"Stamped From The Beginning: The Definitive History of Racist Ideas in America"** (marcados desde o início: a história definitiva das ideias racistas na América, 2017, ed. Bold Type Books, livro vencedor do National Book Award)
- **"Four Hundred Souls: A Community History of African America"** (quatrocentas almas: uma história comunitária da América africana), com Keisha N. Blaim (ed. One World, 2021)
- **"Antiracist Baby"** (bebê antirracista, ed. Penguin, 2020, infantil)

A SEREM LANÇADOS EM JUNHO, NOS EUA

- **"How to Raise an Antiracist"** (como criar um antirracista)
- **"Goodnight Racism"** (boa noite, racismo, infantil)

> Há ideias que as pessoas dizem que são desprezíveis, erradas, amáveis, exageradas. Mas elas devem ter o direito de dizer essas coisas. E devem também ter a liberdade de descrevê-las como racistas, ou antirracistas, ou desprezíveis, ou boas, ou exageradas

Como avalia as críticas ao movimento Black Lives Matter? Em 2020, milhões de pessoas por todos os Estados Unidos, das menores cidades às metrópoles, foram a protestos do Black Lives Matter [vidas negras importam]. E estudos desde então têm mostrado que 93% desses atos foram pacíficos, e o pequeno percentual restante foram não pacíficos. Na maioria dos casos, eles não foram pacíficos porque a polícia agiu com violência contra os manifestantes. Então, empiricamente, ao menos na mais recente revolta, sabemos que os manifestantes do Black Lives Matter eram, de forma quase completa, pacíficos.

Infelizmente, algumas pessoas acham que o problema não é, digamos, a violência policial, mas as pessoas protestando contra a violência policial. Acham que o problema não é o racismo estrutural, mas as pessoas se expressando contra isso. O problema não é o fato de que vidas negras, em muitos casos, não importam, mas as pessoas que dizem que as vidas negras importam? Não acho que isso está certo.

Alguns críticos ao movimento antirracismo dizem que o foco em questões raciais e em identidades baseadas em raça e gênero não é uma boa ideia, porque dividiria a sociedade, e que a melhor saída seria lugar por igualdade para todos. Como vê este argumento? Esta visão pressupõe que grupos raciais são iguais e que deveríamos ver o problema como más políticas, como oposição a más pessoas. O que é realmente divisivo é tratar cada grupo particular como se eles fossem superiores ou inferiores porque são mais claros ou mais escuros. O que é realmente divisivo é ignorar as disparidades raciais e as desigualdades na nossa sociedade e então culpar as pessoas mais escuras, que estão morrendo e que estão na parte mais baixa destas disparidades, pela existência dessas desigualdades.

Nós devemos apreciar todas as culturas. A diversidade é o que torna a humanidade linda. E é um desafio que algumas pessoas não pensem assim e queiram privilegiar culturas ou grupos específicos.

O senhor fala sobre a importância de combater políticas públicas racistas. Qual delas deveria ser mudada com mais urgência? Do Brasil aos EUA, pessoas negras têm chances maiores de serem assassinadas pela polícia. Há todo um conjunto de políticas por trás disso, mas uma delas é a nossa decisão, como nação, de dizer "o que é preciso nessas comunidades negras: mais polícia em vez de outros recursos".

Como avalia as ações do governo Biden para combater o racismo? Foi algo incrivelmente importante os democratas terem apresentado duas leis sobre direito ao voto, para conter a quantidade massiva de "gerrymandering" racial [mudar distritos eleitorais para favorecer um partido] e a supressão de votos [burocracias para desencorajar eleitores de votar]. E foi incrivelmente difícil e prejudicial o fato de que todos os senadores republicanos centristas rejeitaram essas leis, e dois senadores democratas rejeitaram acabar com o filibuster [procedimento que permite à minoria barrar projetos no Senado], o que abriria caminho para reforçar uma democracia multirracial na América.

Como vê o movimento antirracismo no Brasil e na América Latina? Observo de longe e vejo muita organização. Estou vendo escritores negros brasileiros realmente emergindo, e o trabalho deles sendo lido em níveis sem precedentes no Brasil, especialmente os trabalhos sobre racismo.

Apenas um quinto dos 'filhos' do Bolsa Família continua no programa

Estudo acompanhou saída e permanência de 11,6 milhões de dependentes no CadÚnico até 2019

Douglas Gavras

SÃO PAULO Entrar para o Bolsa Família em 2008 mudou a vida de Iva Mayara dos Santos, 30. Moradora de uma favela em Aracaju (SE), ela se tornou mãe na adolescência e achava que estaria fadada a viver sem ter o mínimo —até se cadastrar no programa. "Com o básico garantido, pudemos cuidar dos nossos filhos, mudamos de casa e ainda fiz uma faculdade."

Em 2017, mesmo podendo permanecer no programa, ela pediu desligamento e passou a trabalhar com o cadastramento de outros moradores do bairro. Chegou a devolver o cartão do benefício ao ex-presidente Lula, durante uma caravana do petista pelo Nordeste.

"Antes, a gente tinha de decidir entre comer, estudar ou trabalhar. Depois do programa, meu marido fez cursos profissionalizantes e evoluiu no trabalho, e acredito que meus filhos (hoje com 15 e seis anos) nunca mais vão precisar de um programa de transferência de renda. Nossa vida é outra e hoje sou assessora administrativa."

Histórias como a da família de Iva Mayara não são isoladas. Um estudo do IMDS (Instituto Mobilidade e Desenvolvimento Social) divulgado com exclusividade para a **Folha** aponta que apenas 2 em cada 10 dependentes do Bolsa Família, ou 2,373 milhões de pessoas, continuavam em lares inscritos no programa após 14 anos, seja como dependentes ou como chefes de domicílio.

O estudo, comandado pelo economista Paulo Tafner, considera dados cadastrais da folha de pagamento da Caixa Econômica Federal e do CadÚnico (Cadastro Único).

"O ideal seria, como política pública, que todos aqueles que receberam o benefício saíssem quando virassem adultos, pois teria sido cumprido o papel do programa de alívio da pobreza e eles teriam adquirido competências para não precisar mais dele, mas o resultado já é impressionante", diz Tafner.

O estudo leva em conta a saída ou permanência dos beneficiários dependentes, que tinham de 7 a 16 anos entre 2005 e 2019, o equivalente a 11,628 milhões de pessoas que estavam em situação de pobreza e extrema pobreza.

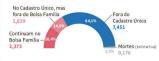
Os pesquisadores também estimaram que 1,5% desses jovens morreram no período e que 14% continuavam cadastrados, mas não estavam mais em lares que recebiam o Bolsa Família.

Nesse período, 7,451 milhões (64,1%) deixaram de aparecer no CadÚnico por terem se tornado jovens adultos com renda familiar mensal superior a R$ 3.000 ou meio salário mínimo por pessoa ou mesmo não terem atualizado o cadastro —o que significa que deixaram de ser considerados vulneráveis pelo governo.

Entre os que saíram do Bolsa Família por aumento de renda, estão os que, de fato, tiveram uma emancipação do programa e têm baixa probabilidade de voltar à pobreza e aqueles que estão temporariamente fora dessa faixa, mas que podem voltar a ficar elegíveis no primeiro obstáculo, como a perda de um emprego, por exemplo.

Mudança de geração

Maioria dos dependentes do Bolsa Família deixou de constar no Cadastro Único

Dependentes de 7 a 16 anos em 2005 após 14 anos, em milhões

Taxa de saída do CadÚnico, em %

Municípios com **maiores** taxas de saída do CadÚnico, em %

Municípios com **menores** taxas de saída do CadÚnico, em %

Município	%
Milagres do Maranhão (MA)	28
Limoeiro do Ajuru (PA)	28,9
Bela Vista do Piauí (PI)	30,7

Fonte: Imds

Há também uma etapa intermediária da vida, em que alguns desses jovens adultos conseguem um emprego e ainda não têm filhos, ficando fora dos critérios do Bolsa Família. Mas ao se tornarem pais, sem uma melhora considerável da renda, eles podem voltar ao programa, diz Tafner.

"Embora ainda não esteja claro até que ponto o Bolsa Família atuou na mobilidade social de longo prazo, há indicativos de que ele funcionou nesse sentido, ao menos para uma parcela dos beneficiários", complementa o economista.

A maioria dos que permaneceram no Bolsa Família após 14 anos era composta por mulheres (64%). Os dependentes que se identificavam como brancos também tiveram uma taxa de saída maior (65%) do que a de negros (54%).

Os dados também apontam um impacto positivo no aumento da escolaridade dos responsáveis pelo domicílio. Entre os que tinham no máximo o ensino fundamental incompleto, a taxa de saída de dependentes do CadÚnico é de 56,1%; para os que completaram o ensino médio ou fizeram faculdade, essa taxa sobe para 62% e 62,2%, respectivamente.

"O aumento da escolaridade dos pais faz crescer em 68% as chances de sucesso escolar de uma criança, segundo uma pesquisa do professor Naércio Menezes. Esse levantamento, da primeira década do século 21, já mostrava que o sucesso escolar dos pais aumenta a renda dos filhos e isso continua sendo uma realidade", avalia a colunista da **Folha** e especialista em educação Cláudia Costin.

Segundo Tafner, apesar de os resultados a partir do CadÚnico também considerarem os dependentes com dificuldades de cadastramento, os mecanismos dos municípios para identificação de famílias vulneráveis foram se aperfeiçoando ao longo dos anos.

"O que sempre foi um problema foi a fila do Bolsa Família, pelo excedente de pessoas que tinham direito ao benefício, mas não conseguiam receber, por falta de orçamento."

Para evitar distorções, o estudo do IMDS se concentrou no período anterior à pandemia, que chegou oficialmente ao Brasil no primeiro trimestre de 2020 e levou a uma explosão no número de inscritos do CadÚnico, requisito para o recebimento do auxílio emergencial.

Um estudo posterior do instituto irá cruzar os dados atuais com outros cadastros administrativos, como o de MEI (microempreendedor individual) e a Rais (Relação Anual de Informações Sociais), para observar com mais detalhes o destino dos filhos do Bolsa Família com o passar dos anos.

Pesquisas posteriores também devem estudar o efeito da pandemia na permanência ou saída dos dependentes do Bolsa Família e do Auxílio Brasil.

"A pobreza durante a infância é muito impactante, e muitos investimentos que deixam de ser feitos nessa fase da vida não podem ser compensados lá na frente. Por ter focado em lares com crianças, o Bolsa Família teve potencial de resgate da pobreza em uma idade crítica", diz Cecilia Machado, que é economista-chefe do Banco Bocom - BBM e professora da EPGE/FGV (Escola Brasileira de Economia e Finanças, da Fundação Getulio Vargas).

Machado, que também é colunista da **Folha** e uma das colaboradoras do estudo do IMDS, ressalta que o contexto familiar é importante para a formação dos dependentes do benefício. "Crianças e jovens que vivem em lares em que a mãe está preocupada se vai ter comida no dia seguinte largam em desvantagem", diz.

Eduardo Baungartem, integrante de uma família que recebia o Bolsa Família em Tupandi Daniel Marenco/Folhapress

Saiba como Tupandi, cidade gaúcha, praticamente zerou dependência do programa

SÃO PAULO Cursos profissionalizantes para os jovens, incentivo ao esporte e apoio na graduação. Campeã no número de "filhos" do Bolsa Família que saíram do Cadastro Único, com um resultado de 95,7%, segundo estudo inédito do IMDS (Instituto Mobilidade e Desenvolvimento Social), a gaúcha Tupandi tem lições para ensinar.

Com uma população estimada em 5.000 habitantes, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), ela aproveitou o baixo número de inscritos no Bolsa Família no município —cerca de 35 no último ano— para acompanhar de perto o desenvolvimento das crianças e jovens no programa. Há mais de uma década, o município tenta ir além da transferência de renda para as famílias. Fora a frequência na escola exigida no programa federal, os jovens podem escolher entre cursos profissionalizantes de curta e média duração, como o de corte e costura, auxiliar de escritório ou de estética, todos oferecidos pela prefeitura.

Um desses jovens é Eduardo Baungartem, 17. Quase se formando no curso de barbeiro oferecido pelo município, ele se divide entre o trabalho, o último ano do ensino médio e o sonho de cursar odontologia. Os pais conseguiram sair do Bolsa Família após quase cinco anos sendo beneficiários do programa.

"O programa foi muito importante para nós, ajudava nas despesas principais em momentos em que a gente não estava tão bem e enquanto eu me preparava para o futuro."

> O programa foi muito importante para nós, ajudava nas despesas principais em momentos em que a gente não estava tão bem
>
> **Eduardo Baungartem**

A cidade, que fica a 86 km de Porto Alegre, se destaca pelo alto PIB (Produto Interno Bruto) per capita (por pessoa), de R$ 102.777 em 2019, segundo o IBGE. Parte da riqueza vem do campo: de avicultura, suinocultura e produção de ovos e leite. Mas ela também se tornou um polo da indústria de móveis, o que impactou positivamente na renda e na geração de empregos a partir das últimas décadas.

"Gosto bastante daqui e pretendo ficar na cidade. Como ela não é tão grande, acabamos recebendo bastante apoio. Meu irmão, que hoje tem dez anos, também vai poder ter as mesmas oportunidades que estou tendo", diz Eduardo.

Segundo a secretária de Assistência Social de Tupandi, Márcia Warken, uma etapa posterior dos projetos de acompanhamento do município é o incentivo à graduação e a prefeitura oferece apoio e um serviço de transporte gratuito até a universidade, na cidade vizinha. "Como uma forma de retribuição, os estudantes estagiam por três horas semanais em escolas ou centros sociais."

Hoje psicóloga da prefeitura, Vivian Marx, 31, trabalhou em bibliotecas de escolas, na digitalização de notas fiscais e na bilheteria e organização dos eventos públicos do município. "O projeto para graduação, que não é voltado apenas para dependentes do Bolsa Família e do Auxílio Brasil, me auxiliou desde o começo da faculdade."

Ela conta que a vontade da maior parte dos estudantes é ficar no município depois de formados, para retribuir o investimento. "O projeto foi muito importante, em função da redução dos custos. Como não tive bolsa, o município custeava uma disciplina em troca de serviço comunitário."

Para o economista Paulo Tafner, do IMDS, as iniciativas dos municípios complementam o ciclo positivo iniciado pelo Bolsa Família. "A importância do programa federal é nítida, mas ele vai até um certo ponto. O acompanhamento das crianças e jovens das famílias é o que pode definir a transição da situação de vulnerabilidade."

A região Sul tem a maior taxa de saída de dependentes do Bolsa Família, com 74%, seguida de perto pelo Centro-Oeste (72%). Na outra ponta, está o Nordeste, com 58%.

Nesse outro extremo, Milagres do Maranhão (MA), com 28%, Limoeiro do Ajuru (PA), com 29%, e Bela Vista do Piauí (PI), com 30,7%, têm as menores taxas de saída do cadastro do governo para famílias em situação de vulnerabilidade. Por estarem em estados com um mercado de trabalho mais frágil do que a média do país, a dificuldade que essas famílias têm em deixar de receber o benefício é maior.

No quarto trimestre do ano passado, o Maranhão acumulava uma taxa de desocupação de 13,4% —acima dos 11,1% para o Brasil, segundo a Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) Contínua. No Piauí, o desemprego era de 11,9% no período; no Pará, de 11%.

Já no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, onde ficam as cidades com os melhores resultados do CadÚnico, o desemprego ficou em 8,1% e 4,3% no quarto trimestre, respectivamente. "Muitas vezes, o mercado de trabalho mais estagnado representa um risco tão grande para o futuro das famílias que dependem de programas de transferência de renda, que mesmo com iniciativas locais a melhora na renda dos jovens é difícil", diz o economista Bruno Ottoni, da IDados. **D.G.**

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Chamada perdida

As empresas de telemarketing devem enfrentar nos próximos meses uma transformação de suas operações com a entrada em vigor do prefixo 0303 nas ligações, que permitirá ao consumidor identificar, antes de atender, que se trata de uma chamada indesejada. Segundo levantamento do Reclame Aqui com 1.600 entrevistados, cerca de 70% das pessoas nunca atenderiam o telefone se soubessem que era telemarketing. Mais de 60% dizem preferir mensagens de texto.

CELULAR "Essa é uma conquista para o consumidor que vem sendo importunado nos últimos anos por ligações indevidas e não solicitadas de empresas de telemarketing, a ponto de abandonar o hábito de atender ligações", afirma Edu Neves, presidente do Reclame Aqui.

ALÔ Ele diz que grandes empresas já têm investido em outras formas de contato, como mensagem e email, antes de ligar. Mas avalia que o telemarketing terá de se reinventar para chegar até os consumidores. "Agora é pagar para ver se as empresas não usarão outros números, e se o consumidor vai mudar o hábito e passar a respeitar as empresas que operam segundo a nova regra", diz.

CONTROLE A Anac (Agência Nacional de Aviação Civil) abre nos próximos dias uma consulta pública sobre uma nova regulamentação específica para o uso de drones no campo. A utilização das aeronaves remotamente pilotadas se popularizou nos últimos anos, especialmente para uso recreativo, mas tem ganhado novas aplicações em diversos setores da economia.

TECNOLOGIA Existem cerca de 90 mil drones cadastrados na Anac, sendo 50 mil empregados no recreativo e 40 mil em diferentes ramos de atividades. Nos últimos meses, a agência autorizou alguns modelos para o serviço de delivery e para a inspeção de linhas de transmissão de energia.

BANCA A CPTM e o Sebrae-SP abrem no mês que vem uma nova turma do curso de capacitação de empreendedores para vendedores ambulantes que atuam nas plataformas, estações e trens. Chamado de Nos Trilhos do Empreendedorismo, a parceria deve atender 60 alunos.

VAGÃO "A gente dá cursos gratuitos para eles aprenderem a fazer planejamento e até um microcrédito pelo Banco do Povo para ter um capital de giro, e algum lugar em uma estação, em áreas que a CPTM está definindo, para que ele tenha o negócio depois", diz Wilson Poit, diretor-superintendente do Sebrae-SP.

CORRIDA ACEITA O mega-aumento da Petrobras nos combustíveis pode inviabilizar o modelo de trabalho dos motoristas por aplicativo, que começam a falar em uma grande paralisação alinhada com caminhoneiros e entregadores, segundo Eduardo Lima de Souza, presidente da Amasp (Associação de Motoristas de Aplicativos de São Paulo).

BOMBA Com um aumento de quase 20% na gasolina, a carga horária do motorista pode alcançar patamares insustentáveis, ou seja, as companhias podem enfrentar uma crise de falta de mão de obra nos próximos meses. "Se nada for feito, teremos uma diminuição bem drástica nos motoristas de aplicativos", afirma Souza. Para o presidente da Amasp, o novo cenário pode até exterminar a categoria.

EM XEQUE O modelo de negócio dos aplicativos de corrida se sustenta em um raciocínio de que basta trabalhar mais horas para ganhar mais. O problema disso é que esse número de horas trabalhadas pode alcançar patamares impraticáveis para cobrir o custo do trabalhador e ainda manter a atividade atraente.

GORJETA Souza afirma que Uber e 99 estão conversando com os profissionais para minimizar o impacto, mas teme que o auxílio seja insuficiente.

CONSULTA A procura pela telemedicina para cuidar da saúde mental segue em alta no país, mesmo com a retomada da circulação de pessoas e dos atendimentos presenciais. Na rede Dasa, subiu 97% na comparação dos dois primeiros meses deste ano com o mesmo período de 2021. Para Leonardo Vedolin, diretor-geral médico na Dasa, a modalidade se confirma como ferramenta complementar.

RECEITA O Grupo Conexa, plataforma independente de telemedicina, diz que iniciou os atendimentos com psiquiatria em 2021, quando teve cerca de 67 mil consultas. Neste ano, até a última sexta (11), realizou mais de 19 mil. O Doctoralia também diz ter registrado escalada na busca pelas especialidades desde o primeiro ano da pandemia.

com Andressa Motter e Ana Paula Branco

INDICADORES

JUROS

Mar., em % ao mês

	Mínimo	Máximo
Cheque especial	7,73	8,00
Empréstimo pessoal	4,05	8,26

Fonte: Procon-SP

CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA

Competência fevereiro

Autônomo e facultativo

Valor mín.	R$ 1.212,00	20%	R$ 242,40
Valor máx.	R$ 7.087,22	20%	R$ 1.417,44

O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem recolher sobre 5% do piso nacional. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria vence em 15.mar

MEI (Microempreendedor)

Valor mín.	R$ 1.212	5%	R$ 60,60

Assalariado	Alíquota
Até R$ 1.212,00	7,5%
De R$ 1.212,01 até R$ 2.427,35	9%
De R$ 2.427,36 até R$ 3.641,03	12%
De R$ 3.641,04 até R$ 7.087,22	14%

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 18.mar. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

IMPOSTO DE RENDA

Em R$	Alíquota, em %	Deduzir, em R$
Até 1.903,98	Isento	
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

EMPREGADOS DOMÉSTICOS

Considerando o piso na capital e Grande SP

R$ 1.296,32	Valor, em R$
Empregado	98,48
Empregador	259,25

O prazo para o empregador do trabalhador doméstico venceu em 7.mar. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico deve ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 7,5% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto do INSS

Tarcísio sofre ataque até de aliados com disputa eleitoral em São Paulo

Pré-candidato ao governo paulista, ministro da Infraestrutura enfrenta críticas relacionadas a plano de concessão de Bolsonaro

Julio Wiziack

BRASÍLIA A um mês de deixar o cargo para se candidatar à disputa pelo governo de São Paulo, o ministro da Infraestrutura, Tarcísio de Freitas, virou alvo de críticas e de ataques de aliados de João Doria (PSDB), de opositores de Jair Bolsonaro (PL) e até de grupos empresariais contrariados por decisões do ministro.

Garoto-propaganda de Bolsonaro por conduzir um programa de concessão considerado bem-sucedido pelo governo, Tarcísio não queria se arriscar em São Paulo.

O ministro avaliava ter mais chances com uma candidatura ao Senado, mas Bolsonaro pediu que mudasse de ideia para ele próprio ter palanque garantido em São Paulo —berço do governador João Doria. Os resultados das últimas pesquisas turbinaram os planos do governo com Tarcísio.

Em dezembro, o Datafolha apontou o ministro com 9% das intenções de voto. O Palácio do Planalto avaliou haver potencial para avançar no segundo turno.

Desde então, Tarcísio vem aparecendo em eventos privados e palestras com um discurso mais alinhado com Bolsonaro, tecendo elogios à gestão da qual faz parte e direcionando críticas, e até palavrões, contra Lula e Dilma.

Em um evento privado para investidores em São Paulo, há cerca de um mês, Tarcísio disse que deixa a Esplanada até abril para se candidatar, e, sem citar nomes, fez ataques a Doria e aos ex-presidentes Lula e Dilma Rousseff, ambos do PT. "Corrupto tem de ir para o inferno, para o raio que o parta, para a puta que pariu", disse. "Por isso que eu não quero ver mais corrupto na Presidência da República. Me preocupa a saudade que alguns têm dessa época."

Engenheiro formado pela Academia Militar das Agulhas Negras, fez carreira como servidor da Câmara dos Deputados até ser transferido para a CGU (Controladoria-Geral da União), onde chegou a ser coordenador-geral de auditoria da área de transportes.

Escolhido por Dilma, foi diretor-executivo do Dnit (Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte) logo após a faxina contra esquemas de corrupção no órgão deflagrada pela ex-presidente.

Como número 2 do órgão, ele deu os primeiros passos mais concretos de sua jornada na infraestrutura até chegar ao PPI (Programa de Parceria de Investimentos), primeira medida do ex-presidente Michel Temer, em 2016.

Lá, passou a monitorar todos os projetos de concessão de infraestrutura no PPI, principalmente o de rodovias.

O ministro recentemente afirmou ter tido vontade de ser caminhoneiro devido à paixão pela boleia. A categoria é uma das principais aliadas do governo e Tarcísio até hoje participa de grupos de caminhoneiros.

Tornou-se ministro no momento em que teve a chance de entrar no gabinete de Bolsonaro ainda no governo de transição, na sede do Centro Cultural Banco do Brasil, em Brasília, para defender a manutenção do PPI. Naquele momento, o programa tinha leiloado somente 22 projetos de rodovias, ferrovias, portos e aeroportos, garantindo cerca de R$ 14,5 bilhões em investimentos.

Bolsonaro e Tarcísio no evento de concessão da NovaDutra Clauber Cleber Caetano/PR

Entre 2019 e 2021, foram 81 projetos de infraestrutura logística concedidos, com investimentos de R$ 76,2 bilhões.

Tarcísio deixará o cargo com a previsão de conceder 25 aeroportos, 15 rodovias, 4 ferrovias e 30 portos e terminais, o que destravaria R$ 109,5 bilhões em investimentos.

Esse desempenho garantiu boas notícias a Bolsonaro, que vem enfrentando queda na popularidade devido a derrotas políticas decorrentes de projetos malfadados, aos estragos causados pela pandemia e, mais recentemente, à deterioração dos fundamentos da economia com a guerra na Ucrânia, que fez disparar preços de alimentos e do petróleo.

O ministro usa os resultados de sua administração e, em eventos e palestras, discursa com o tom de um realizador destemido que, segundo ele, não tem medo de "arregaçar as mangas" e passar por cima de qualquer dificuldade. Seu crescimento nas pesquisas vem levando opositores a se articularem nas redes sociais para atacá-lo e até relativizar o sucesso de seu plano de concessão —carro-chefe da campanha.

> **"Corrupto tem de ir para o inferno, para o raio que o parta**
>
> **Tarcísio de Freitas**
> ministro da Infraestrutura

Até mesmo em partidos aliados, como o Republicanos, o PP, de Ciro Nogueira, e o PL —partido ao qual Tarcísio se filiou— correm críticas.

Empresários ligados a esses políticos fizeram circular nas últimas duas semanas uma postagem em redes sociais mostrando que o ministro é citado pela PF em investigações de corrupção no Dnit, uma forma de desgastar a imagem de "bom moço". Tarcísio nunca foi alvo da PF.

Aliados de Doria, que apoia Rodrigo Garcia (PSDB) para o governo de São Paulo, partiram para o ataque contra a concessão da NovaDutra, arrematada pela CCR.

Em tom de campanha, o contrato teve cerimônia de assinatura e contou com o presidente Bolsonaro. O governo federal divulgou um vídeo institucional do projeto, que vem sendo questionado em São Paulo.

Aliados de Doria criticam o fato de o projeto só prever a duplicação da Rio-Santos, contrapartida de investimento, e de os pedágios da NovaDutra nos trechos de São Paulo terem ficado com descontos muito menores (3%) do que os do Rio de Janeiro (21%).

Fundos de investimento de infraestrutura e grupos empresariais que falaram sob anonimato com a **Folha** avaliam que a modelagem de muitos projetos, principalmente de ferrovias e rodovias, favoreceu a Rumo e a CCR.

Essas críticas também surgem nas conversas com terminais portuários que viram seus planos de renovação afundar depois de recusas de Tarcísio, que pretende modernizar a rede de acesso ao porto de Santos (SP), antes de privatizá-lo.

Segundo eles, no caso da Rumo, as concessões adquiridas em ferrovias consolidam sua posição como grupo de logística, integrando rodovias e ferrovias para o escoamento de produtos. Já a CCR consolida sua posição na oferta de soluções de transportes integrados —aeroportos, rodovias, e mobilidade urbana. A crítica é que os projetos teriam sido precificados para menos, o que explica ágios elevados que só poderiam ser pagos por grupos bem capitalizados.

A secretaria de Fomento, Planejamento e Parcerias do Ministério de Infraestrutura nega qualquer tipo de direcionamento. À **Folha** ela afirma que todos os projetos foram desenhados com base no apetite do mercado e que a precificação (valor da concessão) foi calculada dentro de parâmetros adequados e aprovados pelo TCU (Tribunal de Contas da União). "De fato, grupos como a Rumo e a CCR se fortaleceram nos últimos leilões, mas isso por uma questão de estratégia deles."

Sócio da Inter B, consultoria Internacional de Negócios, o economista Cláudio Frischtak, assessorou diversos grupos nacionais e estrangeiros nas concessões de infraestrutura. Para ele, Tarcísio escolheu projetos que dariam mais exposição e o problema não foi de modelagem, mas de idealização da concessão.

"A BR-163, por exemplo, é uma ativo cujo desenho foi malfeito", disse Frischtak. "Foi feito para não dar competição." Segundo ele, o governo seguiu o modelo de concessão da gestão de Temer e selecionou os projetos mais "sexies" para levar adiante.

O ministério diz que vem aprendendo com a modelagem dos projetos e que a BR-381 é um desafio pela geografia e riscos de investimento atrelados à obra. A assessoria da Pasta afirma também que Tarcísio não figura como alvo em nenhuma das investigações. Sobre a NovaDutra, diz que os investimentos definidos foram resultado de estudos de demanda e capacidade, sem distinção entre estados; e que o pedágio varia com a distância de cada praça.

Aumento do diesel obriga investidor a comprar abacaxis e pneus de bicicleta

Carteira com ativos descorrelacionados só precisa de calibragem, sem grandes mudanças

Marcos de Vasconcellos

Jornalista, assessor de investimentos e fundador do Monitor do Mercado

A ida ao supermercado está dolorosa. O trigo, que em grande parte vem do Leste Europeu, já tira o pãozinho da mesa dos brasileiros. Agora, a nova alta dos combustíveis atinge com força o varejo.

Toda a cadeia logística sai ferida. Dependentes do transporte rodoviário, somos brindados até com novas incertezas sobre mobilizações de caminhoneiros, para quem o aumento de 25% no preço do diesel tem impacto profundo.

O economista André Braz, da FGV (Fundação Getulio Vargas), já aponta a possibilidade de termos uma inflação de 7,5% neste ano. Na segunda-feira (7), três dias antes de a Petrobras divulgar os aumentos, as instituições financeiras previam o IPCA (principal medida da inflação) em 5,65% no fim de 2022 —de acordo com o Boletim Focus, do Banco Central.

Mesmo que chegue à marca prevista por Braz, ainda ficaremos 2,5 pontos percentuais abaixo da inflação de dois dígitos que atingimos no ano passado.

A perspectiva de alta nos combustíveis e aumento da inflação atinge em cheio diferentes setores, como o varejo e a aviação. A Via (ex-Via Varejo) —viu seu papel (VIIA3) cair quase 7% das 10h às 12h30 da quinta (11)—, a Gol (GOLL4) registrou queda de mais de 4% em menos de meia hora.

Mas quem se afasta um pouco para olhar o cenário vê a alta da Petrobras com a sinalização de que o governo não vai interferir nos preços (ao menos até segunda ordem) e, numa visão ainda mais panorâmica, encontra oportunidades como em fundos imobiliários (FIIs), mais especificamente nos chamados "fundos de papel".

Esses são fundos que aplicam em títulos de dívida do setor imobiliário. Basicamente, juntam dinheiro de investidores para comprar, por exemplo, CRIs e LCIs de diferentes empresas. E pagam de volta aos seus cotistas o valor acrescido dos juros e correção.

E aí está o ponto: muitos desses contratos têm seus rendimentos atrelados ao IPCA. A inflação passar de 10% em 2021, então, deu a sensação a esses cotistas de fundos imobiliários de estar recebendo um bom dinheiro pelos seus investimentos (apesar de grande parte ser simplesmente correção monetária).

Com a perspectiva de inflação mais baixa neste ano, esses investidores começam a sentir uma diminuição nos dividendos pagos (explicação completa em youtu.be/qQnPMe8McEc).

Já para quem está procurando boas alternativas, ao ver o despencar do mercado com o novo aumento da inflação, o aceno dos FIIs de papel parece tentador.

E por que você deveria olhar ao mesmo tempo ações do varejo e os tais fundos? A resposta é justamente a descorrelação entre esses dois ativos, que é a palavra mágica para sobreviver aos momentos de crise (e a nossa tem sido longa).

Explicando de um jeito mais simples: abacaxis e bananas são obviamente coisas diferentes (principalmente na hora de descascar), mas, no fim das contas, dependem de terra, água e fertilizantes (russos ou não). Ações da Petrobras e de empresas do varejo, por exemplo, seriam frutas diferentes, mas, no fim do dia, sua movimentação depende diretamente de variáveis muito semelhantes.

Nessa analogia, os fundos imobiliários de papel seriam um pneu de bicicleta. Claro que, no fim do dia, tudo gira em torno da economia, do poder de compra, do fluxo de capital etc. Mas os fatores que impactam diretamente o mercado de créditos imobiliários são outros. E, com a gasolina cara, é provável que mais gente opte pelas bikes, quem sabe?

"Então devo abandonar as frutas e viver de pneus?" Muito pelo contrário. Quem consegue montar uma carteira de investimentos com ativos verdadeiramente descorrelacionados precisa apenas calibrar aqui e ali de tempos em tempos, sem a necessidade de grandes mudanças, ainda que em crises.

| DOM. Samuel Pessôa | SEG. Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos | TER. Michael França, **Cecilia Machado** | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Guerra deve trazer juros mais altos e valorização do real

Evento geopolítico irá provocar um aumento da pressão inflacionária global

GUERRA NA UCRÂNIA

Lucas Bombana

SÃO PAULO Os impactos macroeconômicos globais como consequência da guerra na Ucrânia, com aumento nos preços internacionais das commodities e alta da inflação, podem contribuir para que a valorização recente do real prossiga nas próximas semanas.

Na avaliação de gestores de fundos, a pressão inflacionária importada pelo Brasil por conta dos conflitos e do choque de oferta de matérias-primas no Leste Europeu pode forçar o BC (Banco Central) a ser ainda mais agressivo no processo de aperto da política monetária. Os juros cada vez maiores da taxa Selic, por sua vez, tendem a continuar favorecendo o Brasil no radar de investidores internacionais em busca de oportunidades em mercados emergentes.

Em especial, com os preços elevados das commodities e com a migração de recursos de investidores que devem deixar o mercado russo em resposta à invasão na Ucrânia.

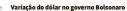
Sócio da gestora de recursos Parcitas Investimentos, Bruno Leite diz que, no rastro dos impactos econômicos trazidos pela guerra, decidiu aumentar na carteira dos fundos a aposta na valorização do real, bem como a exposição aos juros prefixados de curto prazo, ante a expectativa de que o BC talvez precise ser mais duro no processo de aperto monetário.

Com o choque de preços originado pelo conflito na Europa, economistas passaram a prever um IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo) mais alto do que o projetado anteriormente, com o índice de preços podendo testar patamares de até 6% neste ano e uma taxa de juros ao redor de 13%. No mais recente relatório Focus, a mediana das estimativas dos economistas consultados pelo BC apontava para uma inflação de 5,65% em 2022, acompanhada de uma Selic de 12,25%. A previsão para o dólar no final do ano era de R$ 5,40.

O dólar fechou a semana cotado a R$ 5,053 para venda, com uma desvalorização de aproximadamente 9,4% da moeda americana frente ao real no acumulado do ano. "O dólar pode furar o piso de R$ 5 e experimentar níveis ao redor de R$ 4,80", diz Leite.

"O BC terá dificuldades para interromper o ciclo de alta dos juros", afirma o gestor da Parcitas. Ele acrescenta que o real também costuma se valorizar em momentos em que os preços das commodities estão em alta, devido ao impacto positivo para os termos de troca do país.

Fonte: CMA

O preço do barril do petróleo tipo Brent vem em uma firme trajetória ascendente no mercado internacional desde que se iniciaram os conflitos na Ucrânia, com a cotação em torno de US$ 112,67 (R$ 566,15) na sexta-feira (11).

"Esse cenário de incerteza requer que as convicções sejam checadas. É preciso ser mais seletivo na escolha dos riscos assumidos", afirma José Monforte, gestor da Vinland Capital.

Entre as teses que foram reforçadas por conta da guerra, Monforte aponta a necessidade do aumento dos juros nos Estados Unidos. Ele avalia que o banco central americano terá de agir de maneira mais firme para controlar a crescente pressão inflacionária trazida pela alta das commodities.

Por conta disso, o gestor afirma ter optado por aumentar as posições que se beneficiam da alta no mercado de juros nos Estados Unidos.

Na esfera local, Monforte aposta que o real irá continuar se fortalecendo frente ao dólar.

Mesmo com a previsão de um ciclo mais agressivo de aumento dos juros americanos que tende a atrair recursos para os Estados Unidos, o especialista também vê o nível atual de preços das commodities, e da Selic, exercendo um peso maior sobre o câmbio.

"Além disso, aumentamos a exposição da carteira ao universo de ações produtoras de commodities de energia, agrícolas e metálicas, que se beneficiam dos preços internacionais mais altos", diz Monforte.

Sócio e gestor da Novus Capital, Luiz Eduardo Portella diz que as sanções contra a Rússia e o potencial impacto econômico em outros países do continente europeu têm um efeito recessivo global, que pode levar a uma descompressão da inflação nos países desenvolvidos.

Nesse cenário, os bancos centrais desses países podem rever a postura quanto ao ritmo do ciclo de alta dos juros, prevê o gestor da Novus.

"Reduzimos bastante, mas ainda mantemos a posição tomada [que ganha com a alta] nos juros internacionais, principalmente nos Estados Unidos", afirma Portella, acrescentando que se desfez de uma posição conhecida no jargão de mercado como "vendida" na Bolsa americana, que se beneficia da queda das ações.

Em linha parecida, a gestora global BlackRock apontou em relatório recente que vê na invasão russa à Ucrânia um cenário mais favorável ao mercado acionário de países desenvolvidos, pela percepção de que o evento trará um impacto negativo para o crescimento econômico, com menor necessidade, portanto, de aumento dos juros.

"Os bancos centrais dos Estados Unidos e da Europa talvez tenham de ser mais comedidos no aumento dos juros, mas a alta vai ter que ocorrer. É uma crise inflacionária para preços e desinflacionária para crescimento", diz Carlos Calabresi, sócio e diretor de investimentos da Garde Asset Management. Em relação ao câmbio, o gestor faz coro aos pares e entende que há espaço para os ganhos do real frente ao dólar prosseguirem, ante o fluxo que prevê que deve continuar em direção ao mercado brasileiro.

Dados da B3 apontam que os estrangeiros aportaram algo como R$ 67,5 bilhões no mercado de ações brasileiro em 2021, até 2 de março. No consolidado de 2021, esse volume foi de R$ 102,3 bilhões.

Analistas do Itaú BBA projetam que o Brasil pode receber um fluxo estrangeiro aproximado de R$ 7 bilhões, após a decisão da empresa MSCI de excluir a Rússia dos índices de referência dedicados aos mercados emergentes.

"Acredito que o fluxo de estrangeiros para o mercado local vai continuar. O Brasil tem tudo o que os investidores querem neste momento, que é juro alto e commodities. E, agora, sem a Rússia como um grande emergente no radar, o fluxo vai acabar transbordando para o Brasil", afirma Portella, da Novus, que diz ter também em carteira posições no real e no índice Ibovespa dado o peso relevante de commodities e bancos, principal foco no radar dos bolsos estrangeiros.

"A guerra intensifica algumas questões que já estavam no radar, como a inflação, que é um problema no Brasil e no mundo", afirma Philipe Biolchini, diretor de investimentos da Bram (Bradesco Asset Management). Biolchini diz que as carteiras dos fundos já vinham com um perfil mais defensivo mesmo antes da guerra, em um ambiente de inflação pressionada e perspectiva de alta dos juros globais.

Com os conflitos na Europa, a postura cautelosa deve continuar até que seja possível ter uma clareza maior sobre como se dará o desenrolar desse evento e suas consequências econômicas, afirma o diretor de investimentos.

"Temos privilegiado posições pequenas e táticas", diz Biolchini, que não vê tanto espaço para a valorização do real. "Estamos começando a achar que já está em um patamar de sustentação em que não deveria ter muito mais valorização."

Banco Central libera novo lote de dinheiro nesta segunda (14)

SÃO PAULO O Banco Central libera, nesta segunda-feira (14), mais um lote de pagamentos do Sistema Valores a Receber, que devolve dinheiro esquecido por brasileiros em bancos e instituições. Recebem a partir desta segunda os nascidos entre 1968 e 1983 e as empresas abertas neste período.

Para ter acesso ao montante, é preciso entrar no site valoresareceber.bcb.gov.br na data e na hora indicadas na consulta inicial. Caso tenha esquecido qual é o dia agendado, o cidadão pode fazer nova consulta. O dinheiro só será liberado na hora exata.

O horário de pagamento varia: vai das 4h às 14h e das 14h às 24h, segundo o Banco Central. Quem perder o dia, no entanto, poderá ter nova chance de transferência dos valores no sábado (19), quando ocorre a repescagem do sistema.

Depois, na outra semana, começará a liberação aos nascidos após 1983, cuja repescagem será realizada no sábado (26). Se perder essa data, ainda será possível tentar novo saque em 28 de março. De acordo com a autoridade monetária, o dinheiro será devolvido de alguma forma ao trabalhador ou empresário, mesmo que ele perca todas as datas de saque desta primeira fase de liberação dos valores.

"O cidadão não deve se preocupar se perder a data por algum motivo. Ele poderá voltar ao valoresareceber.bcb.gov.br a qualquer momento e receber uma nova data de agendamento", diz nota.

O contribuinte não perde o direito sobre os valores em seu nome. "As instituições financeiras guardarão esses recursos pelo tempo que for necessário, esperando até que o cidadão solicite a devolução."

Ao todo, 28 milhões devem sacar R$ 4 bilhões nesta primeira fase. São 26 milhões de CPFs e 2 milhões de CNPJs. Na segunda fase, está prevista a liberação de mais R$ 4 bilhões.

Neste primeiro lote, há dinheiro esquecido em contas-correntes ou poupanças que foram encerradas ainda com saldo disponível; tarifas e parcelas cobradas indevidamente cuja devolução já estava prevista em termo de compromisso assinado com o BC; dinheiro de consórcios encerrados; e cotas e sobras de quem participou de cooperativas de crédito.

Após a primeira fase de liberação dos valores, que vai de 7 a 28 de março, haverá uma segunda fase de pagamentos, que liberará dinheiro esquecido por outros motivos. É possível que o trabalhador ou o empresário encontre valores nos dois lotes. Também será informada uma data para sacar o montante. A consulta começará em 2 de maio.

O dinheiro a ser devolvido na segunda fase é referente a tarifas, parcelas ou obrigações em operações de crédito cuja devolução não estava prevista em termo assinado com o BC, além de contas de pagamento pré-pagas ou pós-pagas encerradas com saldo disponível. Haverá também pagamentos em casos de contas mantidas em corretoras e distribuidoras de valores para registro de ativos financeiros dos clientes. Em muitos casos, há cobranças de tarifas duplicadas a serem devolvidas.

É nessa fase que os aposentados do INSS poderão resgatar os descontos indevidos no crédito consignado, segundo o BC, e as empresas falidas poderão recuperar valores que ficaram esquecidos em alguma instituição.

Os herdeiros ou outros representantes legais conseguem consultar no sistema se há valores a receber. O site chega a mostrar data e horário para a transferência, mas, ao voltar ao sistema para sacar, isso não é possível.

O motivo é que a instituição financeira ainda não liberou a transferência para o que chama de "terceiros legalmente autorizados", o que envolve, além dos herdeiros, procuradores, tutores, inventariantes e responsáveis por menor não emancipado. Para receber o dinheiro, no entanto, os herdeiros vão precisar de conta gov.br com nível prata ou ouro para o saque. **CG**

Cuidados ajudam a economizar combustível

Mudança na condução do veículo e manutenção frequente podem diminuir desperdício, dizem especialistas

SÃO PAULO Quem depende do uso constante do carro terá um desafio maior para não ter suas atividades inviabilizadas pelo mega-aumento dos combustíveis anunciado pela Petrobras na última quinta (10).

Especialistas afirmam que alguns cuidados na condução do veículo, utilização correta de equipamentos do carro e manutenção periódica podem diminuir o desperdício.

Desligar o ar-condicionado pode reduzir o consumo mensal em 10%, considerando o exemplo de um motorista que faz o uso contínuo do equipamento.

Considerando o preço do litro de gasolina mais caro registrado na semana passada na capital paulista pela ANP (Agência Nacional do Petróleo), de R$ 7,60, o motorista que abre mão desse conforto economiza R$ 30,40 a cada tanque de 40 litros.

Vidros fechados também diminuem o consumo de energia necessária para resfriar o ambiente, além de reduzir a resistência aerodinâmica no deslocamento, o que gera ligeira economia.

A maneira de conduzir o veículo também resulta em maior ou menor gasto de combustível, principalmente no "anda e para" do trânsito das grandes cidades. Nos modelos de câmbio manual, o segredo é acertar o tempo para as trocas de marcha, segundo Rafael Serralvo, professor de engenharia mecânica do Centro Universitário FEI.

Marchas devem ser passadas sem acelerações bruscas, antes que o ponteiro ou sinalizador digital do conta-giros no painel do carro chegue ao seu limite. A troca perto desse limite é um recurso válido na estrada, mas não na cidade.

"Carros automáticos trabalham com um consumo mais baixo. Algumas gerações mais novas [de veículos] têm até oito marchas, justamente para gastar a menor quantidade possível de combustível", comenta Serralvo.

Pisadas agressivas no acelerador também aumentam o desperdício. Clayton Barcelos Zabeu, engenheiro mecânico do Instituto Mauá de Tecnologia, diz que o ideal é manter o ponteiro vermelho do conta-giros entre 1.500 e 3.000 RPMs (rotações por minuto). Isso é menos da metade do limite do mostrador da maioria dos veículos.

Ainda em relação à dirigir na cidade, Zabeu aponta que evitar acelerações bruscas contribui para a economia.

"Com o motor trabalhando entre 1.500 e 3.000 RPMs, sem grandes pisadas agressivas no acelerador, tende a reduzir o consumo de combustível", detalha.

É na oficina mecânica que ao menos parte do desperdício pode ser resolvido. Peças ligadas à ignição, como a vela e a bobina, devem ser verificadas periodicamente. O processo de combustão danifica equipamentos ao longo do tempo, prejudicando o desempenho do motor.

Pneus calibrados corretamente (a verificação deve ser feita uma vez por semana) e dentro do período de vida útil recomendado pelo fabricante também entram na lista de cuidados.

Orientações sobre revisões periódicas podem ser consultadas no manual do veículo.

Antes de sair, vale olhar o porta-malas e verificar se não está carregando peso desnecessário. Quanto mais peso, maior o gasto de energia para tirar o automóvel do lugar. O mesmo vale para acessórios, como bagageiros. O ideal é manter apenas o essencial.

EDITAL

ANDRÉ DE AZEVEDO PALMEIRA, 1º Oficial de Registro de Imóveis desta Comarca de São Bernardo do Campo, Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições e nos termos dos parágrafos 4º e 13 do artigo 216-A, da Lei nº 6.015/73.

FAZ SABER, a quantos este virem ou dele conhecimento tiverem, que tramita nesta Serventia o PROCEDIMENTO DE USUCAPIÃO EXTRAJUDICIAL, apresentado por **IRES ETELVINA MACEDO**, brasileira, divorciada, do lar, RG nº 5.682.284-SSP/SP, CPF nº 921.969.428-04, residente e domiciliada na Rua Chile, nº 674, Vila Santa Luzia em São Bernardo do Campo/SP, protocolado sob o nº 540.366, que tem como objeto a casa nº 674 da Rua Chile, com construção não averbada e seu terreno consistente de parte dos lotes 237 e 238 da quadra 10, da Vila Santa Luzia, com área de 120,00m², transcrito em área maior sob o nº 20.874, nesta serventia, que a modalidade de usucapião pretendida pelo requerente é a de Usucapião Extraordinário, declarando que está na posse do imóvel há 39 anos, e que consta como proprietário tabular do referido imóvel o espólio de José Bento Belmarço.

FAZ SABER ainda, que o presente EDITAL é feito para que o **proprietário tabular** espólio de José Bento Belmarço, na pessoa de seus herdeiros ou sucessores, e **Terceiros** eventualmente interessados manifestem-se, no prazo de 15 (QUINZE) DIAS, a contar da publicação, acerca do procedimento de usucapião extrajudicial mencionado, devendo a manifestação ser apresentada por escrito neste Registro de Imóveis, situado na Rua Alferes Bonilha nº 593, Centro, em São Bernardo do Campo/SP, em dia útil e horário das 9:00 às 16:00 horas, ficando cientes de que a não apresentação de impugnação no prazo previsto implicará anuência ao pedido de reconhecimento extrajudicial da usucapião.

O presente edital será afixado nesta Serventia, no lugar público e de costume, e publicado em jornal local de grande circulação, ou em veículo de circulação eletrônica (item 418.16.1 das NSCGJSP), por duas vezes, pelo prazo de 15 dias cada um. Dado e passado nesta cidade e Comarca de São Bernardo do Campo, aos 07 de março de 2022. Eu, ______ (André de Azevedo Palmeira), 1º Oficial de Registro de Imóveis, fiz digitar, subscrevo e assino.

CAIXA — MINISTÉRIO DA ECONOMIA

LOCAÇÃO DE IMÓVEL DESTINADO À INSTALAÇÃO DA AGÊNCIA DA CAIXA EM SAO JOSE DOS CAMPOS,SP

A Caixa Econômica Federal torna pública sua pesquisa de mercado para compor estudos quanto à viabilidade na locação de imóvel pronto localizado da Avenida Presidente Juscelino Kubitschek, próximo ao Atacadão e ao JK Shopping até a mesma avenida, OU entre a Avenida João Marson, até a Rua Saigiro Nakamura, OU Próximo à Praça Ainda Monteiro de Castro Veloso e o Hospital Municipal da Vila Industrial, OU entre a Rua Uberaba, próximo ao Banco do Brasil até a Praça Caratinga, próximo ao estabelecimento comercial Rei do Óleo, na Vila Tatetuba, São José dos Campos, SP. O imóvel deve possuir documentação regularizada junto aos órgãos públicos, ter idade aparente de até 10 anos, possuir área de 851,18 m2 para ag. térrea e 933,97 m2 para dois pavimentos, com pé direito mínimo de 3,5m, em um único pavimento (térreo), com vão interno livre de colunas. Deverá possuir sanitários e área de estacionamento, conforme exigências da Prefeitura local. No caso de imóvel a construir, a construção deverá obedecer todas as normas e legislação aplicáveis. Os interessados devem encaminhar carta de manifestação de interesse na possível locação e indicação do imóvel, contendo: 1) Endereço completo do imóvel, área construída em m² e dados para contato oferta do imóvel assinada; 2) Registro Geral de Imóveis (RGI) em nome do proponente; 3) Fotos do imóvel; 4) Planta baixa com área (se houver). Os documentos devem ser enviados através do e-mail ceogi04@caixa.gov.br e os documentos originais entregues no endereço: Rua das Marrecas, nº 20 – 12º Andar – Torre 3 – Centro – Rio de Janeiro/RJ – CEP 20.031-120 ou em qualquer Agência da CAIXA, destinado à CEOGI, aos cuidados de Márcia Belem. Esclarecemos que a pesquisa de mercado ficará aberta ao recebimento das ofertas de imóveis até que se torne público o seu encerramento.

EDITAL DE CONVOCAÇÃO - ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA - O SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DA CONSTRUÇÃO E DO MOBILIÁRIO DE SANTO ANDRÉ, MAUÁ, RIBEIRÃO PIRES E RIO GRANDE DA SERRA, inscrito no **CNPJ/MF sob nº 57.518.276/0001-83**, com sede Siqueira Campos, 33 - Centro - Santo André/SP, através de seu Presidente **LUIZ CARLOS BIAZI**, no uso de suas atribuições estatutárias, convoca todos os trabalhadores das **Indústrias da Construção Civil em Geral, Montagem Industrial, Ladrilhos Hidráulicos, Pintura, Decorações, Estuques e Ornatos, Instalações Elétricas, Gás, Hidráulicas e Sanitárias, Construção de Estradas, Pavimentação, Obras de Terraplenagem em Geral, pertencentes ao 3º Grupo da CLT, ASSOCIADOS OU NÃO**, todos com direito a voto, para participarem da **ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA**, a realizar-se no dia **18 de março de 2022, às 17h00min, em primeira convocação** em nossa sede social na Rua Siqueira Campos, 33 - Centro - Santo André/SP e no mesmo horário em nossa Sub Sede na Rua: Capitão José Gallo, 380 - Centro - Ribeirão Pires/SP, a fim de deliberarem sobre a seguinte Ordem do dia: **1º)** Leitura, Discussão e Aprovação da Ata da Assembleia anterior; **2º)** Apresentação, discussão e aprovação do Rol de Reivindicação dos trabalhadores, referente data-base de **01/05/2022**, a serem apresentadas às entidades patronais, das categorias acima citadas; **3º)** Deliberar sobre a Concessão de Poderes a Diretoria do Sindicato para que, dê início ao processo de negociação para a renovação das cláusulas coletivas vigentes até **30/04/2022**, em conjunto e/ou separadamente com os demais Sindicatos Profissionais representativos da categoria, de forma direta ou não com Sindicatos Patronais e/ou através de mediação ou solução arbitral; **4º)** Decidir sobre o calendário da negociação, bem como, seus rumos, inclusive sobre a deflagração estado de greve e greve; **5º)** Autorizar e conceder poderes a Diretoria do Sindicato, para agir na esfera, administrativa e judicial, a fim de firmar acordo ou convenção coletiva de trabalho, suscitar, havendo necessidade o competente Dissídio Coletivo Econômico perante o Tribunal do Trabalho, bem como, instaurar o Dissídio de Greve; **6º)** Deliberar a manutença da Assembleia em caráter permanente até o final do processo negocial, para deliberações que se fizerem necessárias; **7º)** Fixar o percentual a ser descontado a título de Contribuição Confederativa e/ou Assistencial - sendo o percentual de 1,2% (um vírgula dois por cento) - para o custeio da organização sindical, descontada de todos os trabalhadores das categorias, associados ou não associados nos termos da lei, beneficiados pelas cláusulas normativas à serem firmadas. Decidir pela manutenção da assembleia em caráter permanente até final do processo de negociação, mediante convocação quando se fizer necessário. Se na hora acima aprazada não houver "quorum", a Assembleia realizar-se-á em segunda convocação 01 (uma) hora após, às 18:00 horas, com os presentes, cujas deliberações terão plena validade, relativamente aos assuntos em pauta, para toda a categoria. Santo André, 14 de março de 2022. **Luiz Carlos Biazi** - Presidente.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTES

A Comissão de Educação, Cultura e Esportes convida o público interessado para participar da sua **2ª Audiência Pública Semipresencial.**

Tema: Projetos Diversos
Data: 16/03/2022
Horário: 13h30
Local: Sala Tiradentes – 8º andar e Auditório Virtual

1) PL 632/2017 - Autor: Ver. ISAC FELIX (PL) - ACRESCE DISPOSITIVOS À LEI Nº 15.123, DE 22 DE JANEIRO DE 2010, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.
(REFERENTE A CAPACITAÇÃO E A ORIENTAÇÃO DOS SERVIDORES DAS CRECHES DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO PARA A PRESTAÇÃO DE PRIMEIROS SOCORROS).
2) PL 238/2018 - Autor: Ver. ARSELINO TATTO (PT); Ver. GILBERTO NASCIMENTO (PSC) - ESTABELECE DIRETRIZES PARA A INSTITUIÇÃO DO PROGRAMA RECREIO NAS FÉRIAS.
3) PL 324/2018 - Autor: Ver. ELISEU GABRIEL (PSB) - AUTORIZA A CRIAÇÃO DO INDICADOR DE QUALIDADE E EQUIDADE NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DA CIDADE DE SÃO PAULO.
4) PL 25/2021 - Autor: Ver. MISSIONÁRIO JOSÉ OLÍMPIO (UNIÃO); Ver. JULIANA CARDOSO (PT); Ver. PROFESSOR TONINHO VESPOLI (PSOL); Ver. GILBERTO NASCIMENTO (PSC); Ver. RINALDI DIGILIO (UNIÃO); Ver. ELAINE DO QUILOMBO PERIFÉRICO (PSOL); Ver. ELY TERUEL (PODE); Ver. DR SIDNEY CRUZ (SOLIDARIEDADE); Ver. FARIA DE SÁ (PP); Ver. CRIS MONTEIRO (NOVO) - Torna obrigatório o fornecimento de tablets com software de comunicação facilitada aos alunos autistas e com paralisia cerebral da Rede Municipal de Educação que tenham comprometimento da fala, e dá outras providências.
5) PL 32/2021 - Autor: Ver. PROFESSOR TONINHO VESPOLI (PSOL); Ver. LUANA ALVES (PSOL); Ver. ERIKA HILTON (PSOL); Ver. FARIA DE SÁ (PP) - Institui a realização de campanhas públicas sobre a Educação de Jovens e Adultos - EJA, e dá outras providências.
6) PL 474/2021 - Autor: Ver. EDIR SALES (PSD); Ver. RODRIGO GOULART (PSD); Ver. ELY TERUEL (PODE); Ver. CRIS MONTEIRO (NOVO); Ver. FELIPE BECARI (PSD) - Dispõe sobre o Evento "Virada da Castração", a ser realizado anualmente, em um dos finais de semana do mês de novembro, na cidade de São Paulo, e dá outras providências.
7) PDL 51/2018 - Autor: Ver. PROFESSOR TONINHO VESPOLI (PSOL) - DISPÕE SOBRE A REVOGAÇÃO DA PORTARIA Nº 9.145, DE 11 DE DEZEMBRO DE 2017, QUE ESTABELECE CRITÉRIOS PARA ATENDIMENTO ÀS CRIANÇAS MATRICULADAS NOS CEIS DA REDE DIRETA, INDIRETA E PARCEIRA DURANTE OS PERÍODOS DE FÉRIAS DE JANEIRO E RECESSO ESCOLAR DE JULHO DE 2018, NOS TERMOS DA LEI Nº 15.625/2018, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

Para assistir: O evento será transmitido ao vivo pelo portal da Câmara Municipal de São Paulo, através dos Auditórios Online [**www.saopaulo.sp.leg.br/transparencia/auditorios-online**], e pelo canal da Câmara Municipal no Youtube [**www.youtube.com/camarasaopaulo**].

Para participar: encaminhe sua manifestação por escrito ou inscreva-se para participar ao vivo por videoconferência através do Portal da CMSP na internet, em **http://www.saopaulo.sp.leg.br/audienciapublicavirtual/inscricoes/**.

Para maiores informações: **educ@saopaulo.sp.leg.br**

SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE PAPEL, PAPELÃO E CORTIÇA DE GUARULHOS, ARUJÁ E ITAQUAQUECETUBA - SP - CNPJ 49.095.581/0001-81 - Registro Sindical nº 24000.013167/84 - **Edital de Convocação** - Por este Edital, o **Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Papel, Papelão e Cortiça de Guarulhos, Arujá e Itaquaquecetuba - SP, CNPJ 49.095.581/0001-81 - Registro Sindical nº 24000.013167/84**, convoca todos os trabalhadores nas Indústrias do papel, celulose, papelão, cortiça, de embalagens tubetes, conicais, caixas de papel e papelão, e caixa de papel cartão e papelão ondulado, artigos de escritório, formulários contínuos, etiquetas adesivadas, etiquetas de barras, fraldas descartáveis, papeis auto copiativos, película adesivas, papel heliográfico, artigos para festas, aparistas de papel e recicladoras de artefatos de papel, papelão e cortiça, empacotamento, embalagens e artigos artesanais de papel, papelão e produtos de cortiça. Trabalhadores em empresas prestadoras de serviços terceirizados nas indústrias de papel, papelão, artefatos de papel, papelão e cortiça, artigos de papel, papelão, bolsas, sacos, sacolas de papel, papelão e embalagens para sorvetes em papel impressos ou não, artigos têxtil especifico em celulose, lenço de papel umedecido, barrica de papel e papelão bandeja laminada em papel e papelão, pratos de papel e papelão laminados ou não, fitas adesivas impressas ou não. A categoria Profissional representada abrange os trabalhadores nas indústrias e na comercialização de seus produtos conforme estabelece o cadastro nacional de atividades econômicas - CNAE, especificadas nos Arts. 8º e 9º do estatuto. Trabalhadores de produtos de papel, celulose e papelão, artefatos de papel, papelão e cortiça. Os empregados das empresas prestadora de serviços cujo desempenho profissional contribua direta ou indiretamente para as atividades produtivas da empresa e dos demais trabalhadores representante do 11º Grupo no plano da CNTI - (Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias), nos termos dos Arts. 511º ***"Caput"*** §§ 1º, 2º e 4º, 513º, 570º parágrafo único e 577º da CLT, nas Cidades de Guarulhos, Arujá, Igaratá, Itaquaquecetuba, Nazaré Paulista e Santa Isabel - SP, para se reunir em Assembleia Geral Extraordinária, na sede social do Sindicato a Rua Cuevas nº21, Centro Guarulhos / SP, no dia 30 de Março de 2022, as 16h00min em primeira chamada, não atingindo o quórum legal, em segunda e ultima chamada as 17h00min para deliberação e aprovação da **seguinte ordem do dia**: a) Leitura e aprovação da Ata anterior; b) Discussão e aprovação da ampliação da base do Sindicato nas Cidades de Guarulhos, Arujá, Igaratá, Itaquaquecetuba, Nazaré Paulista e Santa Isabel; c) Discussão, deliberação e aprovação de alteração da representação profissional dos trabalhadores nas Indústrias de papel, celulose, papelão, cortiça, de embalagens, tubetes, conicais, caixa de papel e caixa de papel cartão, papelão ondulado, artigos de escritório, formulários contínuos, etiquetas adesivadas, etiquetas de barras, fraldas descartáveis, papeis auto copiativos, película adesivas, fitas adesivas impressos ou não, papel heliográfico, artigos para festas, aparistas de papel e recicladoras de artefatos de papel, papelão e cortiça, empacotamento, embalagens e artigos artesanais de papel, papelão e produtos de cortiça. Trabalhadores em empresas prestadoras de serviços terceirizados nas indústrias de papel, papelão, artefatos de papel, papelão e cortiça, artigos de papel, papelão, sacos, sacolas de papel, papelão e embalagens para sorvetes em papel ou plásticos impressos ou não, artigos têxtil especifico em celulose, lenço de papel umedecido, barrica de papel e papelão, bandeja laminada em papel e papelão, pratos de papel e papelão laminados ou não, artigos e acessórios de papel e papelão para animais domésticos, tapetes higiênicos para pets. A categoria Profissional representada abrange os trabalhadores nas indústrias e na comercialização de seus produtos conforme estabelece o cadastro nacional de atividades econômicas - CNAE especificadas nos Arts. 8º e 9º do estatuto. Trabalhadores de produtos de papel, celulose e papelão, artefatos de papel, papelão e cortiça. Trabalhadores nas empresas prestadora de serviços cujo desempenho profissional contribua direta ou indiretamente para as atividades produtivas da empresa e dos demais trabalhadores representante do 11º Grupo no plano da CNTI - (Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias), nos termos dos Arts. 511º ***"Caput"*** §s 1º, 2º e 4º, 513º, 570º § único e 577º da CLT nas Cidades de Guarulhos, Arujá, Igaratá, Itaquaquecetuba, Nazaré Paulista e Santa Isabel, Estado São Paulo; d) Aprovada as alterações na representação e ampliação de base, a Diretoria do Sindicato, fica autorizada a promover o registro nos órgãos competentes, podendo retificar ou ratificar os itens alterados, sem que necessariamente necessite de nova assembleia, desde que mantenha se a boa fé conforme estabelece a portaria MTP nº 671 de 08 de Novembro de 2021. Guarulhos 09 de Março de 2022. **Eduardo Henrique Neves** - Presidente.

COOPERATIVA DE ECONOMIA E CRÉDITO MÚTUO DOS EMPREGADOS DA EATON
EDITAL DE CONVOCAÇÃO
ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA E EXTRAORDINÁRIA

O Presidente da Cooperativa de Economia e Crédito Mútuo dos Empregados da Eaton, inscrita no CNPJ sob nº 73.077.388/0001-38 e NIRE nº 35400009910, no uso das atribuições que lhe confere o Estatuto Social, convoca os 969 (Novecentos e Sessenta e Nove) associados, em condições de votar, para reunirem em Assembleia Geral Ordinária, a realizar-se à Rua Clark 156, Macuco, nesta cidade de Valinhos, Estado de São Paulo, por absoluta falta de espaço na sede da Cooperativa, no dia 25 de Março de 2022, obedecendo os seguintes horários e "quorum" para sua instalação, sempre no mesmo local, cumprindo o que determina o Estatuto Social: 01) - Em primeira convocação às 13:00hs com a presença de 2/3 (dois terços) do número total de associados; 02) - Em segunda convocação às 14:00hs, com a presença de metade mais um do número total de associados; 03) - Em terceira e última convocação às 15:00hs, com a presença mínima de 10 (dez) associados, para deliberarem sobre a seguinte Ordem do dia: ORDINÁRIA: 1 - Prestação de contas do 1º e 2º semestres do exercício de 2021, compreendendo: a) Relatório da Gestão, Demonstração de Sobras ou Perdas e Parecer do Conselho Fiscal; 2 - Destinação das Sobras apuradas e formação do cálculo; 3 - Aplicações do Fundo de Assistência Técnica, Educacional e Social - FATES; 4 - Eleição dos membros do Conselho Administração; 5 - Eleição dos membros do Conselho Fiscal; EXTRAORDINÁRIA: 1 - Reforma ampla do Estatuto Social, destacando a adequação ao modelo Sicoob; 2 - Aprovação da atualização da Política de Sucessão dos Administradores do Sicoob; 3 - Aprovação da atualização da Política Institucional de Governança Corporativa (Sistema Sicoob); 4- Comunicados de assuntos gerais (sem deliberação). Valinhos, 14 de Março de 2022. José Ademar da Silveira Correa Conselheiro Presidente Nota: Conforme determina a Resolução do CMN Nº 4434/15 em seu artigo 46, as demonstrações contábeis do exercício de 2021 acompanhadas do respectivo relatório dos auditores estão à disposição dos associados na sede da Cooperativa.

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO No 20220160

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico No 20220160, de interesse da Secretaria da Saúde – SESA, cujo OBJETO é: Registro de Preço para futuras e eventuais aquisições de material médico hospitalar, conforme especificações contidas no Edital e seus Anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 1602022, até o dia 29/03/2022, às 10h30min (Horário de Brasília–DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 10 de Março de 2022. DORISLEIDE CANDIDO DE SOUSA - PREGOEIRA

EDITAL DE CONVOCAÇÃO DE ASSEMBLEIA ORDINÁRIA E EXTRAORDINÁRIA POR MEIO DIGITAL

A **Bancredi Cooperativa de Crédito dos Bancários de São Paulo e Municípios Limítrofes**, inscrita no CNPJ/MF sob nº 03.422.037/0001-90, por seu Presidente, convoca todos os seus associados em condições de votar, para reunirem-se em AGO e AGE por meio digital, para participarem das **Assembleias Ordinária e Extraordinária Específica, que se realizará de forma remota/virtual**, em razão da impossibilidade de aglomeração de pessoas e necessidade de isolamento social e quarentena, nos termos da Lei nº 13.979/2020 (cujas disposições de teor médico e sanitário de modo mais direto foram tidas com vigência prorrogada em decisão, por maioria de votos, do Supremo Tribunal, no exame da ADI 6.625 DF), durante o **período das 10h às 18h, do dia 29 de Março 2022**, na forma disposta no site (https://assembleia.spbancarios.com.br), onde estarão disponíveis todas as informações necessárias para a deliberação acerca da seguinte pauta:

ORDEM DO DIA EM REGIME DE AGO DIGITAL
1-Leitura da Ata da Assembleia de 24/03/2020 para ratificação.
2-Leitura da Ata da Assembleia de 29/09/2021 para ratificação.
3-Prestação de contas exercício encerrado 31/12/2021, compreendendo A) Relatório de Gestão/Diretoria ; B) Balanço do ano 2021 , primeiro e segundo semestres ; C) Demonstrações de Sobras ou Perdas Apuradas; D) Parecer do Conselho Fiscal e Auditoria Independente.
4-Destinação das Sobras Apuradas
5-Eleições Conselho Fiscal
6-Outros assuntos de interesse do quadro social.
ORDEM DO DIA EM REGIME DE AGE DIGITAL
1 - Ratificação Reforma e Consolidação do Estatuto Social da Cooperativa , envolvendo os artigos ; a)Artigo 14- Parágrafo 2º ,b)Artigo 15, aprovado em assembleia de 24/03/2021
Observações : Todos os documentos mencionados nesta assembleia , estão disponíveis na sede, nos pac´s e no site www.bancredi.com.br a partir de ,17/03/2022

São Paulo, 11 de Março de 2022.

Flavio Monteiro Moraes — Diretor Presidente
Washington Batista Farias — Diretor Tesoureiro

CEARÁ — GOVERNO DO ESTADO

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO No 20220006 - IG No 1144665000

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico No 20220006, de interesse da Superintendência De Obras Hidráulicas – SOHIDRA, cujo OBJETO é: Contratação de empresa na prestação de serviços de mão de obra terceirizada, cujos empregados sejam regidos pela Consolidação das Leis Trabalhistas – CLT, para atender as necessidades das áreas de Apoio Administrativo e de Transporte da SOHIDRA conforme especificações contidas no Edital e seus Anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 2802022, até o dia 29/03/2022, às 9h (Horário de Brasília–DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 08 de Março de 2022. CIRÍACO BARBOSA DAMASCENO NETO - PREGOEIRO

RESUMO DE EDITAL DE LEILÃO E INTIMAÇÃO - ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA. CREDOR FIDUCIÁRIO: UNIFISA - Administradora Nacional de Consórcios Ltda., CNPJ sob nº 60.732.997/0001-04. DEVEDOR FIDUCIANTE: Guilherme Azevedo Joffily, CPF nº 258.038.558-47, e Camila Fernanda Pinheiro Savian Joffily, CPF nº 309.819.888-57. O Sr. Leonardo Vieira Amaral, Leiloeiro Oficial, JUCESP nº 1010, neste ato, autorizado pelo CREDOR FIDUCIÁRIO, FAZ SABER que levará a Público Leilão de modo "on-line" pelo website hospedado na rede mundial de computadores em https://www.leilaonet.com.br, nos termos da Lei nº 9.514/97, o seguinte BEM: O imóvel matriculado sob nº 8.279 do 4º Oficial de Registro de Imóveis de Campinas/SP, constituído por "IMÓVEL: Lote 4 da quadra E do loteamento denominado Ville Sainte Hélène, localizado no Distrito de Paz de Sousas, Município, Comarca de Campinas-SP e 4ª Circunscrição Imobiliária, com a seguinte descrição: mede 15,03m de frente para a Rua 27; 15,00m no fundo, confrontando com o Sistema de Lazer 10; 34,59m no lado direito, confrontando com o Lote 5; 33,66m no lado esquerdo, confrontando com o Lote 3; encerrando a área de 511,63m². A presente descrição considera que o observador situa-se sobre o lote e olha em direção à rua. Restrições: Devem ser respeitadas restrições quanto à edificação e ao uso do imóvel, descritas na matrícula nº 3.305, onde feito o registro do empreendimento e constantes do contrato padrão arquivado no processo do loteamento. AV-25/8.279: - Prenotação nº 56.432, em data de 29/08/2013. DENOMINAÇÃO DE LOGRADOURO - De conformidade com o artigo 1º, inciso XXVI, da Lei Municipal nº 13.187, de 14 de novembro de 2007, faço a presente averbação para consignar que a Rua Vinte e Sete do loteamento Residencial Ville Sainte Hélène, onde está situado o imóvel objeto da presente matrícula, passou a denominar-se RUA VERSAILLES, Campinas, 16 de setembro de 2013." Venda em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. Imóvel ocupado, desocupação por conta do arrematante. CONSOLIDAÇÃO em AV.-27/8.279, Prenotação nº 91.617, em 14/12/2018. DATA: 1º LEILÃO: 31 de março de 2022, às 15h30m*, Lance Mínimo: R$ 2.600.000,00 - 2º LEILÃO: 18 de março de 2022, às 15h30m*, Lance Mínimo: R$ 2.957.588,68 (se houver - *horário de Brasília). PARTICIPAÇÃO: O envio de lances será on-line e se dará através do site do leiloeiro, os interessados deverão se cadastrar em www.leilaonet.com.br e se habilitar em até 24 horas antes do início do leilão. Edital completo no site www.leilaonet.com.br, demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981/32, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427/33. PAGAMENTO: O arrematante deverá efetuar o pagamento integral do preço do imóvel arrematado, à vista, por meio de boleto bancário, no prazo de 24h do encerramento do leilão. A título de comissão, pagará em igual prazo, à vista, o valor de 5% sobre o lance ofertado, a ser depositada diretamente na conta corrente bancária indicada pelo Leiloeiro. LOCAL DE REALIZAÇÃO: Rua Dona Maria Paula nº 122, 5º andar, Bela Vista, São Paulo/SP. INFORMAÇÕES: fone (11) 96100-8910 / e-mail contato@leilaonet.com.br.

EDITAL DE CONVOCAÇÃO - ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA - A **Federação dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas e Farmacêuticas do Estado de São Paulo - FEQUIMFAR** - CNPJ 62.812.953/0001-01, com sede social à Rua Tamandaré, 120 - Liberdade - São Paulo - SP - CEP: 01525-000, pelo presente Edital, convoca os Delegados Representantes dos Sindicatos Filiados, quites e em pleno gozo de seus direitos estatutários, a comparecerem na **Assembleia Geral Extraordinária a ser realizada no dia 25 de Março de 2022, às 08h00 em 1ª convocação e às 10h00 em 2ª Convocação,** e conforme disposto no artigo 124 do Estatuto Social, se dará de forma virtual, através do aplicativo Zoom, cujo link de acesso será enviado no ofício de convocação às entidades filiadas. A Assembleia tem como objetivo deliberar a seguinte ordem do dia: **a)** Leitura, discussão e votação da ata da assembleia anterior; **b)** Discussão e deliberação sobre as Negociações Coletivas sobre Home Office e Teletrabalho a serem levadas a efeito com o Sindicato representativo da respectiva categoria econômica; **c)** Discussão e deliberação sobre Negociações Coletivas que dispõe sobre medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública relacionadas ao Coronavirus e/ou Gripe, a serem levadas a efeito com o Sindicato representativo da respectiva categoria econômica; **d)** Discussão e deliberação da Pauta de reivindicações a ser apresentada ao Sindicato Patronal e/ou às Usinas e Destilarias de Álcool e Etanol e às Usinas e Destilarias de Álcool e Etanol que estejam fabricando açúcar, bem como a avaliação das Assembleias realizadas nas regiões representadas por sindicatos filiados do setor; **e)** Discussão e deliberação sobre a cláusula que trata das Contribuições (conforme autorizado pela ADIN 5794), que deverá figurar entre as demais reivindicações, bem como, deliberar sobre o percentual a ser repassado pelos Sindicatos Filiados à Federação, e também quanto à autorização do desconto e recolhimento da Contribuição Sindical, nos termos do art. 578 e seguintes da CLT c/c art. 8º, III e IV da CF e 513, "e" e 611-B, XXVI da CLT; **f)** Outorga de poderes à Diretoria da Federação para encaminhamento e coordenação das negociações com o Sindicato Patronal e/ou com as Usinas e Destilarias diretamente, em conjunto com os representantes dos sindicatos filiados, bem como a eventual realização de Mesa Redonda no Órgão do Ministério competente, e, ainda instituir comissão para encaminhamento das negociações, e em caso de malogro das mesmas, suscitar Dissídio Coletivo perante o Egrégio Tribunal Regional do Trabalho; **g)** Posicionamento da categoria sobre a Greve Geral, no caso das negociações não chegarem a entendimentos amigáveis. São Paulo, 11 de Março de 2022. **a) Sérgio Luiz Leite** - Presidente.

SOLD — **EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA** — Santander

1º LEILÃO: 31 de Março de 2022, às 09h00min *. 2º LEILÃO: 11 de Abril de 2022, às 14h20min *. *(horário de Brasília)

ALEXANDRE TRAVASSOS, Leiloeiro Oficial, JUCESP nº 951, com escritório na Av. Engenheiro Luís Carlos Berrini, nº 105, 4º andar, Edifício Berrini One - Brooklin Paulista - CEP: 04571-010, FAZ SABER a todos quanto o presente EDITAL virem ou dele conhecimento tiver, que levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **PRESENCIAL E/OU ON-LINE**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, autorizada pelo **Credor Fiduciário BANCO SANTANDER (BRASIL) S/A** - CNPJ nº 90.400.888/0001-42, nos termos do Instrumento particular com eficácia de escritura pública, alienação fiduciária de imóvel em garantia, datado em 28/02/2014, firmado com os **Fiduciantes Chen Xiaomeng**, RNE nº V347398-0-CGPI/DIREX/DPF e CPF nº 229.427.868-25, e seu marido **Teng Mingxian**, RNE nº Y237808-K-CGPI/DIREX/DPF e CPF nº 217.516.648-13, residentes e domiciliados em São Paulo/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO (data/horário acima)**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 4.252.539,56 (Quatro milhões, duzentos e cinquenta e dois mil, quinhentos e trinta e nove reais e cinquenta e seis centavos** - *atualizado conforme disposições contratuais*), os imóveis constituídos conforme abaixo: Uma residência, que recebeu o nº 171 da Alameda Aroeira Vermelha, Osasco/SP, com área construída de 381,91m² e área total de terreno de 384,00m², **melhor descrito na matrícula nº 78.438 do 1º Cartório Oficial de Registro de Imóveis de Osasco/SP. Cadastrado na Prefeitura sob o nº 23242.42.73.0150.00.000.01. Imóvel ocupado. Venda em caráter *"ad corpus"* e no estado de conservação em que se encontra.** Parte ideal correspondente a 1/276 do imóvel, Lote nº 19 da quadra 06 do Jardim Lorian, na Alameda Oiti, com a área de 451,68m², **melhor descrito na matrícula nº 73.406 do 1º Cartório Oficial de Registro de Imóveis de Osasco/SP. Cadastrado na Prefeitura sob o nº 23242.44.28.0218.00.000.01. Imóvel ocupado. Venda em caráter *"ad corpus"* e no estado de conservação em que se encontra.** Parte ideal correspondente a 1/276 do imóvel, Lote nº 20 da quadra 06 do Jardim Lorian, na Alameda Oiti, com a área de 567,37m², **melhor descrito na matrícula nº 73.407 do 1º Cartório Oficial de Registro de Imóveis de Osasco/SP. Cadastrado na Prefeitura sob o nº 23242.44.28.0232.00.000.02. Imóvel ocupado. Venda em caráter *"ad corpus"* e no estado de conservação em que se encontra.** Parte ideal correspondente a 1/276 do imóvel, Lote nº 21 da quadra 06 do Jardim Lorian, na Alameda Pinheiro, com a área de 648,92m², **melhor descrito na matrícula nº 73.408 do 1º Cartório Oficial de Registro de Imóveis de Osasco/SP. Cadastrado na Prefeitura sob o nº 23242.44.28.0246.00.000.02. Imóvel ocupado. Venda em caráter *"ad corpus"* e no estado de conservação em que se encontra.** Parte ideal correspondente a 1/276 do imóvel, Lote nº 22 da quadra 06 do Jardim Lorian, na área verde 09, com a área de 504,46m², **melhor descrito na matrícula nº 73.409 do 1º Cartório Oficial de Registro de Imóveis de Osasco/SP. Cadastrado na Prefeitura sob o nº 23242.44.28.0262.00.000.02. Imóvel ocupado. Venda em caráter *"ad corpus"* e no estado de conservação em que se encontra.** Parte ideal correspondente a 1/276 do imóvel, Lote nº 23 da quadra 06 do Jardim Lorian, na área verde 09, com a área de 525,62m², **melhor descrito na matrícula nº 73.410 do 1º Cartório Oficial de Registro de Imóveis de Osasco/SP. Cadastrado na Prefeitura sob o nº 23242.44.28.0274.00.000.02. Imóvel ocupado. Venda em caráter *"ad corpus"* e no estado de conservação em que se encontra.** Parte ideal correspondente a 1/276 do imóvel, Lote nº 24 da quadra 06 do Jardim Lorian, na Alameda Buriti, com a área de 441,56m², **melhor descrito na matrícula nº 73.411 do 1º Cartório Oficial de Registro de Imóveis de Osasco/SP. Cadastrado na Prefeitura sob o nº 23242.44.28.0287.00.000.03. Imóvel ocupado. Venda em caráter *"ad corpus"* e no estado de conservação em que se encontra.** Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **SEGUNDO LEILÃO (data/horário acima)**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 1.669.147,82 (Um Milhão, seiscentos e sessenta e nove mil, cento e quarenta e sete reais e oitenta e dois centavos** - *nos termos do art. 27, §2º da Lei 9.514/97*). **Se o caso, o leilão presencial ocorrerá no escritório do Leiloeiro. Os interessados em participar do leilão de modo on-line**, deverão se cadastrar na Loja SOLD LEILÕES (www.sold.superbid.net) e no SUPERBID MARKETPLACE (www.superbid.net), **e se habilitar com antecedência de 24 horas** úteis **do início do leilão**. Em virtude da pandemia da COVID-19 o evento será realizado exclusivamente *on line* através da Loja SOLD LEILÕES (www.sold.superbid.net) e do SUPERBID MARKETPLACE (www.superbid.net). **Forma de pagamento e demais condições de venda. VEJA A INTEGRA DESTE EDITAL** NA LOJA SOLD LEILÕES (www.sold.superbid.net) E NO SUPERBID MARKETPLACE (www.superbid.net). Informações: 11-4950-9400 / / imoveis.sac@superbid.net (17287 - Dossiê).

MUNICIPIO DE BÁLSAMO

Aviso de Licitação

Órgão: Prefeitura Municipal de Bálsamo Objeto: contratação de empresa especializada, sob o regime de empreitada por preço global, para a reforma do Velório Municipal, Modalidade: Tomada de Preços nº 06/2022 Abertura: 30/03/2022 – 14h00, Edital completo e demais informações serão obtidas na Secretaria desta Prefeitura Municipal, de 2ª a 6ª feira, das 8h às 12h e das 13h30 às 17h ou no site www.balsamo.sp.gov.br.
Carlos Eduardo C. Lourenço - Prefeito Municipal.

MUNICIPIO DE BÁLSAMO

Aviso de Licitação

Órgão: Prefeitura Municipal de Bálsamo Objeto: contratação de empresa especializada, sob o regime de empreitada por preço global, para a construção de Piscina Aquecida, Modalidade: Tomada de Preços nº 07/2022 Abertura: 31/03/2022 – 09h00, Edital completo e demais informações serão obtidas na Secretaria desta Prefeitura Municipal, de 2ª a 6ª feira, das 8h às 12h e das 13h30 às 17h ou no site www.balsamo.sp.gov.br.
Carlos Eduardo C. Lourenço - Prefeito Municipal.

MUNICIPIO DE BÁLSAMO

Aviso de Licitação

Órgão: Prefeitura Municipal de Bálsamo Objeto: contratação de empresa especializada, sob o regime de empreitada por preço global, para a construção de campo de Malha e Bocha, Modalidade: Tomada de Preços nº 05/2022 Abertura: 30/03/2022 – 09h00, Edital completo e demais informações serão obtidas na Secretaria desta Prefeitura Municipal, de 2ª a 6ª feira, das 8h às 12h e das 13h30 às 17h ou no site www.balsamo.sp.gov.br.
Carlos Eduardo C. Lourenço - Prefeito Municipal.

MUNICIPIO DE BÁLSAMO

Aviso de Licitação

Órgão: Prefeitura Municipal de Bálsamo Objeto: Registro de Preços para a Aquisição de Produtos e Reagentes Químicos, para o SAEB – Serviço de Água e Esgoto de Bálsamo, Modalidade: Pregão Eletrônico nº 04/2022 – Processo 16/2022 – Tipo: Menor Preço por Item. Abertura: 25/03/2022, Horário 09H00 Edital completo e demais informações serão obtidas na Secretaria desta Prefeitura Municipal, de 2ª a 6ª feira, das 8:00 às 12:00 horas ou no site www.balsamo.sp.gov.br.
Carlos Eduardo C. Lourenço - Prefeito Municipal.

ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES E IMPORTADORES DE LUBRIFICANTES - SIMEPETRO
CNPJ 03.898.900/0001-96
EDITAL DE CONVOCAÇÃO

O Senhor Carlos Abud Ristum, presidente da Associação dos Produtores e Importadores de Lubrificantes - SIMEPETRO, CNPJ 03.898.900/0001-96, no uso de suas atribuições, convoca todos os associados para a **Assembleia Geral** que será realizada no dia 23 de março de 2022, em formato virtual através de aplicativo de videoconferência, às 10:00 horas, em primeira convocação, com presença de mais da metade dos associados ativos, ou em segunda convocação, meia hora depois, às 10:30 horas, com qualquer quórum. A empresa associada interessada deverá encaminhar e-mail para secretaria@simepetro.com.br solicitando as informações de acesso à assembleia virtual. A Assembleia Geral terá por objeto a eleição do Conselho de Administração da Associação, a qual será realizada de acordo com o Estatuto Social, com registro em ata. São Paulo, 14 de março de 2022. **Carlos A. Ristum** - Presidente.

AVISO DE LICITAÇÃO

A PREFEITURA DO MUNICÍPIO, DE SANTA FÉ DO SUL - SP, avisa que se acham abertas as inscrições à licitação na modalidade TOMADA DE PREÇOS, registrada sob nº 05/2022, que objetiva à contratação de empresa especializada para execução dos Serviços de Reforma e Ampliação do Terminal Rodoviário, no Município, com fornecimento de materiais/equipamentos e mão de obra, em cumprimento ao objeto do Termo de Convênio nº 100058/2022, firmado com a Secretaria de Desenvolvimento Regional do Estado de São Paulo, por tempo determinado, conforme condições estabelecidas no Edital e seus anexos, sendo o seu encerramento às 09h00 do dia 30 de março de 2022, com a abertura dos envelopes às 09h30 do mesmo dia. As empresas interessadas em participar da referida licitação poderão obter maiores informações junto ao Seção de Licitações da Prefeitura do Município, de Santa Fé do Sul - SP, sito a Avenida Conselheiro Antônio Prado, nº 1.616, Centro, nesta, por e-mail licita@santafedosul.sp.gov.br ou pelo telefone (17) 3631-9500, no horário normal do expediente. O Edital completo e demais elementos que determina as condições do certame encontra-se à disposição dos interessados no endereço acima mencionado, bem como, no site www.santafedosul.sp.gov.br, podendo ser retirado gratuitamente. Prefeitura Municipal da Estância Turística de Santa Fé do Sul - SP, em 11 de março de 2022.EVANDRO FARIAS MURA.PREFEITO.

FUNDAÇÃO MUNICIPAL PARA EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA - FUMEC

AVISO DE LICITAÇÃO

Acha-se aberto na Fundação Municipal para Educação Comunitária, com Instrumento Convocatório disponibilizado no Portal da Bolsa Eletrônica de Compras do Estado de São Paulo (www.bec.sp.gov.br ou www.bec.fazenda.sp.gov.br) o **Pregão Eletrônico nº 16/2022** - Processo Administrativo nº FUMEC.2022.00000312-19. **Objeto:** Contratação de empresa para fornecimento de KITS LANCHE destinados ao atendimento dos alunos matriculados no Centro de Educação Profissional de Campinas – CEPROCAMP e suas unidades situadas na cidade de Campinas – SP, conforme condições e especificações constantes do ANEXO I - TERMO DE REFERÊNCIA. DATA DO INÍCIO DO PRAZO PARA ENVIO DA PROPOSTA ELETRÔNICA: 21/03/2022. DATA E HORA DA ABERTURA DA SESSÃO PÚBLICA: 31/03/2022 - 09:00 h. **OFERTA DE COMPRA - OC Nº 824402801002022OC00019.** Qualquer dúvida ou esclarecimentos adicionais poderão ser obtidos site da BEC: (www.bec.sp.gov.br ou www.bec.fazenda.sp.gov.br), através da opção: Edital. Campinas, 11 de março de 2.022. **LEANDRO CARVALHO DE OLIVEIRA** - Assessor Superior - FUMEC

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

O Colégio Notarial do Brasil - Seção de São Paulo - CNB/SP convoca os associados a comparecerem à Assembleia Geral Ordinária, nos termos do artigo 5°, alínea "a.3" e artigo 6°, no próximo dia **30 de março de 2022** para **ratificação dos atos administrativos** e, ato contínuo, para **eleição e posse dos membros da Diretoria, do Conselho Fiscal e do Conselho de Ética.** De acordo com o artigo 8°, caput, do Estatuto, a sessão será instalada às 10h30min com a presença de um quinto dos associados, na falta desse quórum, será instalada, em segunda chamada, às 11 horas, com o número de presentes. O encontro realizar-se-á na sede da entidade, no Município de São Paulo, na Rua Bela Cintra, 746- 11° andar.

Daniel Paes de Almeida - Presidente do CNB/SP.

SINDICATO NACIONAL DA INDÚSTRIA DE ESTAMPARIA DE METAIS - SINIEM
CNPJ 62.506.233/0001-18
EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Ficam convocadas todas as empresas representadas pelo SINDICATO NACIONAL DA INDÚSTRIA DE ESTAMPARIA DE METAIS - SINIEM, associadas ou não, para a Assembleia Geral Ordinária a se realizar de forma remota, em razão da pandemia. A reunião será realizada por meio do aplicativo Zoom, no próximo dia 22 (vinte e dois) de março de 2022, às 15:00 horas em primeira convocação, para deliberar sobre a seguinte ordem do dia: Análise e aprovação das contas da Diretoria referentes ao ano de 2021. Nos termos do Art. 29, parágrafo primeiro do Estatuto, não estando presentes, em primeira convocação, a maioria absoluta dos representantes das empresas associadas no pleno gozo dos seus direitos sindicais, a Assembleia será realizada 30 minutos após, às 15:30 horas, em segunda e última convocação, com a presença de pelo menos 1/3 (um terço) dos representantes das empresas associadas, nas mesmas condições acima.

São Paulo, 10 de março de 2022
ROGERIO PAYREBRUNE ST. SÈVE MARINS
Presidente do SINIEM

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO No 20220045

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico No 20220045 de interesse da Companhia de Água e Esgoto do Ceará – CAGECE, cujo OBJETO é: Registro de Preço para futuras e eventuais aquisições de peças de reposição genuínas para bombas submersíveis Ebara, conforme especificações contidas no Edital e seus Anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 2702022, até o dia 28/03/2022, às 9h (Horário de Brasília–DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br, Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 04 de Março de 2022. VALDA FARIAS MAGALHÃES - PREGOEIRA

COMPARECIMENTO

A Empresa **SEGURPRO VIG. PATRIMONIAL S/A**, solicita o comparecimento de **VAGNER PAIS GOMES** no endereço: Rua dos italianos, 988 - Bom Retiro - SP, para tratar de assuntos relacionados ao seu contrato de trabalho.

COMPARECIMENTO

A Empresa **SEGURPRO VIG. PATRIMONIAL S/A**, solicita o comparecimento de **ADRIANO BORGES DA ROCHA ALMEIDA** no endereço: Rua dos italianos, 988 - Bom Retiro - SP, para tratar de assuntos relacionados ao seu contrato de trabalho.

COMPARECIMENTO

A Empresa **SEGURPRO VIG. PATRIMONIAL S/A**, solicita o comparecimento de **CRISTIANE DE MELO ALBUQUERQUE ALVES** no endereço: Rua dos italianos, 988 - Bom Retiro - SP, para tratar de assuntos relacionados ao seu contrato de trabalho.

COMPARECIMENTO

A Empresa **SEGURPRO VIG. PATRIMONIAL S/A**, solicita o comparecimento de **PAULO HENRIQUE GALVAO TRINDADE** no endereço: Rua dos italianos, 988 - Bom Retiro - SP, para tratar de assuntos relacionados ao seu contrato de trabalho.

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO No 20212288

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico No 20212288 de interesse da Secretaria da Saúde – SESA, cujo OBJETO é: Registro de Preço para futuras e eventuais aquisições de medicamentos, conforme especificações contidas no Edital e seus Anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 22882021, até o dia 29/03/2022, às 14h30min (Horário de Brasília–DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 09 de Março de 2022. CIRÍACO BARBOSA DAMASCENO NETO - PREGOEIRO

A Lei de Proteção de Dados é elitista?

Estudo na França aponta que principais usuários são homens, de capitais e com diplomas

Ronaldo Lemos

Advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro

Seria a Lei Geral de Proteção de Dados elitista, capaz de beneficiar apenas quem tem dinheiro e ensino superior? Essa pergunta ainda não foi feita no Brasil, mas ganhou uma resposta recente na França, país que é pioneiro na proteção de dados.

Em estudo publicado pelo laboratório de inovação da autoridade francesa de proteção de dados (a CNIL), a constatação é que o conjunto de direitos que chamamos de "proteção de dados" é exercido por um segmento privilegiado da população. O estudo levou em consideração os pleiteantes desses direitos e conduziu entrevistas em profundidade com os usuários da CNIL.

Os dados são incômodos. Os usuários da proteção de dados são essencialmente homens (62%), pertencentes a elites profissionais, com diploma universitário com super-representação de portadores de título de mestrado (segmento ínfimo da população). A maior parte com idade entre 30 e 49 anos. Além disso, há super-representação de pessoas que vivem na capital do país, em detrimento das demais regiões e cidades do interior.

A partir de dados de outra pesquisa nacional, o estudo afirma que 68% da população francesa conhece a autoridade de proteção de dados (a CNIL). No entanto, entre a população sem ensino superior, esse número cai para 47%. Já entre a população que pertence à elite profissional, o número salta para 93%.

A autoridade francesa foi fundada em 1978. Mesmo assim, após 44 anos, ainda é desconhecida de partes significativas da população do país. A autoridade de proteção de dados brasileira —a ANPD— foi criada em 2018. O exemplo francês mostra que a ANPD tem um longo caminho pela frente, tanto para ser conhecida como para evitar que distorções como essas se tornem regra também no Brasil.

A preocupação com proteção de dados cresce de acordo com o posicionamento socioeconômico. Outro dado mostra que só 20% das pessoas sem ensino superior dizem se importar com proteção de dados. Já entre a elite, 47% afirmam ter tomado alguma medida para proteger dados nos últimos seis meses antes da pesquisa.

Outra questão é que o exercício do direito à proteção de dados tem ocorrido especialmente com relação a interesses individuais. Casos típicos incluem pessoas querendo excluir informações que ameacem sua reputação. Um caso comum são homens entre 25 e 45 anos, diplomados, buscando suprimir informações desabonadoras de bancos de dados.

Dentro desse universo já bastante restrito, há também os chamados "repeat players". Pessoas que descobrem que podem tirar vantagem pessoal desses direitos e passam a usar o sistema de proteção repetidamente. Dos entrevistados pela CNIL, 27% eram "repeat players".

O estudo francês gera ao menos duas reflexões. A primeira, de cautela. No Brasil, a Lei de Proteção de Dados é recente e tem sido usada inclusive para suprimir o acesso a dados de interesse público. É preciso cautela para que mais distorções, como as identificadas na França, não criem raiz entre nós. O segundo é a importância de estudos de sociologia jurídica como esse. É essencial entender como os direitos são aplicados na prática e quem de fato se beneficia deles.

READER

Já era *Trabalhar para a Lei Geral de Proteção de Dados ser aprovada*

Já é *Trabalhar para que a Autoridade Nacional de Dados seja conhecida por toda a população*

Já vem *Trabalhar para que a Lei Geral de Proteção de Dados não se torne elitista*

Botijão chega a R$ 150 em SP e revendedores parcelam

Reajuste de 16,1% da Petrobras já foi repassado para os consumidores

Cristiane Gercina

SÃO PAULO O mega-aumento de 16,1% aplicado pela Petrobras no gás de cozinha desde sexta-feira (11) já foi repassado aos consumidores no estado de São Paulo. O preço médio do botijão já é de R$ 150 e os revendedores estão parcelando em até dez vezes no cartão de crédito, segundo Robson Carneiro dos Santos, presidente do Sergás (sindicato das revendedoras de gás).

Na quinta (10), além do gás de cozinha, a estatal também anunciou alta de 18,8% na gasolina e 24,9% no óleo diesel, o que provocou filas em postos de combustíveis.

De acordo com Santos, não houve longas filas em busca de gás na capital paulista, como se via anteriormente, porque o aumento foi de "sopetão". O sindicalista atribui a baixa procura também à queda no poder de compra dos consumidores.

Levantamento da ANP (Agência Nacional do Petróleo) mostra que o valor médio do botijão de gás no país era de R$ 102,42 na semana de 6 a 12 de março. O valor mínimo estava em R$ 78 e o máximo, em R$ 140. No estado de São Paulo, custava R$ 100,04 em média. Na capital paulista, R$ 97,09.

Os aumentos no gás de cozinha foram constantes em 2021, para acompanhar as cotações do mercado internacional. Segundo a Petrobras, o reajuste do gás na última sexta ocorreu após 152 dias de estabilidade no preço. A última alta havia sido no dia 9 de outubro de 2021.

Dados do Sergás, que representa 9.800 revendas no estado de São Paulo, apontam crise no setor, com queda de 20% a 25% no consumo de gás de cozinha, além de 40% de demissões nos últimos dois anos, com a pandemia e as mudanças de hábito dos consumidores.

Por um lado, há quem não tenha dinheiro para o gás e acabe utilizando lenha para cozinhar, por outro, há as famílias que optam por panelas e demais utensílios elétricos.

Santos afirma ainda que os reajustes anunciados pelo governo em outros combustíveis também atingem as revendas, já que fica mais caro para entregar o produto. A diferença do preço de entrega para o preço de retirada chega a ser de R$ 20, dependendo da região. "Gasolina e IPVA subiram. A gente está mudando, tirando das ruas, e o consumidor está tendo que ir até o depósito buscar."

"Esse é o maior aumento que tivemos em quase 20 anos. E, sempre que há aumento, a gente repassa. A margem de lucro nunca muda, mas repassamos para não ficar no prejuízo", afirma Edimar Bezerra Lins, 55, dono de uma pequena revenda de botijão de gás na zona leste de São Paulo.

Na região, o botijão de 13 quilos é vendido entre R$ 120 e R$ 130, após o aumento de R$ 10 com o reajuste da Petrobras. Na quinta-feira (10), dia em que houve o anúncio, não foi mais possível comprar gás na região para revender. "Geralmente, um dia antes eles seguram e nem a gente consegue comprar", afirma.

Se o consumidor fizer a retirada do gás, ele dá desconto de R$ 10, pois consegue diminuir custos com combustível e o veículo para entrega. Segundo ele, na região, houve queda de 40% no consumo de gás nos últimos 20 anos, o que faz com que não seja possível ter um funcionário.

O microempresário diz que a queda no consumo é atrelada também à substituição do botijão por gás encanado nos prédios da Cohab perto de seu negócio.

A política de pagamento de Auxílio Gás pelo governo federal não está sendo suficiente nem para as famílias nem para o setor, segundo Santos. O programa, que dá um vale de R$ 52 para famílias de baixa renda, começou a valer no final de dezembro.

O sindicalista afirma que, como o dinheiro é pago diretamente na conta do beneficiário, nem sempre o valor se reverte na compra de botijão para cozinhar. "Como ele está precisando de tantas outras coisas, gasta com comida e outras necessidades. Era preciso que fosse uma política que chegasse às distribuidoras, porque não está sendo atingido o objetivo", afirma.

O valor não é fixo e corresponde à metade do preço médio do botijão de gás, conforme levantamento da ANP com base nos últimos seis meses. A medida atende a 5,4 milhões.

Têm direito ao auxílio-gás as famílias inscritas no CadÚnico com renda mensal per capita (por pessoa da família) menor ou igual a meio salário mínimo (R$ 550 neste ano). Quem tem integrantes no BPC também recebe.

No ano passado, o governador João Doria (PSDB) chegou a pagar, em São Paulo, um vale-gás para famílias de baixa renda. Foram três parcelas no valor de R$ 100, iniciadas em julho. A medida atingiu 426,9 mil famílias que já faziam parte do CadÚnico.

Os bares e restaurantes também foram pegos de surpresa com a alta do gás, com receio de mais prejuízo, devem repassar o reajuste aos poucos para os consumidores, segundo Joaquim Saraiva, presidente da Abrasel-SP (Associação Brasileira de Bares e Restaurantes). "Não vai ser um repasse imediato, ele vai ser gradativo e isso deve ter um intervalo entre 30 e 60 dias", diz.

O setor deve ser atingido também por reflexos dos reajustes em alimentos e outros insumos.

> “Estamos nos reinventando. Hoje, a gente vende o gás parcelado, em seis vezes, ou em até dez vezes no cartão. É absurdo, uma coisa que você tem que usar de 30 em 30 dias
>
> **Robson Carneiro dos Santos**
> presidente do Sergás

mpme

Restaurantes adotam sistema próprio de entrega para fugir de taxas de apps

Plataformas individuais podem ainda fortalecer relação direta entre empreendedores e clientes

Thaís Magalhães Manhães

SÃO PAULO Incomodados com as taxas cobradas pelos maiores aplicativos do setor de delivery de comida, Rappi e iFood, empreendedores buscam, em paralelo, desenvolver plataforma própria de entrega.

É o caso da Padoca Vegan, na Vila Madalena, na zona oeste de São Paulo. O negócio, aberto em 2019, sempre entregou via iFood, mas eram poucas as vendas por meio da plataforma antes da Covid-19.

Quando vieram as restrições, porém, os únicos canais de venda disponíveis eram iFood e WhatsApp.

As donas do negócio, Renata Altheman e Denise Camargo, viram que o preço para manter a marca no aplicativo era alto. "Cobravam [em taxas] quase um terço do valor do produto, aí tínhamos que aumentar o preço para o consumidor e acabávamos perdendo clientes", explica Renata.

Para diminuir a dependência do iFood, as sócias contrataram a Delivery Direto, desenvolvedora de plataformas de entrega para restaurantes. "Fica mais barato se compararmos às taxas do iFood, em que pagamos 26% do preço do produto por entrega, e Rappi, 23%", diz Roman Rauch, gerente da padaria.

O Delivery Direto oferece uma estrutura digital para o restaurante locar e colocar sua marca. O objetivo é criar um canal de comunicação direto e personalizado entre negócio e cliente, e o próprio dono do estabelecimento é responsável pela operação do delivery. Há outras iniciativas parecidas no mercado, como Delivery App e Zak.

A estrutura centraliza um sistema que envolve as etapas de uma entrega, desde o relacionamento com o cliente até a logística de distribuição de entregadores.

O custo do serviço para o empresário varia de R$ 240 a R$ 450 por mês, a depender da empresa desenvolvedora contratada e do plano escolhido.

O pacote inclui funcionalidades como gestão do cardápio, pesquisa de satisfação, programas de fidelidade, acesso a dados dos clientes, entre outros, o que não inclui o custo dos entregadores.

A Padoca, por exemplo, conta com motoboys terceirizados da Mottu e Lalamove. Além disso, ainda que os pedidos tenham sido feitos por meio da plataforma própria, os restaurantes têm a possibilidade de usar entregadores dos gigantes do setor, mediante pagamento.

Nas plataformas próprias há acesso aos dados dos clientes, mediante autorização, diferentemente do que acontece no Rappi e no iFood.

Isso permite, no caso da Padoca, o uso do pixel do Facebook, por exemplo. Com essa ferramenta ela consegue direcionar os anúncios de produtos aos seus clientes de acordo com o seu perfil de ações realizadas no site.

Além disso, há ganhos na relação com os consumidores. Altheman e Rauch dizem que quando a compra se dá por meio do site, o contato direto entre as partes possibilita a resolução mais rápida de um eventual problema.

Ainda que o repasse para as duas plataformas seja, em média, 12% do faturamento total da Padoca Vegan, estar fora delas não é uma opção. Hoje, metade dos pedidos via delivery são feitos por meio do Ifood e a outra metade pelo site e aplicativo próprios.

A Companhia Tradicional de Comércio, empresa de restaurantes que existe há 25 anos, lançou no primeiro semestre de 2020 a Devoro, delivery multimarcas.

O porta-voz da empresa, Bruno Grinberg, diz que estar no iFood e no Rappi impulsionou o crescimento da marca no começo da pandemia, mas, por outro lado, ele percebeu que criar uma relação direta com o cliente por site e aplicativos próprios seria uma grande oportunidade.

"É preciso investir no relacionamento com o consumidor e lhe apresentar os benefícios para que ele prefira comprar por meio do seu site", diz Leo Texeira, sócio da consultoria NaMesa, que atua com negócios de gastronomia.

O principal desafio é atrair o cliente acostumado aos grandes aplicativos. O Pita Kebab, restaurante árabe em Pinheiros (zona oeste de São Paulo), opera no iFood e na plataforma própria desenvolvida pela Delivery App. O primeiro responde por 80% das vendas.

Para estimular compras na plataforma própria e fidelizar clientes, Piero Mazzamati, dono do negócio, oferece "cashback" (devolução de uma porcentagem do valor da compra) e uma taxa de entrega 20% mais barata que a do iFood para quem pedir sua refeição direto com o Pita.

Para Bruno Poli, sócio do Dona Canô, restaurante de comida nordestina em Perdizes (zona oeste de São Paulo), as redes sociais, principalmente Instagram, são aliadas para direcionar os clientes ao seu canal, hospedado na plataforma Wix.

Lá são oferecidos cupons de desconto e preços mais atrativos para quem comprar por meio do seu site. Além do próprio canal, o restaurante está no Ifood, no Rappi e no App Justo. Para entregas, também usa a Borzo e a Lalamove

Leo Texeira, da consultoria NaMesa, diz que as alternativas para se esquivar das taxas são necessárias e que o modelo híbrido, que opere nos gigantes do setor e em plataformas próprias, parece ser um caminho para restaurantes.

Apesar das taxas, quando a marca está presente nessas plataformas, a expectativa de atrair novos clientes é maior.

"Os marketplaces trazem dois grandes valores. O primeiro é ter uma plataforma de interlocução para vender ao cliente que você já tem e o segundo é ter acesso a uma base de clientes que já usam aquela plataforma e se apresentar como opção", diz Rubens Massa, professor do centro de empreendedorismo e novos negócios da FGV.

Procurado, o iFood se limitou a explicar como as taxas funcionam. É possível contratar duas opções de plano. Em uma delas, é cobrado 6% do valor da venda (sem acesso a entregadores) e na outra, 26% (com acesso a motoboys, caso da Padoca). Além disso, há mensalidade de R$ 100 e R$ 130, de acordo com o plano, para quem vender mais de R$ 1.800 no mês.

Em nota, o Rappi disse que os percentuais cobrados são negociáveis e dependem da complexidade das entregas, da localização e de participações em ações promocionais.

Renata Altheman e Denise Camargo, sócias da Padoca Vegana, em SP Gabriel Cabral/Folhapress

Pratos do Pita Kebab, restaurante de comida árabe, embrulhados para entrega Divulgação

> "Cobravam [em taxas] quase um terço do valor do produto, aí tínhamos que aumentar o preço final para o consumidor e acabávamos perdendo clientes
>
> **Renata Altheman**
> sócia da Padoca Vegana

Agente do Ibama em ação contra desmatamento ilegal na região de Castelo dos Sonhos, em Altamira (PA) Felipe Werneck - 24.ago.2016/Ibama

Ibama vê risco de prescrição de 5.000 infrações lavradas na gestão Bolsonaro

Documento mostra que órgão não consegue processar multas para julgar; MMA não comenta

Vinicius Sassine

BRASÍLIA O Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) aponta em relatório o risco de prescrição de mais de 5.000 autos de infração ambiental lavrados no governo Jair Bolsonaro (PL).

O documento da Superintendência de Apuração de Infrações Ambientais do Ibama, obtido pela **Folha**, mostra que o órgão não vem conseguindo processar os autos de infração para encaminhamento a julgamento.

Uma etapa a mais, de conciliação ambiental, foi criada no governo Bolsonaro como forma de enfraquecer a fiscalização ambiental, uma bandeira do presidente desde os tempos de deputado federal.

O acúmulo de processos chegou ao ponto de provocar um risco real de prescrição —quando não pode mais haver punição, em razão da perda do prazo— de autos de infração lavrados em 2020, o segundo ano do mandato de Bolsonaro.

Segundo servidores, o prazo para prescrição é de três anos, caso não haja julgamento ou atos processuais que interrompam o período.

O risco de prescrição é apontado pelo próprio superintendente de Apuração de Infrações Ambientais, Rodrigo Gonçalves Sabença, em um ofício de 26 de novembro de 2021. O documento foi enviado aos superintendentes do Ibama nos estados.

O Ibama e o MMA (Ministério do Meio Ambiente) não responderam aos questionamentos da reportagem.

A paralisia e o risco de impunidade de infrações ambientais ocorrem num momento de recorde de desmatamento da Amazônia e do cerrado.

De agosto de 2020 a julho de 2021, a Amazônia perdeu 13.235 km2 de vegetação, conforme dados oficiais do Prodes (Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite), do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais). O número representa um aumento de 22% em relação ao ciclo anterior, e é o maior desde 2006.

No cerrado, a perda foi de 8.531 km2 de agosto de 2020 a julho de 2021, segundo dados do Prodes. O salto foi de 7,9% em relação ao ciclo anterior, e o maior desmatamento desde 2015.

No ofício, o superintendente buscou soluções junto aos superintendentes nos estados para o acúmulo de processos.

Segundo o documento, o total de autos de infração lavrados em 2020, acrescido de 10% do passivo existente, chega a 10.102 casos. Esses são os processos que precisam de algum tipo de instrução processual, de forma que o prazo de prescrição seja interrompido.

O superintendente calculou serem necessários 27.276 atos para instrução dos processos.

"De junho a outubro foram produzidos 5.096 atos processuais, o equivalente a 1.887 processos. Mantido o atual ritmo de produção, provavelmente produziremos cerca de 10.000 atos processuais, o equivalente a 3.700 processos de auto de infração", cita.

"Ou seja, o Ibama conseguirá instruir apenas 40% dos autos lavrados em 2020 mais 10% que foram tratados no âmbito da conciliação. Os outros 50% ficarão no GN-P aguardando pela instrução processual que poderá não ocorrer antes da prescrição do auto", prossegue o documento de 26 de novembro.

Assim, em relação ao total de processos, o risco de prescrição existia para 5.051 autos. GN-P, área citada no ofício, é o grupo que prepara e classifica os processos de apuração de infrações ambientais.

A realidade do Ibama no Pará, estado com os piores índices de desmatamento da Amazônia, corrobora o risco de prescrição de processos.

Entre as 27 unidades da federação, o Pará era o estado com a maior meta de atos processuais necessários, 3.000, conforme informado no ofício do Ibama. A quantidade era superior à previsão para a sede do órgão, em Brasília.

O documento mostra que, mesmo assim, apenas 20 processos foram distribuídos na superintendência entre junho e outubro de 2021. A distribuição semanal foi suspensa (a exemplo de Amazonas, Acre, Alagoas e Sergipe), e não havia uma definição do potencial de análise de casos até maio deste ano.

Servidores do Ibama afirmaram à **Folha**, sob a condição de anonimato, que o superintendente do órgão no Pará, Washington Luis Rodrigues, enviou 10.000 processos a Brasília de uma única vez, sem qualquer despacho, o que ampliou o risco de prescrição em massa dos autos.

Um decreto de Bolsonaro em 2019 instituiu as audiências de conciliação ambiental, para onde as multas aplicadas pelos fiscais devem ser encaminhadas. Processos podem ser encerrados a partir de soluções como descontos para pagamento, parcelamento ou conversão da multa em algum serviço ambiental.

Um levantamento feito por pesquisadores da PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) e da ONG WWF-Brasil mostrou que 98% dos 1.154 autos de infração lavrados na Amazônia por desmatamento ilegal (entre outubro de 2019 e maio de 2021), por exemplo, estavam parados, sem conciliação. O estudo foi divulgado em dezembro de 2021.

A conciliação ambiental é uma herança da gestão de Ricardo Salles no MMA. Ele deixou o cargo de ministro em junho de 2021. Um mês antes, Salles foi alvo da operação Akuanduba, da Polícia Federal, que investiga suspeitas de corrupção e facilitação de contrabando no envio de madeira ilegal ao exterior.

O presidente do Ibama, Eduardo Fortunato Bim, aliado de Salles, chegou a ser afastado do cargo por 90 dias, por determinação do ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal). Bim, ao fim do afastamento, retornou ao cargo.

A operação da PF se concentrou no envio de madeira extraída no Pará. Um despacho de Bim, assinado em 25 de fevereiro de 2020 (uma terça-feira de Carnaval), dispensou a necessidade de autorização de exportação de madeira. O STF determinou a suspensão dos efeitos desse despacho.

Técnicos do Ibama ouvidos pela PF afirmaram que cerca de 3.000 cargas de madeira da Amazônia no Pará foram exportadas a diversos países sem autorização do órgão.

Moradora de Mogi das Cruzes (SP) atua como 'guardiã da floresta'

DIAS MELHORES

Renan Omura

AGÊNCIA MURAL | SUZANO (SP) Maria Cristina Oliveira, 62, costuma acordar cedo. Pontualmente às 6h30 toma café enquanto escuta o noticiário pelo radinho de pilha, único aparelho que consegue captar sinal na região. "Aqui fico isolada. Sem sinal de celular, TV e muito menos de internet."

Cristina, ou simplesmente Cris, vive sozinha no pico de uma serra, no distrito de Quatinga, a 43 km do centro de Mogi das Cruzes, na Grande São Paulo. Cercada por densa floresta, a área faz parte dos 65% do território de mata atlântica que compõem o município.

"Estou aqui há dez anos e não troco essa paz por nada. Já vi animais de todos os tipos aqui. Pássaros vermelhos, azuis e verdes. A água que eu tomo vem direto do meu poço. Sou privilegiada de poder contemplar essa riqueza", relata.

Apesar da tranquilidade do lugar, Cris vive uma luta constante desde que se mudou para lá. Nos últimos anos, a ativista fez mais de 20 boletins de ocorrência contra loteamentos clandestinos, caçadores ilegais, desmatamentos e cultivos irregulares de eucalipto na região.

"Os crimes que vemos aqui são só uma fração do que está acontecendo no Brasil inteiro. Precisamos lutar contra a boiada que deixaram passar", afirma. "Passar a boiada" foi a expressão usada pelo ex-ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, sobre o objetivo de flexibilizar a legislação contra crimes ambientais.

Uma das denúncias que a ativista fez ao Ministério Público de Mogi das Cruzes, em maio de 2018, resultou em uma operação conjunta entre a polícia ambiental e a Fundação Florestal na Vila Taquarussu. Na ocasião foram embargadas plantações irregulares de eucalipto e também foram apreendidos os maquinários.

Cris diz já ter sofrido represálias pelas denúncias. Os quatro pneus da caminhonete dela foram cortados em uma ocasião, em 2016. Além disso, sua casa já foi furtada logo após uma reclamação. Para a ativista, esses crimes seriam mensagens para que suspendesse suas ações.

Maria Cristina vive há dez anos no pico de uma serra na Grande São Paulo Renan Omura/Agência Mural

"Eu sou como uma 'guardiã da floresta'. Tenho essa missão de cuidar da natureza. Por isso não tenho medo", afirma.

Mesmo sem conexão com a internet no local onde mora, Cris faz uso das redes sociais para denunciar os crimes ambientais da região. Ao menos uma vez por semana, ela vai ao centro da cidade para fazer compras e lives, denunciando as infrações flagradas por ela.

"Eu sou a avó desses cantores que fazem lives hoje em dia", brinca sobre o movimento que ganhou força durante o isolamento social. "Comecei bem antes da pandemia, inclusive, comecei as denúncias no Orkut", destaca.

O seu sítio faz parte de uma propriedade de 250 hectares de mata entre Mogi das Cruzes, Santo André e Cubatão, conhecida como Chácaras Reunidas Santo Antônio.

Cris se apaixonou pela calmaria do lugar e largou o emprego e a antiga casa no bairro da Mooca, em São Paulo, para ir morar lá —além do próprio casamento. "Meu ex-marido disse: 'Ou eu ou o sítio'. Daí eu falei para ele: 'Estarei lá. Se precisar sabe onde me encontrar'", conta.

Em março de 2014, Cris fez um pedido de reconhecimento de RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Natural) à Fundação Florestal para tornar a sua propriedade uma unidade de conservação privada, pois, assim, a preservação do local seria de responsabilidade dela. No entanto, a ativista não conseguiu o título.

No sítio, Cris criou também um camping, chamado Simplão de Tudo. O local recebe hóspedes sob reserva (é preciso levar barraca). O espaço também está aberto a bandas, saraus e exposições.

cotidiano

Alunos chegam para fazer o Enem em São Paulo; exame foi levado em conta no estudo André Porto - 17.jan.2021/Uol

Melhorar educação reduz até taxa de homicídio, diz estudo

Ensino de qualidade também está associado a maior chance de emprego

Isabela Palhares e Paulo Saldaña

SÃO PAULO E BRASÍLIA Garantir a uma geração de alunos um ensino de qualidade durante toda a vida escolar aumenta não apenas as chances de que eles cheguem ao ensino superior e consigam um emprego, mas também diminui as taxas de homicídio.

Essa é a conclusão de um estudo feito pelo Insper que analisou como variações na qualidade da educação básica afetam indicadores de violência e trabalho dos municípios. O trabalho será divulgado nesta segunda-feira (14) pelo Instituto Natura.

Os pesquisadores criaram um indicador que mede a qualidade do ensino durante toda a trajetória escolar de um estudante.

Para isso, eles identificaram a proporção de alunos que conseguiram concluir o ensino médio na idade certa, fizeram o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e as notas que tiveram na prova.

Foram analisadas as variações do indicador entre 2009 e 2014. Nas cidades em que a média avançou, ou seja, uma proporção maior de alunos fez o Enem e conseguiu uma nota maior, identificou-se queda de homicídios e aumento na geração de empregos.

"Sempre se fala que uma educação de qualidade é o caminho para diminuir a violência e o indicador comprova isso. Um jovem que recebeu um ensino de qualidade vai ter uma vida melhor cinco anos depois de ter saído da escola", diz o professor Naercio Menezes Filho, responsável pelo estudo.

A análise mostrou que o aumento de um ponto no indicador, no período de cinco anos observado, está associado a uma diminuição de 25% nos homicídios e de 200% na geração de empregos entre jovens de 22 e 23 anos.

A correlação entre indicadores educacionais e violência já havia sido mensurada, por exemplo, em uma pesquisa de 2016 do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada).

> Há um mito de que melhorias na educação demoram a ser sentidas pela população. O estudo mostra que isso não é verdade. Em cinco anos, o município já vê os resultados
>
> **Naercio Menezes Filho**
> professor do Insper

Naquele estudo, o parâmetro era a taxa de escolarização: para cada 1% a mais de jovens entre 15 e 17 anos nas escolas, há uma diminuição de 2% na taxa de assassinatos nos municípios.

O estudo, assinado pelo pesquisador Daniel Cerqueira, apontou a educação como a principal política social de redução dos assassinatos. Agora, com essa nova pesquisa, as evidências corroboram os efeitos positivos da evolução da qualidade do ensino das redes públicas.

Para construir o novo indicador, os pesquisadores identificaram primeiro a quantidade de alunos de 6 e 7 anos em cada município e compararam com a proporção de quantos deles tinham concluído os estudos dez anos depois. Uma proporção alta significa que poucos reprovaram ao longo da trajetória escolar ou abandonaram a escola.

Depois identificaram quantos desses concluintes foram fazer o Enem. Como a prova é a principal porta de entrada para o ensino superior do país, os pesquisadores consideraram que o ensino básico motivou esses estudantes a continuar estudando.

"Um ensino de qualidade depende de uma boa articulação entre todos os entes. Os primeiros anos escolares são de responsabilidade dos municípios, depois são dos estados. Por isso, buscamos uma forma de avaliar toda essa trajetória e identificar os impactos de quando ela é feita com qualidade", diz Menezes Filho.

Depois de calcular o índice dos municípios, os pesquisadores compararam as variações das taxas de homicídio e criação de emprego no período de cinco anos.

Cidades, que avançaram um ponto na escala tiveram um aumento médio de 20 empregos gerados e redução de 25% nos homicídios nesse período.

"Há um mito de que melhorias na educação demoram a ser sentidas pela população. O estudo mostra que isso não é verdade. Em cinco anos, o município já vê os resultados de entregar uma educação de qualidade para os seus alunos", afirma.

O estudo identificou que Aracaju, no Sergipe, foi a capital do país que mais avançou no indicador no período avaliado. Em cinco anos, a cidade aumentou em 3,6 pontos na média criada.

A próxima etapa do estudo será identificar quais foram as políticas adotadas ou fortalecidas no município nesse período para que o indicador avançasse.

"O avanço no indicador pode ser provocado tanto por uma melhora na quantidade de alunos que concluíram o ensino médio na idade certa ou por ter conseguido motivar mais jovens a fazer o Enem ou por uma melhora do desempenho dos estudantes na prova. Avanços nesse sentido indicam que a educação está melhorando", diz o professor.

O Ceará foi a unidade da federação com mais municípios que registraram avanços no indicador. Nos últimos anos, o estado tem se destacado em avaliações nacionais que medem o desempenho dos estudantes da educação básica.

"A experiência do Ceará tem mostrado a importância de fortalecer políticas de articulação do estado com os municípios. Os resultados positivos têm aparecido muito rapidamente", diz.

O Ceará foi a unidade da federação que mais evoluiu nos anos iniciais do ensino fundamental entre 2005 e 2019, segundo o Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), que leva em conta o desempenho dos alunos em avaliação federal e as taxas de aprovação.

O estado lançou em 2007 uma política que destina parte da arrecadação dos impostos dos municípios para as cidades que tiveram bons resultados nas avaliações de aprendizagem.

O dinheiro pode ser usado em qualquer área da administração, mas a medida virou um incentivo para as gestões municipais investirem mais nas escolas, afinal, quem melhora mais, ganha mais dinheiro para investir.

"Educação de qualidade é o caminho para resolver os problemas graves que nossa sociedade enfrenta. Nós precisamos entender que melhorar esse caminho envolve a articulação de todas as esferas, municípios, estados e a União para oferecermos aos jovens o ensino que merecem."

USP, Unesp e Unicamp mantêm máscaras até em lugar aberto

SÃO PAULO As universidades estaduais paulistas decidiram continuar a pedir o uso de máscara dentro de seus campi mesmo após o decreto do governador João Doria (PSDB) que acabou com obrigatoriedade do acessório em ambientes abertos.

A utilização da máscara é compulsória na USP (Universidade de São Paulo) e na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) em qualquer ambiente e "altamente recomendável" na Unesp (Universidade Estadual Paulista), segundo nota da instituição.

Outro item em comum nos protocolos é a exigência de comprovante de imunização com esquema vacinal completo para ingresso em qualquer instalação universitária. A medida vale não só para estudantes, professores e funcionários, mas também para todos os visitantes que circularem pelas instalações das universidades.

Alunos sem comprovante não puderam nem mesmo completar o processo de matrícula na USP, por exemplo, já que o documento era requerido na segunda etapa do processo.

Em comunicado, a universidade afirma que, "apesar do clima de euforia com o retorno presencial e do momento em que todos os indicadores negativos da pandemia (novos casos, óbitos e internações) estão em queda, os cuidados para evitar a transmissão do coronavírus ainda precisam ser tomados".

"Embora o governo tenha liberado o não uso da máscara em espaços abertos, a USP decidiu manter o uso em todos os ambientes da universidade", diz o texto.

A Unesp, também em nota, destaca que "seguem em vigor na universidade a obrigatoriedade da apresentação do passaporte vacinal, que é indispensável a todos os públicos, e o uso de máscara de proteção facial, que é altamente recomendável".

"Em relação especialmente ao uso de máscaras, depois que o governo estadual paulista desobrigou tal uso em lugares abertos no último dia 9, a universidade sustenta a posição que todas as pessoas devem seguir utilizando máscara nos campi e em todas as 34 unidades universitárias, independentemente de estarem em ambiente fechado ou aberto", completa a universidade.

A Unicamp também não mudou as regras anteriores ao decreto de Doria, ou seja, continua exigindo máscara em lugares abertos e fechados.

Na Unesp, as atividades presenciais começaram oficialmente no dia 7 em seus 24 campi espalhados pelo estado. Cada unidade tem autonomia para traçar o seu calendário letivo. A instituição reúne aproximadamente 40 mil alunos na graduação e outros 14 mil cursam pós-graduação.

Na USP e na Unicamp, as aulas começam nesta segunda-feira (14). Em um vídeo com mensagem de boas-vindas, o reitor da USP, Carlos Gilberto Carlotti Junior, afirma que a universidade deve ser um exemplo para a sociedade no que diz respeito às medidas que ajudam a combater e prevenir o coronavírus.

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Médica baiana, foi grande nome da pesquisa sobre assédio moral

MARGARIDA MARIA SILVEIRA BARRETO (1944-2022)

Wesley Faraó Klimpel

SÃO PAULO Em 50 anos de medicina, Margarida Barreto trouxe ao mundo incontáveis crianças. Ficou conhecida, porém, pelo trabalho pioneiro sobre assédio moral, o que a tornou um dos grandes nomes brasileiros na área.

Da infância pobre em Salvador, contava como a mãe a acudiu com folhas de bananeira quando derramou em si uma panela de óleo. A mãe, inclusive, sempre foi exemplo de honestidade para a filha.

"Uma vez ela achou uma boneca no lixo, ficou muito feliz e levou para casa. 'Vá e devolva. Está no lixo, é do lixo. Aprenda a não pegar nada de ninguém'", conta a sobrinha Danyella Barreto.

Sem energia em casa, aproveitava a luz do poste para estudar. A persistência rendeu frutos e ela passou em medicina. Os colegas diziam que a aluna bolsista usava só dois vestidos — o que era verdade.

No início da graduação, se alimentava com o que uma freira lhe dava e com doses de glicose que sobravam dos pacientes. Foi nesse período que uma cirurgiã experiente passou a orientá-la a ver sua destreza com as mãos.

Margarida conheceu o marxismo na faculdade e entrou para o Partido Comunista Brasileiro. Engajada politicamente, trabalhou seis meses em uma aldeia indígena. Tempos depois, ficou um ano na União Soviética e foi médica, por quatro anos, na guerra civil de Angola.

Nos anos 1970, fez residência em obstetrícia e ginecologia em São Paulo e, no trabalho, dizia sofrer preconceito por ser nordestina e pobre.

"Todo fim de semana ia para as comunidades para atendimentos e atividades do partido", afirma a sobrinha.

Após a morte trágica da filha adolescente, em 1991, a baiana mudou seu enfoque e passou a se dedicar à medicina do trabalho. Cursou também mestrado e doutorado em psicologia social e se especializou em assédio moral.

No sindicato dos químicos de São Paulo, onde atuou por anos, ouviu centenas de relatos sobre assédio. A partir das conversas, escreveu dois livros e criou núcleos de estudo em várias cidades e países.

"O Brasil acabou tendo uma importância em toda a América Latina e o reconhecimento no exterior graças à Margarida", afirma o amigo Roberto Heloani. A pesquisadora foi convidada a fundar ouvidorias em estatais e também travou conversas com legisladores para mudar a visão judicial sobre o assédio moral.

A médica se tratava de um câncer no estômago desde abril de 2021 e, após uma metástase, morreu no último dia 3, aos 77 anos. Deixa familiares, amigos e inúmeros pacientes que se lembrarão de suas consultas que duravam horas.

Mamãe falei

Como sabemos, maternidade e paternidade são, também, construções sociais

Maria Homem

Psicanalista e ensaísta, com pós-graduação pela Universidade de Paris 8 e FFLCH-USP. Autora de "Lupa da Alma" e "Coisa de Menina?"

Como sabemos, a maternidade não é propriamente "natural" — e nem sempre a gente achou que devia amar o filho sobre todas as coisas. Como sabemos (embora alguns não o saibam ou não o admitam), maternidade e paternidade são, também, construções sociais: o modo como nos colocamos diante da cria é fruto de longo desenrolar histórico e psicopolítico.

Falar de "instinto materno" como essência atemporal e ligado a uma "natureza" imaterial, soberana e metafísica, é uma operação ideológica, ela mesma fruto de um processo histórico. Ou seja, nem sempre o pacto social explícito assim como o pacto intersubjetivo inconsciente colocavam o meu bebê — meu gene, minha cara, minha continuidade — como a quintessência de minha realização e uma das top 3 maravilhas sobre a face da Terra.

Para resumir, a modernidade, em sua pegada individualista e narcísica, no melhor sentido de valorização de um Eu, coloca a ênfase sobre aquilo que Sou (alô cogito cartesiano) e aquilo que Serei (projeto iluminista-evolucionista), tanto nas minhas realizações ao longo da vida quanto no "legado que transmitirei à posteridade".

Aliás, vejam como essa expressão autoriza a vaidade que, de pecado capital medieval, passa a ser atributo primário do jovem winner em gestação na família nuclear burguesa moderna.

Onde chegamos? Como aponta a sagaz expressão de Freud, o século 19 e sobretudo o 20 constroem Sua Majestade, o Bebê. Os adultos, num processo de declínio da transcendência pré-moderna, se vêem obrigados a buscar uma outra forma de continuidade de seu próprio valor.

Já que perdemos a esperança em deuses e vidas eternas, vamos nos perpetuar em nossas miniaturas, que serão aliás tudo o que não fomos e terão a coragem de levar a cabo nossas mais altas aspirações.

Como consequência, o bebê, pequeno sujeito, responde a essa demanda e se apresenta como o centro da atenção de seus pais. Ele logo cedo aprende a sorrir, pular, recitar para se fazer o objeto de amor que deve ser. Olha aqui mamãe, olha como sou lindo. Ei, papai, foca em mim. Mamãe, olha para mim, vou falar uma coisa. Vou falar um monte de coisa. Vou causar. Espernear. Isso, não tira o olho de mim. Presta atenção em mim. Não desvia um minuto. Olha aqui o seu enfant terrible e fofo.

Sobretudo com os bebês-homens, esse processo tende a ficar estacionado justamente nesse ponto. E a cultura (de ideal dominante branco-machocêntrico) continua passando o pano para esses filhinhos. De certa forma, as mães muitas vezes se deixam seduzir por uma fantasia de maravilhamento diante de seu pequeno menino, e se engajam no projeto de torná-lo o homem perfeito que elas não encontraram.

E o pobre coitado vira o quê? Aquele bebê eterno que fica gritando e acenando para chamar a atenção: "Mamãe falei!". Ei mamãe, olha o que eu falei, olha o que eu aprontei, olha só como eu causei e como eu te amo. Você é meu único grande amor.

Isso mesmo mamãe (e papai, conivente e orgulhoso do filhão): as outras são só objetos comestíveis. Sim, no fundo, elas não significam nada para mim, elas formam a série de vaginas fantasiadas para o grande garanhão aqui comer.

Isso mamãe, sou pseudo-hétero. Sou pseudo-homem. Pois que sou e sempre serei filho. Seu filhinho amado e para sempre fiel. Não sou plenamente hétero pois não há heteridade, outridade, não há outro no meu universo. Não há outro sujeito, e muito menos outro sujeito feminino. Pois mulher é para conquistar, comer e descartar.

A única que sai dessa linha é você mamãe, você e a Virgem Maria. Pois mulher boa e pura mesmo, valorada, é a mãe virgem, no máximo santa esposa. O resto é tudo vagabunda. Acredita em mim, mamãe, te amo para sempre.

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Maria Homem | **TER. Vera Iaconelli** | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Protesto no Rio cobra identificação de eventual mandante da morte de Marielle Franco Mauro Pimentel - 1.nov.2019/AFP

Após 4 anos e 5 delegados, caso Marielle segue sem solução

Constante troca de comando nas investigações do crime preocupa família

Ana Luiza Albuquerque

RIO DE JANEIRO Cinco delegados da Polícia Civil e ao menos dez promotores do Ministério Público do Rio de Janeiro ainda não conseguiram responder à pergunta repetida em protestos: quem mandou matar Marielle Franco?

A vereadora e o motorista Anderson Gomes foram assassinados a tiros há quatro anos, na noite de 14 de março de 2018, em emboscada no centro do Rio.

Os ex-policiais militares Ronnie Lessa, acusado de ser o autor dos disparos, e Élcio de Queiroz, acusado de dirigir o carro usado no crime, foram presos em março de 2019 e se tornaram réus pelo homicídio de Marielle. Desde então, as autoridades tentam identificar possíveis mandantes.

Ao longo de quatro anos, porém, as investigações foram marcadas por tentativas de obstrução, pistas falsas e frequentes trocas no comando do inquérito, observadas com preocupação pela família e instituições de defesa dos direitos humanos. Apenas no último ano, dois delegados já estiveram à frente da apuração na Polícia Civil.

O momento de maior insegurança em relação ao andamento do caso ocorreu em julho de 2021, quando as promotoras Simone Sibilio e Letícia Emile deixaram, a pedido, a força-tarefa que investigava o assassinato. As duas acompanhavam a apuração desde 2018 e foram responsáveis pela linha de investigação que levou às prisões de Lessa e Queiroz.

À época o jornal O Globo noticiou que ambas entregaram os cargos diante do risco de interferências externas.

Sibilio e Emile se sentiram alijadas da negociação do acordo de colaboração premiada de Júlia Lotufo, viúva do miliciano Adriano da Nóbrega, que teve parentes empregados no gabinete do senador Flávio Bolsonaro (PL) quando ele era deputado estadual no Rio de Janeiro. Adriano foi morto em 2020 no município de Esplanada (BA) em operação das polícias baiana e fluminense.

Embora o caso Marielle estivesse na pauta, Lotufo foi primeiramente ouvida pela Polícia Civil sem que o delegado e as promotoras tivessem conhecimento.

Como mostrou a **Folha**, a tese da viúva era a de que o crime fora encomendado por um consórcio de contraventores. Ela participou de oitiva no Ministério Público em junho de 2021, quando as promotoras teriam apontado inconsistências em sua narrativa. Dias depois de um novo depoimento de Lotufo, Sibilio e Emile deixaram as investigações.

Ao mesmo tempo, o delegado Moysés Santana também deixou a investigação do assassinato, e o inquérito na Polícia Civil passou para o seu quarto delegado, Henrique Damasceno.

A turbulência naquele mês levou à manifestação de políticos e organizações da sociedade civil nas redes sociais. Familiares de Marielle lançaram a campanha Interferência Não e protestaram em frente ao Ministério Público com cartazes como "Quem está interferindo no caso Marielle e Anderson?"

Também nasceu ali o Comitê Justiça por Marielle e Anderson, hoje composto pelo Instituto Marielle Franco, pela viúva de Marielle, a vereadora Monica Benício (PSOL), pela viúva de Anderson, Agatha Reis, e pelas organizações Justiça Global, Anistia Internacional Brasil, Coalizão Negra por Direitos e Terra de Direitos.

Questionado por email pela **Folha**, o promotor Bruno Gangoni, coordenador do Gaeco e da força-tarefa que investiga o assassinato de Marielle e Anderson, respondeu que "não houve qualquer ruptura nas linhas de investigação".

Perguntado sobre as principais dificuldades no avanço da apuração, Gangoni escreveu: "A identificação do mandante de qualquer homicídio é sempre mais complexa que a do executor. Em se tratando de um crime onde os executores são profissionais, que foram policiais militares, que sabem como se investiga, torna-se ainda mais difícil".

A Polícia Civil não respondeu aos pedidos de entrevista.

"É inaceitável chegar a quatro anos sem resposta", afirma a viúva de Marielle, Mônica Benicio. "O que a gente diz para a sociedade é que hoje, no Brasil, existe um grupo político capaz de assassinar como forma de fazer política, na certeza da impunidade."

Para marcar o tribunal do júri de Lessa e Queiroz, o juiz da 4ª Vara Criminal do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro ainda aguarda o julgamento de recursos da defesa dos acusados no STJ (Superior Tribunal de Justiça). Ambos alegam inocência.

Integrantes do Comitê Justiça por Marielle e Anderson se reuniram na quarta (9) com o delegado Alexandre Herdy, que em fevereiro assumiu as investigações. Advogada do Instituto Marielle Franco, Brisa Lima afirmou que o delegado alegou que mudanças ocorreram por "questões internas".

Nesta segunda (14), haverá uma reunião com o governador Cláudio Castro (PL) no Palácio Guanabara.

Cronologia

Assassinato
Em 14 de março de 2018, Marielle e Anderson são mortos

Investigação federal
Em novembro de 2018, a Polícia Federal abre "investigação da investigação", para apurar denúncias de irregularidades e interferências no trabalho da Polícia Civil e do Ministério Público

Prisão dos acusados
Em 12 de março de 2019, o policial militar reformado Ronnie Lessa e o ex-policial militar Élcio Vieira de Queiroz são presos e acusados pelo Ministério Público pela execução do crime

1ª troca de delegado
Dias depois, Giniton Lages é substituído por Daniel Rosa na condução da segunda fase, para investigar os mandantes

2ª troca de delegado
Em setembro de 2020, depois que o governador Wilson Witzel (PSC) é afastado e o vice Cláudio Castro assume, um terceiro delegado é colocado no cargo: Moysés Santana

3ª troca de delegado
Em julho de 2021, o delegado Henrique Damasceno deixa a 16ª DP (Barra da Tijuca) e assume a chefia da Delegacia de Homicídios da Capital, incluindo o caso Marielle

Promotora deixa as investigações
Em julho de 2021, a promotora Simone Sibilio deixa o caso

4ª troca de delegado
Em fevereiro de 2022, a investigação do assassinato de Marielle passa para o delegado Alexandre Herdy

655.139 mortes
146 entre sábado e domingo

29.365.238 casos
14.859 infecções em 24 horas

O presidente Jair Bolsonaro com caixa de cloroquina, em julho de 2020; governo federal fez vários esforços para promover remédio Adriano Machado - 23.jul.2020/Reuters

Municípios tentam devolver cloroquina de Trump à Saúde

Cidades como Joinville (SC) querem se livrar de lotes que vencem em outubro

Mateus Vargas

BRASÍLIA Joinville (SC) recebeu em setembro de 2020 a maior parcela da carga de hidroxicloroquina doada ao Brasil por Donald Trump, ex-presidente dos Estados Unidos. O plano era abastecer o "centro de tratamento precoce" local, mas 130,5 mil dos 160 mil comprimidos entregues em setembro de 2020 seguem encalhados. A prefeitura tenta devolver o estoque ao Ministério da Saúde.

Apesar dos esforços do governo Jair Bolsonaro (PL) para promover o uso de medicamentos sem eficácia comprovada para a Covid, Joinville não é a única cidade que pediu para receber a hidroxicloroquina e agora encara lotes sem uso, com validade até outubro deste ano.

Em janeiro de 2021, o recém-empossado prefeito de Porto Alegre, Sebastião Melo (MDB), anunciou a flexibilização de restrições contra a Covid e decidiu apostar no kit Covid.

A capital gaúcha pediu e recebeu do governo Bolsonaro 24 mil unidades de cloroquina, entregou 10 comprimidos e suspendeu a oferta após uma decisão da Justiça. Mais de 1 ano depois, a prefeitura segue com o estoque e afirma tentar devolver a droga à Saúde.

O Ministério da Saúde disse à reportagem que orienta municípios a procurarem os governos estaduais para repassar a hidroxicloroquina para o tratamento de doenças previstas na bula, como lúpus e artrite reumatoide.

O governo dos EUA enviou 3 milhões de comprimidos de hidroxicloroquina ao Brasil após esforço diplomático da gestão Bolsonaro. A droga começou a chegar em junho de 2020 e se tornou aposta do presidente para combater a pandemia até o fim daquele ano.

No período anterior da crise sanitária, o governo havia despejado no SUS a cloroquina (medicamento de efeito parecido, mas composição diferente) feita no Laboratório do Exército ou desviada do programa de malária.

O Ministério da Saúde ficou com 2 milhões de doses da carga doada pelos EUA. Deste volume, entregou 600 mil a estados e municípios que pediram a droga contra a Covid e, sem novas demandas ligadas à pandemia, teve de destinar 1,4 milhão para doenças previstas em bula.

Como mostrou a **Folha**, o Exército, que teve 1 milhão de doses, ainda guarda 745 mil unidades. O resto havia sido enviado a hospitais militares para combater a Covid-19.

Depois de Joinville, o governo do Amazonas (120 mil unidades) e a cidade paulista Presidente Prudente (100 mil) receberam os maiores lotes da hidroxicloroquina doada por Trump. Procurados, os governos locais não informaram se ainda há estoque da droga.

O quarto maior lote, de 63 mil unidades, foi dado a Lages (SC), que disse ainda ter 57 mil doses. "Já solicitamos a devolução ao ministério, porém ainda não obtivemos um retorno", disse a Secretaria de Saúde do município, em nota.

O Grupo Hospitalar Conceição recebeu 19,5 mil unidades desta hidroxicloroquina, em setembro de 2020. O órgão ligado ao Ministério da Saúde que administra hospitais no RS afirma que não guarda mais este estoque: 8 mil unidades foram enviadas para o governo da Paraíba e 8,5 mil ao Rio de Janeiro.

Em janeiro de 2021, após ser criticado por levar drogas sem eficácia ao Amazonas, quando o estado entrava em colapso por falta de oxigênio, o ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello passou a afirmar que jamais estimulou o uso desses medicamentos.

O governo de Joinville afirma desde março de 2021 que tenta devolver a droga à Saúde. O último lote da hidroxicloroquina doada pelos EUA foi distribuído pelo ministério contra a Covid-19 em abril de 2021, para Presidente Prudente (SP). Depois, a pasta apenas entregou a droga para outras doenças.

Mesmo encerrando a disseminação do kit Covid no SUS, o governo posterga a aprovação de diretrizes de tratamento da pandemia que contraindicam estes medicamentos.

Em janeiro, a Saúde barrou a proposta de diretriz elaborada por especialistas e aprovada pela (Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS), ainda argumentou, em nota técnica, que a hidroxicloroquina funciona e a vacina, não.

Está nas mãos do ministro Marcelo Queiroga um pedido para rever esta decisão e aprovar a diretriz. O governo teme ainda abrir margem para contestações sobre as ações adotadas na pandemia, caso este texto seja aceito.

A carga enviada pelos EUA chegou ao Brasil dividida em tubos com 100 comprimidos. O governo precisou de aval da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) para fracionar a droga em caixas menores e repassou o custo da operação aos estados e municípios que a pedissem.

A distribuição dos medicamentos ainda virou alvo de apurações de órgãos de controle, MPF (Ministério Público Federal) e de ações no STF (Supremo Tribunal Federal). O estímulo ao kit Covid foi citado em pedidos de indiciamento feitos pela CPI da Covid no Senado. Para fugir de punições, o governo Bolsonaro também modulou o discurso.

Hidroxicloroquina de Trump encalha no Brasil

- **EUA doaram 3 milhões de unidades**; municípios tentam devolver lotes e Saúde passou a entregar drogas a outras doenças
- **Ministério da Saúde recebeu 2 milhões de unidades** e entregou 600 mil para Covid. Sem novas demandas, destinou 1,4 milhão de doses a doenças como lúpus e artrite reumatoide
- **Joinville (SC), recebeu 160,5 mil doses**, maior lote enviado pela Saúde para combate à Covid, e ainda guarda 130,5 mil; outros municípios, como Porto Alegre (RS) e Lages (SC) também tentam devolver o estoque que vence em outubro
- **Exército recebeu 1 milhão de comprimidos**, mandou cerca de 225 mil a hospitais militares para a pandemia e estoca outras 775 mil unidades

Relaxamento do uso de máscara no Brasil é prematuro, afirma observatório da Fiocruz

SÃO PAULO Iniciativas de flexibilizar o uso de máscara e suspender outras medidas de distanciamento social no Brasil podem ser precoces, afirma a Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz) em boletim epidemiológico sobre a Covid divulgado na sexta (11).

Segundo a instituição, continuar com essas medidas é importante para o país cobrir lacunas, como a baixa cobertura vacinal, no combate ao coronavírus.

"A vacinação por si só não é suficiente para controlar a pandemia e prevenir mortes e sofrimento, é fundamental que se mantenha um conjunto de medidas combinadas até que o patamar adequado de cobertura vacinal da população alvo seja alcançado", afirmam os pesquisadores no documento.

A Fiocruz menciona um estudo americano publicado na revista The Lancet que avaliou os impactos positivos do uso de máscara mesmo depois de se atingir um nível alto de vacinação da população. Na pesquisa, cientistas utilizaram modelos matemáticos e observaram como o uso do equipamento pode salvar milhares de vidas e ainda economizar recursos financeiros da saúde pública.

Para a Fiocruz, o surgimento de novas variantes mais transmissíveis, como a ômicron e a delta, e a perda de eficácia das vacinas são indicativos para a continuidade do uso de máscara. "As incertezas envolvidas nesse processo pandêmico valorizam ainda mais [a utilização das máscaras]", afirmam os autores do boletim.

Atualmente, alguns estados já suspenderam a obrigatoriedade do item em espaços abertos, como é o caso de São Paulo, que anunciou a flexibilização na quarta (9).

Há ainda locais, como a cidade do Rio de Janeiro, que agora dispensam a máscara também em ambientes fechados—foi a primeira capital a adotar a medida.

No boletim, a instituição também chama atenção para o fato de a letalidade por Covid-19 no país ter tido um aumento na comparação com a semana anterior.

Segundo os dados, a média da letalidade no Brasil estava em torno de 0,3% no início de 2022, quando houve a explosão de casos diante do alastramento da ômicron. Nesta semana, esse valor evoluiu para aproximadamente 1%.

Para os pesquisadores, esse incremento na mortalidade "pode demarcar o fim de um período de alta transmissibilidade da doença, bem como deve servir como alerta para a possível ocorrência de casos graves, principalmente entre grupos populacionais mais vulneráveis, não vacinados ou com esquema de vacinação incompleta".

Outro ponto abordado foi a questão da quarta dose, que ainda gera debate entre especialistas sobre se deve ou não ser adotada no país.

No caso da Fiocruz, houve a menção à importância de abordar esse assunto, já que se aproxima o marco de seis meses em que as primeiras doses de reforço foram dadas a idosos, grupo populacional de grande risco para a Covid.

Covid já é uma endemia, diz secretário do Rio

RIO DE JANEIRO O secretário municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Daniel Soranz, disse na sexta-feira (11) que a Covid-19 já pode ser considerada uma endemia. Para ele, sem novas variantes do coronavírus, o cenário será de "muito mais normalidade".

"A gente já pode considerar a pandemia de Covid-19 como uma endemia, uma doença que vai estar presente ao longo do tempo", disse Soranz, em entrevista à Agência Brasil e à Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

Após um pico de confirmação de casos provocado pela ômicron, a capital fluminense voltou a ter baixos índices de contaminação e de internações pelo coronavírus. O secretário afirmou que a taxa de positividade nos testes está em 1,4% e que a taxa de transmissão é de 0,31 (ou seja, cada 100 contaminados transmitem a doença para outras 31 pessoas).

A fala do secretário se assemelha à posição do ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, que passou a tratar como prioridade rebaixar o status da Covid-19 de pandemia (quando há uma situação de emergência sanitária global) para endemia (estágio de convivência com o vírus, com número estável de casos e mortes).

A retirada de um caráter pandêmico restringe as medidas públicas e de excepcionalidade de combate à doença.

ESPORTE AO VIVO | **17h** Crystal Palace x Manchester City Inglês, ESPN | **19h30** Atlético-MG x Corinthians Série A fem., SPORTV | **20h20** Atlanta x Portland NBA, SPORTV 2

Ídolo do hóquei nos EUA sofre pressão por manter apoio a Putin

Nascido em Moscou e estrela do Washington Capitals, Alex Ovechkin é um dos maiores jogadores da história da NHL

GUERRA NA UCRÂNIA

Rafael Balago

WASHINGTON Ao andar pelas ruas de Washington, é comum ver camisetas com o nome de Alex Ovechkin. Ele é o capitão e principal ídolo do time de hóquei Washington Capitals.

Ovi, como é chamado, joga na equipe desde 2005 e levou-a ao seu primeiro título da NHL, em 2018. Ele também é o maior artilheiro da liga no século 21. Com isso, tornou-se um dos nomes mais conhecidos da modalidade.

Sua mãe, Tatiana Ovechkina, ganhou duas medalhas olímpicas no basquete. Seu pai, Mikhail, jogava futebol. Ovi nasceu em 1985 e cresceu na periferia de Moscou, durante o colapso da União Soviética e a formação da Rússia atual. O irmão Serguei, que o estimulou no hóquei, morreu quando ele tinha dez anos.

Ovi começou a carreira de atleta no Dínamo de Moscou, onde jogou por quatro anos. Em 2005, foi contratado pelos Capitals. Em Washington, marcou 52 gols em sua primeira temporada e foi o terceiro maior artilheiro do torneio. Começou ali a ser admirado pela torcida, que celebrou seus vários feitos desde então.

Aos 36 anos, Ovi iniciou a temporada atual no caminho para se tornar o terceiro maior goleador da história da NHL. Ele atingiu a meta ao marcar seu gol número 766 na noite da última terça (8), mas a conquista veio em um dos momentos mais complicados de sua carreira.

O jogador tem sido pressionado pelos torcedores, tanto nos jogos em casa como nos duelos fora, por não ter condenado a invasão russa da Ucrânia e por ter proximidade com Vladimir Putin. Na terça, o público em Calgary, no Canadá, vaiou quando ele entrou na quadra e na maioria das vezes em que o sistema de som anunciou seu nome.

O Calgary Flames tem feito homenagens à Ucrânia em suas partidas em casa, como tocar o hino do país. O russo Nikita Zadorov, que joga no time, publicou um pedido para parar a guerra.

As queixas também acompanham Ovi nas partidas em Washington. No último dia 3, torcedores mostraram uma bandeira da Ucrânia e um cartaz que ligava Putin a Hitler. Apesar disso, houve gritos de "O-vi" quando ele fez um gol.

Alex Ovechkin, 36
Nascido em 17.set.1985 em Moscou, na então União Soviética, começou a carreira no Dínamo da capital russa. Draftado em 2004 pelo Washington Capitals, joga desde 2005 na equipe, pela qual foi campeão na temporada 2017/2018. Tem 766 gols na NHL

O ex-goleiro Dominik Hasek, uma das lendas do hóquei, criticou Ovi publicamente e o chamou de mentiroso e covarde. "A NHL deve suspender os contratos de todos os jogadores russos. Se a NHL não fizer isso, terá responsabilidade indireta pelos mortos na Ucrânia", defendeu.

Os cerca de 50 outros jogadores russos que atuam na NHL também vêm sofrendo pressões. "Meus clientes têm recebido ameaças de morte", disse Daniel Milstein, que agencia mais de 20 atletas russos, ao jornal The Washington Post. "Muitos deles estão em posição difícil porque não podem falar publicamente, preocupados com o bem-estar de familiares que estão no país."

Ovi costuma passar as férias na Rússia. Sua mulher, seus dois filhos e os pais dele vivem lá. Frente às ameaças, os Capitals reforçaram a segurança do jogador. Deram também apoio público a ele e a seus demais atletas russos.

A guerra também tem afetado os negócios. A fornecedora de material esportivo CCM disse que não usará mais russos em propagandas. E a seguradora MassMutual tirou do ar um comercial com Ovi.

Para evitar polêmicas, atletas do país têm evitado falar sobre a guerra. No início do mês, o ídolo dos Capitals abriu exceção e deu uma entrevista coletiva. Fez um pedido por paz, mas evitou criticar Putin. "É uma situação dura. Tenho muitos amigos na Rússia e na Ucrânia. É duro ver a guerra. Espero que logo isso acabe e haja paz no mundo todo. Por favor, chega de guerra", pediu.

Perguntado se continuava a apoiar o líder russo, que aparece ao seu lado em sua foto de perfil no Instagram, disse que sim. "Ele é meu presidente. Mas eu não estou na política, sou um atleta. É uma situação dura para os dois lados."

Com a guerra, a NHL suspendeu relações comerciais com a Rússia. A IIHFF (Federação Internacional de Hóquei no Gelo) cancelou jogos no país e o proibiu de jogar torneios internacionais.

Se a crise atual for superada, Ovi ainda poderá tentar ser o maior artilheiro da NHL. O recorde atual, de 894 gols, pertence a Wayne Gretzky.

Palmeiras vence mais um clássico antes de dérbi

PALMEIRAS 1
SANTOS 0

SÃO PAULO Melhor campanha do Paulista até aqui, o Palmeiras venceu o clássico com o Santos por 1 a 0, neste domingo (13), no Allianz Parque.

A vitória do time alviverde vem três dias após triunfo em outro clássico, contra o São Paulo, por 1 a 0, no Morumbi, onde o Palmeiras não vencia a equipe tricolor havia 25 anos pelo Estadual.

O time de Abel Ferreira lidera o grupo C com 26 pontos e chega embalado para o dérbi contra o Corinthians, na quinta (17), às 20h30, também no Allianz. Os corintianos lideram o grupo A, com 20 pontos, e golearam a Ponte Preta por 5 a 0 no último duelo.

Neste domingo, o Palmeiras pressionou a saída de bola desde o começo da partida, dificultando a armação do meio de campo santista, responsabilidade de Ricardo Goulart.

Foi nos acréscimos do primeiro tempo que o Palmeiras chegou ao primeiro e único gol da partida. Na sobra de um escanteio afastado pelo goleiro João Paulo, o zagueiro Velázquez tentou afastar a bola e ergueu o pé, acertando em cheio Kuscevic dentro da área. O santista recebeu o segundo amarelo e foi expulso.

Na cobrança, Raphael Veiga manteve a perfeição nas cobranças de pênalti pelo Palmeiras: são 19 gols em 19 cobranças desde que chegou ao time.

Com a vitória, o Palmeiras chegou a 26 pontos, e o Santos estancou em 10 pontos, com quatro jogos seguidos sem vencer e em terceiro lugar do grupo D no Paulista.

Golear não é preciso

Placares enganosos precisam ser medidos com a régua do realismo, sem euforia

Juca Kfouri

Jornalista, autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Lá vem o chato, chato aqui, chato acolá. Lá vem o chato para ver o que é que há.

O mesmo chato que reclama quando o Palmeiras vence um clássico só por 1 a 0, e na casa do rival, como aconteceu no último Choque-Rei no Morumbi.

Depois de dez minutos brilhantes, inaugurado o marcador, em vez de seguir dominante, o alviverde deu a bola para o São Paulo e tomou sufoco, bola na trave e o diabo a quatro. Venceu novamente, é verdade, não há como negar, mas poderia mostrar mais, alegrar mais, fazer sua torcida mais feliz em vez de respirar aliviada só quando se dá o apito final.

"O que mais pedir de Abel Ferreira, bicampeão da Libertadores?", pergunta o torcedor pragmático aos chatos de plantão.

Pedir, por exemplo, as exibições de gala dos times do povo no último sábado (12) diante de mais de 100 mil torcedores, 40 mil em Itaquera, 63 mil no Maracanã.

A Ponte Preta caiu de 5 e o Bangu de 6 diante de Corinthians e de Flamengo, respectivamente. Que maravilha, a girar!

Sim, a bola girava de lá para cá, de cá para lá, não está mais comigo, vai buscar no fundo da rede.

Assim fizeram o augusto alvinegro Renato, o rubro-negro Don Arrascaeta, Paulinho e Gabigol, para alegria da Fiel, para euforia da Nação, que reencontrou o Flamengo no Maracanã de tapete novo e impecável, como merece o santuário.

Está tudo muito bom, está tudo muito bem, mas, contradição! Muito mais valor teve a vitória palmeirense no clássico que as goleadas sobre os times de Campinas e de Bangu, ambos nos penúltimos lugares do Paulistinha e do Carioquinha.

Já se disse à exaustão que quando um time muito melhor encontra adversário inferior tem a obrigação, até por respeito ao rival e à torcida, de golear.

Daí a considerar que Vítor Pereira é mágico e transformou o Corinthians em máquina de gols, ou que Paulo Souza enfim encontrou o Flamengo ideal vai enorme diferença.

Pereira, de fato, conseguiu mostrar como quer o time dele sedento pela bola, procurando recuperá-la cada vez que a perca, intenso, rápido, no automático. Mas sabe que a Ponte Preta facilitou a vida corintiana, quase como tirar doce da boca de criança.

Do mesmo modo que hão de ter contado a Paulo Souza sobre a falta que o Maracanã faz ao time do Flamengo, porque é lá que a Nação adora de cantar "oh, meu Mengão, eu gosto de você".

A eletricidade que vem da arquibancada foi fartamente responsável pelo massacre sobre o time de Moça Bonita, tão frágil e indefeso como o da Macaca campineira.

Daí ser possível projetar jogos muito interessantes na reta final dos bolorentos estaduais.

Tanto em São Paulo quanto no Rio, embora por motivos e situações diferentes.

No Rio as semifinais começam neste meio de semana, mas nem Vasco nem Botafogo parecem capazes de superar a dupla Fla-Flu. Por isso, prova de fogo mesmo teremos se acontecer, como se prevê, a decisão entre rubro-negros e tricolores, com gosto de vingança para Abel Braga.

Em São Paulo, já nesta quinta-feira (17) teremos o embate entre Abel Ferreira e Vítor Pereira, que rimam, mas têm soluções diferentes.

O primeiro gosta de deixar a bola com o oponente, o segundo a quer para ele.

Será que mesmo na casa verde, no Dérbi com torcida, o português alviverde deixará o esférico com o lusitano alvinegro?

O jogo não decide nada, nem por isso será indiferente.

PRANCHETA DO PVC

Paulo Vinicius Coelho
pranchetadopvc@gmail.com

O livro de Abel Ferreira e ladrões de boas ideias

O livro de Abel Ferreira, "Cabeça Fria, Coração Quente", não apresenta ao futebol brasileiro a reinvenção da roda. Não se trata de uma revolução, nem tem essa pretensão. É uma lição de casa.

A obra escrita pelo assistente técnico Tiago Costa, assinada por Abel Ferreira e toda a comissão do Palmeiras, tem a coragem de expor estudos, aprendizados e correções de 16 meses de trabalho.

Se alguém vai descobrir segredos, não importa. A ideia é permitir que mais gente entenda mecanismos de trabalho e a dinâmica do jogo.

"Percebemos que virtualmente não há obras desse tipo no Brasil", escreve Tiago. Só não é verdade absoluta, porque Vanderlei Luxemburgo lançou "É Campeão!" sobre a tríplice coroa do Cruzeiro, de 2003, e "Profissão Campeão", sobre o Brasileiro do Santos de 2004.

Mas Abel tem razão ao perceber a carência. Zagallo deveria ter um livro sobre o tricampeonato mundial, de 1970, Parreira sobre o tetra, Felipão sobre o penta. Tratamos Tim e Ênio Andrade como estrategistas e não há um escrito sobre seus métodos.

Abel não se mete a professor e expõe suas fraquezas. Ao chegar ao Palmeiras, ouviu que deveria esquecer-se de tudo o que aprendeu na universidade. "A densidade competitiva do futebol brasileiro desafia todas as leis de performance", escreve.

Explica, no capítulo 15, a descoberta de que precisava fazer treinos complementares de vídeo, para lesionados que passaram dias sem treinar e tinham chance de jogar no dia seguinte.

A maior parte dos treinadores brasileiros faz isso há muito tempo. Não é novidade e Abel não diz que é. Não trata o assunto como algo que implementou, mas que precisou incorporar à rotina.

A cultura do futebol sempre passou de boca em boca, no Brasil. Quem teve a sorte de conviver com Telê Santana aprendeu com ele. Quem não teve, só ouviu falar. Na Europa, é mais fácil ler sobre o que funciona ou dá errado. De Johan Cruyff a Pep Guardiola e José Mourinho.

Abel explica questões táticas. Por que razão prefere a construção com três homens, desde a defesa. "É como fazer amor", escreve. A metáfora não é boa, mas tenta mostrar que aumenta qualidade, diminui riscos, pode ser realizada com o lateral direito, ou um volante, ou um lateral esquerdo, e o plano pode mudar em um mesmo jogo.

Mostra não ter medo de ter segredos desvendados, assim como percebeu que o River Plate mudaria o sistema tático para a segunda semifinal da Libertadores de 2020, por ter lido "El Pizarrón de Gallardo", sobre o trabalho de Marcelo Gallardo.

"Não lemos para conhecer o River, que já tínhamos analisado por vídeos. A leitura nos permitiu conhecer ideias de Gallardo", conta. "Nós, treinadores, somos criadores e ladrões de ideias. A melhor forma de continuar a evoluir é criar nosso próprio conhecimento e, sempre que possível, roubar ideias de outros treinadores."

É possível copiar algumas coisas do atual Palmeiras bicampeão da Libertadores, outras do Flamengo de Jorge Jesus ou do City, de Guardiola. Roubar a ideia de registrar trabalhos vencedores em livros pode ser bem útil para formar bons técnicos no futuro.

Construção a três com lateral esquerdo: gol contra o Flamengo

Construção a três com lateral direito: Marcos Rocha atualmente

O DÉRBI

Vitor Pereira ficou satisfeito com a vitória do Corinthians sobre a Ponte Preta e não pela goleada. Viu um time ousado, agressivo, sempre tentando roubar a bola no ataque. Prometeu tentar fazer o mesmo contra o Palmeiras, na quinta (17). O dérbi tem tudo para ser bom.

NEYMAR

Neymar foi vaiado na vitória do PSG sobre o Bordeaux. Messi também foi. O único absolvido da eliminação da Champions foi Mbappé, e o fim de temporada precoce impõe desafio a Neymar: treinar. Sua preparação para a Copa tem de começar já.

DOM. Juca Kfouri, Tostão | SEG. Juca Kfouri, Paulo Vinicius Coelho | **TER. Renata Mendonça** | QUA. Tostão | QUI. Juca Kfouri | SEX. Paulo Vinicius Coelho, Sandro Macedo | SÁB. Marina Izidro

TODAS AS LETRAS | *Renan Sukevicius*
folha.com/todasasletras

Os espantalhos estão voltando

As comunidades escolares penaram nos últimos dois anos para manter estudantes na escola, minimamente alimentados com arroz e feijão e com alguma fagulha de esperança em um futuro digno. Mas, para o ministro da Educação, o denunciado por crime de homofobia Milton Ribeiro, o grande problema a ser combatido nessa área é evitar que "a educação brasileira vá por um caminho de tentar ensinar coisa errada para as crianças".

Durante evento do governo sobre merenda escolar, nesta terça-feira (8), o ministro bolsonarista disse que "não tem esse negócio de ensinar [que] você nasceu homem, [e] pode ser mulher. Respeito todas as orientações. Mas uma coisa é respeitar, incentivar é outro passo", disparou.

Em outra infeliz ocasião, o Ribeiro já disse que a homossexualidade não seria normal e atribuiu sua ocorrência a "famílias desajustadas". Foi denunciado pela PGR (Procuradoria-Geral da República) ao STF (Supremo Tribunal Federal) pela prática do crime de homofobia.

Outubro já está no horizonte, cada vez mais devem aparecer as falas absurdas ligadas a gênero e à população LGBTQIA+, o espantalho favorito dos bolsonaristas e ex-bolsonaristas. E funciona, mobiliza parte do eleitorado que precisa se opor ao iminente risco de perder o seu mais abstrato bem: a tradição.

A população dissidente do sistema sexo-gênero continua sofrendo com agressões físicas e verbais o tempo todo, mas a coisa piora em anos eleitorais. As falas homotransfóbicas passam a sair da boca de figuras públicas. Ou são direcionadas a figuras públicas LGBTs.

[...]

Outubro já está no horizonte, cada vez mais devem aparecer as falas absurdas ligadas a gênero e à população LGBTQIA+, o espantalho favorito dos bolsonaristas e ex-bolsonaristas

Nesta quinta (10), a vereadora Erika Hilton (PSOL-SP) registrou um boletim de ocorrência contra uma mulher após ser ameaçada de morte. Numa mensagem por e-mail, a política foi chamada de nomes pejorativos e transfóbicos.

Na mensagem, a mulher ainda prometia degolar a parlamentar e atear fogo em sua residência e em seu corpo. "Você nunca deveria nem ter sido parido de sua mãe", escreveu.

Há uma guerra na Ucrânia, o diesel subiu 24,9%, mas parece que o problema maior do Brasil é falar sobre gênero.

ACERVO FOLHA | **Há 100 anos** 14.mar.1922

Barco transporta moradores ilhados em inundação no bairro do Limão

Com o desaparecimento das chuvas torrenciais que nestes últimos dias vinham caindo sobre São Paulo e sobre as cabeceiras do rio Tietê, vão se acentuando as esperanças para o fim da inundação provocada por esse rio.

A Inspetoria dos Rios e Várzeas, agora melhor aparelhada com os recursos que a Prefeitura só na terça-feira (13) lhe facultou, começou a trabalhar com mais liberdade para atender a situação aflitiva do bairro do Limão (zona norte) causada pelas águas.

Lá, um barco, com capacidade para 50 pessoas, foi usado das 6h até as 18h para fazer o transporte de quem estava isolado.

Folha da Noite

DEMOCRACIA!

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

OURO VERDE
Instalação da artista plástica Flávia Junqueira no Salão do Pregão do Museu do Café de Santos, que comemora neste mês 24 anos de atividade Divulgação Museu do Café

MENSAGEIRO SIDERAL | *Salvador Nogueira*
folha.com/mensageirosideral

Estudo com 800 pulsares indica que planetas em estrelas 'mortas' são raros

Quando pensamos nos primeiros planetas descobertos fora do Sistema Solar, costumamos voltar a 1995, quando um gigante gasoso foi encontrado em uma órbita supercurta ao redor de 51 Pegasi, uma estrela similar ao Sol.

Tanto que, quando o Comitê Nobel decidiu premiar o tema dos exoplanetas, em 2019, contemplou Michel Mayor e Didier Queloz, responsáveis pela detecção de 51 Pegasi b. Contudo, esse não foi de fato o primeiro exoplaneta descoberto.

A honraria vai para dois pequenos mundos encontrados em 1992, por Aleksander Wolszczan e Dale Frail, localizados onde menos se esperava: orbitando um pulsar.

Foi um choque. Pulsares são cadáveres estelares que representam o que restou de uma estrela de alta massa, depois que esgotou seu combustível para fusão nuclear e explodiu como supernova. Qualquer planeta que a estrela por ventura tivesse antes da detonação certamente teria sido devastado.

Seriam então planetas de segunda geração, formados pós-explosão? Seriam planetas capturados, que antes vagavam pelo espaço interestelar? Na dúvida, era mais fácil duvidar que a descoberta era real. Mas não só se confirmou como foi constatado, em 1994, que havia três planetas, não apenas dois, ao redor do pulsar PSR B1257+12.

[...]

De acordo com a análise, dois terços dos pulsares muito provavelmente não têm quaisquer astros companheiros com massa entre 2 e 8 vezes a da Terra

O tempo passou, milhares de mundos ao redor de estrelas "vivas" foram encontrados, e até hoje só temos um punhado deles orbitando pulsares. O que enseja a dúvida: afinal, planetas em torno dessas estrelas mortas são raríssimas exceções ou devemos encontrá-los aos montes? Uma nova análise sugere que esses planetas são mesmo raros.

O trabalho foi liderado por Iuliana Nitu, da Universidade de Manchester, no Reino Unido, e envolveu uma busca por companheiros planetários ao redor de 800 pulsares, usando observações do radiotelescópio de Jodrell Bank que se estendem por quase duas décadas. Nenhum foi conclusivamente encontrado.

De acordo com a análise, dois terços dos pulsares muito provavelmente não têm quaisquer astros companheiros com massa entre 2 e 8 vezes a da Terra. Os limites de sensibilidade impõem que menos de 0,5% dos pulsares poderiam ter planetas com pelo menos a massa do maior dos mundos a orbitar o PSR B1257+12, com 4 massas terrestres.

Isso, contudo, não restringe a presença de planetas ainda menores, como o menor dos encontrados naquele mesmo pulsar, que tem apenas 2% da massa da Terra. Um astro assim seria indetectável em 95% da amostra analisada de pulsares.

No fim das contas, o grupo encontrou periodicidades significativas em 15 dos 800. Elas poderiam indicar a presença de planetas, mas, na imensa maioria dos casos, são apenas um efeito da poderosa magnetosfera do cadáver estelar.

A equipe indica um pulsar que tem real probabilidade de ter companheiros planetários e merece mais investigação: o PSR J2007+3120. O trabalho foi aceito para publicação no periódico "Monthly Notices of the Royal Astronomical Society".

FOLHA DE S.PAULO
SEGUNDA-FEIRA, 14 DE MARÇO DE 2022
C1

Espelho mágico

Vera Fischer assume status de influencer após sua demissão da Globo e trilha novos rumos no palco e até como artista de NFTs

Pintura de autoria da atriz Vera Fischer Divulgação

Marina Lourenço

SÃO PAULO Vera Fischer nunca havia tido um celular até o início da pandemia. Nada de ligações a distância, grupos de WhatsApp, selfies no espelho, ou uma barra de notificação agitada —tudo bem diferente de sua vida agora quando, no auge de seus 70 anos, sustenta um status semelhante ao de blogueirinha.

Afinal, hoje ela não só é uma usuária ativa das redes sociais, onde posta dicas literárias e de filmes, como também está cada vez mais envolvida com o mercado dos NFTs, os tokens não fungíveis que movimentam milhões de criptomoedas e são a nova febre do mercado artístico.

Em cartaz no teatro Clara Nunes, no Rio de Janeiro, com a reestreia de "Quando Eu For Mãe Quero Amar Desse Jeito", Fischer contou a esta repórter que planeja vender virtualmente quase 200 quadros de sua autoria —produzidos desde 2006— usando a tecnologia blockchain, que associa códigos alfanuméricos a conteúdos como imagens, vídeos e músicas, postos à venda com um certificado de autenticidade digital.

"Tudo que está ligado à arte é comigo mesmo", diz Fischer, explicando seu crescente interesse pelos NFTs, nicho que ainda é visto como alienígena para muitos artistas e entusiastas do setor. "É uma questão de escolher o melhor produto. Quanto mais novidades surgem, mais chances há de ganhar dinheiro."

Com mais de cinco décadas de carreira na TV e no cinema, Fischer foi demitida da Globo em junho de 2020, ao lado de estrelas como José de Abreu e Miguel Falabella. Desde então, tem trabalhado em filmes e séries de streaming, peças online e presenciais, leituras dramáticas, websérie, propagandas publicitárias e projetos como a venda de quadros em NFT —ainda sem data definida.

No ano passado, a atriz anunciou um leilão —também em NFT— de um retrato seu de 1976. Nele, registrada por Bubby Costa, surge numa pose sexy, coberta de lama e debruçada sobre um galho de uma árvore num pântano.

Fischer diz que a notícia do leilão, que, segundo o site da revista IstoÉ, tinha como lance mínimo $ 447 mil, chegou até à Rússia e "está rodando o mundo", mas a foto não foi vendida porque fará parte de outro projeto em breve, com detalhes ainda em segredo. "É uma foto concorrida", diz ela.

Entre os quadros que deseja pôr à venda online, está "Mulher^2", coleção de retratos com várias faces femininas. Num deles, um grande rosto maquiado se inclina para observar as águas de uma piscina no meio da escuridão.

Continua na pág. C2

> **"De repente, os trabalhos foram sendo cortados. As pessoas morrendo e o país ficando à deriva. Temos um presidente que não queria vacinar ninguém, falava mal da vacina**
>
> **Vera Fischer**
> atriz

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

ONDAS DIFERENTES

O número de óbitos por Covid-19 entre pessoas não vacinadas no estado de São Paulo foi 26 vezes maior do que entre as pessoas já plenamente imunizadas, revela estudo inédito do governo paulista feito entre 5 de dezembro de 2021 e 26 de fevereiro de 2022 —período de explosão de casos da doença no Brasil por causa da variante ômicron.

ONDAS 2 O estudo analisou 7.942 mortes inseridas pelos 645 municípios no sistema Sivep-Gripe nestes três meses.

ONDAS 3 O número de mortes no período entre os 716,8 mil paulistanos que não foram vacinados chegou a 2.377. Ou seja, 332 por 100 mil habitantes.

ONDAS 4 Já entre os 38,3 milhões que tomaram as duas doses —o equivalente a 88,5% da população do estado elegível para a vacinação—, os óbitos chegaram a 4.903. Ou seja, 13 mortos por 100 mil habitantes.

ONDAS 5 O grupo de 2,9 milhões de paulistanos que receberam apenas uma dose da vacina também esteve mais vulnerável: foram 662 mortos com esquema parcial de imunização. Ou 22 para cada 100 mil habitantes.

MUITO CLARO "É mais uma evidência da importância da vacinação", diz o secretário-executivo da Secretaria de Estado da Saúde, Eduardo Ribeiro Adriano.

*

"As pessoas podem escolher entre estar no grupo mais protegido, amplamente majoritário entre os paulistanos, ou naqueles mais vulneráveis", afirma.

DÁ TEMPO "É também um alerta aos que ainda não tomaram a segunda dose da vacina: sempre é tempo de completar o seu esquema vacinal", segue.

O CERTO "Mesmo com a circulação de uma variante mais transmissível, que é o caso da ômicron, os números comprovam que São Paulo fez a escolha certa em apostar na ciência e na vacinação como as principais medidas de enfrentamento da pandemia de Covid-19", destaca a coordenadora do Programa Estadual de Imunização (PEI), Regiane de Paula.

LINHAS CRUZADAS A secretaria agora vai correlacionar os dados de todos os óbitos do período para levantar os fatores de risco agregados aos casos que resultaram em mortes —como comorbidades e idade muito avançada, por exemplo.

SALTO No começo do ano, período de prevalência da circulação da ômicron, o número de casos diários de Covid-19 no estado passou de uma média de 2.000 para um pico de 14.542.

*

As internações saltaram de uma média diária de 718, em janeiro, para 1.521 no auge da onda da doença; já a média de mortes saltou de 22 para 272. Em março, casos, hospitalizações e óbitos começaram a arrefecer.

PARA RIR

Fotos Ronny Santos/Folhapress

A atriz Claudia Raia 1 foi à pré-estreia da comédia "A Iluminada", protagonizada por Heloisa Périssé e dirigida por Mauro Farias 2, marido da comediante. A chef de cozinha Bela Gil 3 também prestigiou o espetáculo, que está em cartaz no Teatro-D, em São Paulo

NA POLÍTICA A atriz Lucélia Santos está se reunindo com lideranças do PT e do PV no Rio de Janeiro para definir se sairá candidata a deputada federal nas eleições deste ano.

DILEMA A ideia de concorrer ao pleito, diz ela, vem amadurecendo desde que liderou uma campanha pelos povos indígenas Xavante, em 2020. O que está pesando para a decisão —que será tomada nos próximos dias— é a sua agenda profissional para 2022. "Exatamente porque não pretendo parar de atuar", afirma.

PIPOCA O festival de documentários É Tudo Verdade, que dará início à sua 27ª edição no dia 31 deste mês, vai promover a estreia brasileira do longa "Navalny", dirigido por Daniel Roher.

JORNADA O thriller documental se propõe a relatar como Alexei Navalni, um dos principais opositores do presidente russo, Vladimir Putin, sobreviveu a uma tentativa de assassinato por envenenamento e retornou à Rússia para dar continuidade à sua militância.

PALCO A cantora Bruna Caram vai realizar um show com músicas de Gonzaguinha no Sesc Belenzinho, em abril. O repertório da apresentação é assinado pelo ex-deputado federal Jean Wyllys. A homenagem ao músico faz parte de um projeto da artista, "Afeto e Luta", que vai virar um disco ainda este ano.

com Bianka Vieira, Karina Matias e Manoella Smith

Vera Fischer posa no palco do Teatro Clara Nunes, no Rio, com roupas da marca Erika Facuri e produção de moda da Animart com apoio da Zany Assessoria Lucas Seixas/Folhapress

Espelho mágico

Continuação da pág. C1

"São mulheres múltiplas, elevadas à sua potência, multiplicadas sucessivamente por si mesmas. São também vítimas enquadradas em parâmetros sociais historicamente machistas e violentos", diz Fischer, que planeja, além da venda digital das obras, uma exposição das telas.

"Maquio as minhas mulheres [dos retratos], boto o blush nas bochechas, pinto os cílios, as sobrancelhas e a boca. Gosto dos olhares que faço para elas. Algumas olham para o alto procurando por algo, outras para baixo, com vergonha, ou para o lado, desconfiadas. Outras até olham diretamente para mim, como quem diz 'estou aqui'", afirma a atriz, que define as moças dos desenhos como "jovens, maduras, sonhadoras, elegantes, inocentes e sedutoras".

Fã da obra de nomes como Henri Matisse, Joan Miró e Piet Mondrian, a artista diz que desenvolve suas obras a partir "das loucuras de sua cabeça". Estas também deram origem à direção de filmes trash, como "Sangria Desatada", e a dez livros que ela conta ter escrito na última década e que só agora, planeja publicar.

Sua demissão da Globo em meio ao caos pandêmico trouxe dolorosas doses de instabilidade mental. É o que afirma ao relembrar o isolamento social, período em que sentia pouca fome, emagreceu bastante e adoeceu de desânimo.

"De repente, os trabalhos foram sendo cortados. As pessoas morrendo e o país ficando à deriva. Temos um presidente que não queria vacinar ninguém, falava mal da vacina e defendia a cloroquina." Diante do sufoco emocional, Fischer conta que sua fase blogueirinha chegou como um respiro.

Isolada, comprou um celular para se conectar com o mundo. Desde então, troca mensagens com mais de 50 fã-clubes e posta selfies sorridentes, momentos marcantes de sua carreira, curiosidades sobre sua rotina e dicas culturais acompanhadas pela hashtag #VeraFischerIndica, o que rendeu a ela o apelido de "veraflix", referência à plataforma de streaming Netflix.

"O meu Instagram existe desde 2015 mas, como não tinha celular, não postava nada", diz ela. "Gosto de conversar com os meus fãs, postar sobre comida, escrever coisas da minha cabeça. Eles amam. Precisam de carinho e atenção."

Mas Fischer também quer se comunicar para além de seus admiradores. "Em casa, tenho uma videoteca, com muitos filmes, de novos a antigos. Então, comecei a escrever sobre isso, porque é um assunto que me interessa. Quando as videolocadoras acabaram, comprei tudo. Também já garimpei muita coisa pelo mundo afora."

Entre as dicas, há filmes como como "Casa Gucci", o mais recente de Ridley Scott, "Guerra e Paz", a adaptação do clássico literário russo com Audrey Hepburn, e o terror "A Órfã". A atriz tem até um agendinha cinéfila para anotar a ficha técnica dos filmes que vê e indica. Tudo para publicar dicas com embasamento. "Tenho um caderninho especial. Faço a pesquisa ali mesmo."

Fischer conta que varia as dicas, mas, claro, tem suas preferências. Filmes que são "o sucesso do momento", por exemplo, não são prioridade. "Às vezes, eles não têm muito a dizer." Há também artistas que chamam mais a sua atenção. É o caso da britânica Olivia Colman, dos filmes "A Filha Perdida" e "The Crown".

Agora, de volta aos palcos depois de quase dois anos enclausurada, Fischer tem diminuído o ritmo das dicas culturais. Isso porque está com cada vez mais projetos na mão, como uma coleção de roupas que pretende lançar este ano. Com estampas desenvolvidas a partir das telas da atriz, os looks serão uma parceria com a estilista Aline Place.

No momento, porém, os olhos de Fischer estão voltados a sessões de reeducação postural global, o RPG —atividade que iniciou após deixar as aulas de karatê— e para a peça "Quando Eu For Mãe Quero Amar Desse Jeito", dirigida por Tadeu Aguiar.

Na montagem, a atriz faz o papel de Dulce Carmona, uma idosa aristocrática que não lida bem a notícia de que seu único filho, Lauro —vivido por Mouhamed Harfouch—, vai se casar com uma mulher que ela desconhece, interpretada por Larissa Maciel. A matriarca inicia então uma jornada para impedir o casamento.

"Tem sido maravilhoso. A gente é aplaudido de pé durante muito tempo", diz a artista. "Embora tenha uma raiz no surrealismo, a peça é de um humor ácido. É bem surpreendente. Nunca tinha visto nenhuma peça brasileira igual a essa, do Eduardo Bakr [dramaturgo que assina o texto]."

Apesar das palmas e do sucesso que o espetáculo tem gerado, Fischer conta que vem se deparando com alguns perrengues artísticos.

"Fiquei muito mais furiosa depois que saí da Globo. Sempre trabalhei com teatro e cinema, mas agora estou mais aliada [a esses setores]. A gente leva muito pau porque é artista. Dizem que não prestamos e não somos necessários. Mas o povo precisa da arte. É o alimento da alma."

"A gente precisa de incentivo. Não dá para continuar fazendo peça sozinha, sem patrocínio. Tem que tirar o dinheiro do bolso", acrescenta. "Teremos eleição daqui a pouco e, se não soubermos votar, haverá o mesmo que aconteceu nesse período. E o Brasil só andou para trás."

Quando Eu For Mãe Quero Amar Desse Jeito

Teatro Clara Nunes – rua Marquês de São Vicente, 52, Gávea, Rio de Janeiro. Sex. e sáb., às 20h; dom., às 19h. Até 17/4. R$70 a R$90. 12 anos

Espetáculo lança olhar feminino sobre o cárcere

Cia. de Teatro Heliópolis celebra 20 anos explorando efeitos da cadeia sobre mães, filhas e companheiras dos presos

Peri Pane

SÃO PAULO Atrizes e atores formam um corpo coletivo que se move pelo palco. O corpo cai e se levanta. Torna a cair. E se levanta de novo. A repetição dura alguns minutos do ensaio.

Esse "corpo coletivo" já é uma marca do Companhia de Teatro Heliópolis, que surgiu no ano 2000 dentro da maior favela de São Paulo, a qual leva no nome. A companhia estreou no fim de semana uma nova peça, "Cárcere ou Porque as Mulheres Viram Búfalos".

O espetáculo surgiu a partir da pesquisa "Cárcere - Aprisionamento em Massa e Seus Desdobramentos", que ganhou a edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro de dois anos atrás. A ideia era celebrar os 20 anos do grupo mas, com a pandemia, a estreia ficou para este ano.

"Reconheço nosso trabalho de resistência. É um pouco o que está nas peças, esse ato repetitivo de cair e se reerguer, cair, levantar e se manter de pé", diz Miguel Rocha, de 42 anos, fundador do grupo ao lado da atriz e produtora Dalma Régia, 40.

Nascidos no Piauí, os dois moram em Heliópolis desde os anos 1990 e são os únicos que estão no grupo desde o primeiro espetáculo, "A Queda para o Alto", inspirado no romance homônimo. A trama mostrava a experiência de uma jovem na antiga Febem, a Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor.

"Já fazia teatro, mas entendi que queria fazer aquele trabalho com pessoas da minha comunidade. Aí juntei um grupo de jovens mais alguns amigos moradores de Heliópolis e montamos a peça", diz Rocha.

Dos que participaram daquela primeira montagem, só Miguel e Dalma continuaram trabalhando com teatro. Mais tarde, o "núcleo duro" do grupo se consolidou com a entrada dos atores Davi Guimarães, Walmir Bess e Alex Mendes.

"É muito complicado sobreviver do teatro e da arte como um todo. Alguns foram ser advogados, enfermeiros, e lembram até hoje da importância dessa experiência. Alguns foram presos", lembra o diretor.

A violência vivida diariamente na periferia de São Paulo é um tema recorrente no trabalho do grupo. De alguma forma, a nova peça dá sequência a trabalhos anteriores , como "Sutil Violento", de 2017, e "(In)Justiça", de 2019, o último indicado ao Prêmio Aplauso Brasil na categoria de melhor espetáculo de grupo.

"A pesquisa sempre parte de um mesmo território, mas em diálogo com o Brasil de hoje", afirma Rocha. Atualmente, mais de 600 mil pessoas estão presas no Brasil, sendo que a maior parte delas são homens negros.

Dalma Régia diz ter sentido a necessidade de ter um olhar feminino para "Cárcere ou Porque as Mulheres Viram Búfalos". Surgiu então o convite para a dramaturga e roteirista Dione Carlos, que assina a dramaturgia.

A peça acompanha a trajetória de duas irmãs, Maria das Dores e Maria dos Prazeres, que desenvolvem estratégias para seguir a vida após a prisão de familiares.

Elas são exemplos de mães, filhas e companheiras que são enredadas nas tramas do sistema penitenciário —uma "máquina de moer gente", como diz uma das personagens— a partir do momento em que um homem é preso. "As Marias da peça representam muitas mulheres deste país", diz Carlos, que conta ter usado no texto muito do que ouviu em entrevistas de campo.

A dramaturga afirma que o título da peça refere-se a um "itan", uma lenda de Iansã na qual ela se transforma em búfalo para defender sua prole.

"Já havia uma pesquisa sobre o arquétipo de Iansã, a mulher que governa ao lado de Xangô, nunca atrás. Xangô esteve presente na peça anterior. Iansã reina nesta como um símbolo de força feminina", diz ela.

Já o diretor conta que a busca pela coletividade parte do sujeito. "São vozes únicas que destoam também. Não há uma busca por um discurso hegemônico. Somos de Heliópolis, da periferia, mas queria fazer um teatro que não fosse reduzido ao teatro da periferia para a periferia. Quero sensibilizar outras pessoas para questões que talvez elas não vivam e não percebam."

Cárcere ou Porque as Mulheres Viram Búfalos
Casa de Teatro Mariajosé de Carvalho – Rua Silva Bueno, 1533, Ipiranga, São Paulo. Sex. e sáb., às 20h, e dom., às 19h. Até 5/6. Ingr.: contribuição voluntária p/ sympla.com.br/companhiadeteatroheliopolis. 14 anos.

Atores da Companhia de Teatro de Heliópolis em cena da peça 'Cárcere ou Porque as Mulheres Viram Búfalos' Weslei Barba/Divulgação

Embate entre Freud e C.S. Lewis se opõe à irracionalidade atual

CRÍTICA
A Última Sessão de Freud
★★★★★
Itaú Cultural - av. Paulista, 149, Bela Vista, São Paulo. Qui. a sáb., às 20h; dom., às 19h. Até 27/3. Grátis. 12 anos.

Paulo Bio Toledo

Num primeiro momento, a peça "A Última Sessão de Freud" parece um retorno às antigas formas de um teatro realista. Assim que se abrem as cortinas, vemos um enorme cenário que reproduz, em minuciosos detalhes, como a materialização de uma fotografia no palco, o gabinete do doutor Sigmund Freud, em 1939, o último ano de sua vida.

Entretanto, logo fica evidente que não se trata de um drama de época, ou de um conflito dramático entre subjetividades. O coração do espetáculo está posicionado é no confronto de ideias. São elas que regem o andamento da peça.

Em seu gabinete, o psicanalista ateu recebe o escritor C. S. Lewis, recém-convertido ao cristianismo, para um debate franco que põe "Deus em questão" —esse é também o título do livro de Armand Nicholi sobre as divergências de Freud e Lewis que inspirou o americano Mark St. Germain a escrever a peça em 2010.

Olhando bem, os argumentos mobilizados no embate não apresentam nenhuma grande novidade filosófica. Contudo, a montagem atual, com Odilon Wagner no papel de Freud e Claudio Fontana interpretando C.S. Lewis, sublinha a construção reflexiva do debate e o entrecho que de suas ideias. Mesmo que o autor busque assinalar algumas idiossincrasias dos personagens, a atenção do público é magnetizada pelo raciocínio realizado em cena.

Em tempo de mistificação e irracionalismo, na política e na arte, a peça se torna um contraponto pelo seu elogio à razão —até a fé de Lewis é observada, e defendida por ele, à luz da racionalidade, da lógica, do pensamento crítico.

Aparentemente, o terreno da razão é mais favorável à desconfiança que sempre ostentou Freud com relação às explicações metafísicas, fantasiosas ou sobrenaturais do comportamento humano.

Já Lewis tem de se desdobrar para justificar racionalmente a presença espiritual de Deus sem apelar para os dogmas misteriosos da Igreja.

O ator Odilon Wagner caracterizado como Freud em cena da peça João Caldas Filho/Divulgação

Porém, na peça, o confronto de ideias não tem vencedor, apesar do empenho dos contendores. A divergência se mantém do começo ao fim.

Do ponto de vista dramático, o resultado é um tipo de anticlímax. Afinal, a peça termina sem resolução dos conflitos e não há nenhum grande desenlace no final.

Mas o que pode parecer um defeito, na verdade, mantém o debate em suspensão crítica e o deixa aberto para seguir após os aplausos. A montagem brasileira, com escolhas simples de encenação e de interpretação, enfatizando mais o raciocínio do que o efeito cênico, consegue ressaltar essa viva incompletude.

O embate fictício entre Freud e Lewis sublinha ainda o potencial reflexivo de uma divergência. Durante a peça, as posições opostas não fazem deles inimigos, tampouco erguem barreiras intransponíveis entre os dois. Pelo contrário, é a discordância dialética entre ambos que provoca o pensamento.

Na atualidade regida pela intolerância, a peça faz lembrar que um momento importante da construção de nós mesmos se dá quando nos deparamos com algo radicalmente diferente de nós, com um outro.

Morre William Hurt, que venceu Oscar por 'O Beijo da Mulher-Aranha', aos 71

Ator marcou a década de 1980 em longas como 'Corpos Ardentes' e 'Nos Bastidores da Notícia'

SÃO PAULO William Hurt, ator americano que ganhou o Oscar pelo filme "O Beijo da Mulher-Aranha", morreu no domingo (13), aos 71 anos. O anúncio foi feito pelo filho dele, Will, em comunicado.

"É com muita tristeza que a família Hurt lamenta a morte de William Hurt, amado pai e ator vencedor Oscar, no dia 13 de março de 2022, uma semana antes de seu 72º aniversário. Ele morreu pacificamente, entre a família", afirma o texto.

Dirigido pelo cineasta argentino naturalizado brasileiro Hector Babenco, "O Beijo da Mulher-Aranha" foi uma coprodução entre Brasil e Estados Unidos. Na trama, Hurt dá vida a Luís Molina, um homossexual que, condenado por pedofilia durante a ditadura militar brasileira, se aproxima de seu companheiro de cela, um ativista político interpretado por Raul Julia.

O filme estreou em Cannes em 1985 e concorreu a quatro categorias do Oscar no ano seguinte, incluindo a de melhor filme. Hurt foi eleito o melhor ator naquela cerimônia.

Sônia Braga, também no elenco do filme, homenageou Hurt no seu Instagram. "É com choque e grande tristeza que fico sabendo que o lindo Molina de 'O Beijo da Mulher-Aranha' nos deixou hoje", escreveu. "Descanse em paz."

Hurt ainda concorreria à mesma estatueta nos dois anos seguintes, por "Filhos do Silêncio" e "Nos Bastidores da Notícia". Voltaria a ser indicado, desta vez como coadjuvante, por "Marcas da Violência", de 2005 —mesmo com menos de dez minutos em cena no longa de David Cronenberg.

Os atores Blair Brown e William Hurt em cena do filme 'Viagens Alucinantes', de 1980 Divulgação

Hurt, que faria aniversário no próximo dia 20, nasceu em Washington, capital dos Estados Unidos, mas passou a infância em países como o Paquistão, Somália e Sudão. Isso porque seu pai trabalhava na Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional, uma organização de ajuda humanitária.

Antes de cursar artes cênicas na Juilliard, tradicional instituto de Nova York, Hurt chegou a estudar teologia. De 1977 a 1989, ele se apresentou na Circle Repertory Company, e recebeu um prêmio Obie por sua atuação na peça "My Life", de Corinne Jacker. Também foi indicado a um prêmio Tony em 1985, por seu papel em "Hurlyburly", de David Rabe, na Broadway.

Sua estreia no audiovisual aconteceu em um episódio da série "Kojak", da emissora CBS, em 1977. Foi no cinema, no entanto, que ficou conhecido, chamando a atenção já em seu primeiro filme, "Viagens Alucinantes", de 1980. O thriller de ficção científica dirigido por Ken Russell rendeu a ele uma indicação ao Globo de Ouro de ator revelação daquele ano.

Mas a fama, que atravessaria toda aquela década, só veio de fato no ano seguinte, com o neo-noir "Corpos Ardentes", de 1981. No filme de Lawrence Kasda, seu personagem é convencido pela amante, vivida por Kathleen Turner, a assassinar o marido rico dela.

O currículo de Hurt incluiria ainda sucessos como "O Reencontro", "Cidade das Sombras" e "O Turista Acidental".

Marlee Matlin, que contracenou com ele em "Filhos do Silêncio" e se envolveu romanticamente com ele, escreveu em sua autobiografia que Hurt abusou física e psicologicamente dela.

Na época, o fim dos anos 1980, ele chegou a ir à reabilitação após problemas com álcool e outras drogas. Ele se desculpou em comunicado.

Após um período apagado, Hurt ainda teve algum sucesso com "Perdidos no Espaço", de 1998, além de "O Bom Pastor", de 2006, e "Na Natureza Selvagem", de 2007. Seu último filme foi "A Filha do Rei", deste ano.

Mais recentemente, ele participou de uma série de blockbusters, dando vida ao General Thaddeus Ross em "O Incrível Hulk", de 2008, e voltando ao papel em diversos filmes do chamado Universo Cinematográfico da Marvel.

Hurt deixa quatro filhos.

Achei que seria substituído, diz diretor de 'O Poderoso Chefão'

Leonardo Sanchez

SÃO PAULO Há pouco mais de 50 anos, Francis Ford Coppola enfrentava uma verdadeira batalha para levar "O Poderoso Chefão" com o qual sonhava às telas. Nos bastidores do que é hoje um clássico inegável, a Paramount estava descrente quanto ao potencial do filme, não queria o elenco selecionado pelo cineasta, insistia que as cenas estavam escuras demais e pensava em descartar a icônica música tema composta por Nino Rota.

Hoje, a situação é bem diferente. O estúdio trata aquilo que virou uma trilogia como uma das maiores joias de seu acervo, prepara uma minissérie sobre os bastidores da produção —"The Offer", com estreia no mês que vem— e relança, com muita pompa, "O Poderoso Chefão" nos cinemas ao redor do mundo.

Como se não bastasse, até deixou Coppola alfinetar a própria Paramount enquanto relembrava a feitura do filme em material exclusivo ao qual este jornal teve acesso.

"Eu estava sob pressão e havia rumores de que eu seria substituído. Nunca me senti seguro de que não seria demitido, mesmo no final, na pós-produção, quando tive um desentendimento com os executivos por causa do compositor que escolhi para fazer a música-tema, que quase foi descartada", diz Coppola em vídeo.

"Eu relembro a experiência de fazer 'O Poderoso Chefão' com certa angústia, porque não estava numa posição segura. E eu tinha três filhos para criar", diz ainda, lembrando que ninguém que esteve no longa recebeu um salário à altura do sucesso que ele faria.

Apesar de as comemorações terem começado há algumas semanas, com a chegada de uma versão restaurada e em 4K aos cinemas de algumas cidades, "O Poderoso Chefão" completa 50 anos apenas nesta segunda, 14 de março, data de sua première em Nova York.

Francis Ford Copolla dirige os atores Robert Durvall, à esquerda, e Marlon Brando, à direita, em 'O Poderoso Chefão' Reprodução

Nas próximas semanas, a versão deve chegar a mais salas e ao streaming, escoltada por remasterizações também das partes dois e três da trilogia —a última, subtitulada "Desfecho: A Morte de Michael Corleone", é uma nova montagem, distante das interferências feitas pelo estúdio em 1990, o que é motivo de comemoração para seu diretor.

Para se ajustar melhor ao olhar do público atual, a trilogia passou por um longo trabalho de restauração, com especialistas vasculhando cerca de 300 caixas de filmes para encontrar a melhor resolução possível de cada quadro dos longas, ao longo de mais de 4.000 horas de trabalho, consertando manchas, rasgos e cores, sempre sob a supervisão de Coppola.

O cineasta conta que esta será a primeira vez que a maioria das pessoas verá "O Poderoso Chefão" com o visual "imaculado" que tinha naquela noite de estreia em 1972.

Isso porque a Paramount, pega de surpresa pelo sucesso do filme, passou a gerar novas cópias de forma negligente, desgastando o filme seminal e criando "um retalho entre negativos originais e não originais, o que pôde ser corrigido pelos milagres da tecnologia atual".

"A ironia de 'O Poderoso Chefão' é que ele foi muito mais bem-sucedido do que todo mundo esperava. E certamente, naquele momento, que qualquer outro filme já havia sido", afirma Coppola.

O primeiro filme foi um blockbuster antes mesmo de o termo passar a guiar os caminhos de Hollywood. Faturou cerca de US$ 250 milhões, impulsionado por espectadores que faziam fila nos cinemas para garantir ingresso, e se tornou a maior arrecadação da história do cinema até ser desbancado por "Tubarão", três anos depois.

Também foi aclamado pela crítica e, no Oscar, só não levou mais do que três estatuetas porque competia nas principais categorias com outro medalhão da década de 1970, "Cabaret". O prêmio mais importante, de melhor filme, no entanto, foi de "O Poderoso Chefão", bem como o de ator, para Marlon Brando no papel de Vito Corleone, e de roteiro, para Coppola e Mario Puzo, autor do livro original.

Em 1974, sua sequência, "O Poderoso Chefão 2", ainda embolsaria mais seis estatuetas —novamente a de filme e, agora, fazendo justiça a Coppola e a Nino Rota, premiados com melhor direção e melhor trilha sonora. Em 1990, "O Poderoso Chefão 3" decepcionou um tanto, mas ainda assim garantiu sete indicações ao Oscar.

A razão para o sucesso, Coppola diz, está no fato de ele nunca ter tratado o filme com distanciamento, como diretores que trabalham "seguindo fórmulas" fazem. Garantiu assim a ele uma humanidade atemporal como aquela que encontramos em obras como as tragédias gregas ou shakespearianas.

"Você quer que o seu filme tenha uma dimensão pessoal, então você usa a sua própria vida. Sendo ítalo-americano —minha família não era de gângsteres, mas eu sabia como era viver num lar ítalo-americano, como era a rotina, as refeições—, tentei dar um senso de autenticidade para o filme, com base nas minhas próprias experiências", afirma.

"O tempo passou de forma extraordinária e eu fico chocado, porque, hoje, se eu entro em um lugar como um restaurante, eu às vezes ouço...", interrompe ele para cantarolar a música tema da saga, com os acordes inconfundíveis criados por Nino Rota. "É tanto agradável quanto desagradável estar tão absorvido na nossa cultura da maneira como 'O Poderoso Chefão' está."

O Poderoso Chefão
EUA, 1972. Direção: Francis Ford Coppola. Com Marlon Brando, Al Pacino, Diane Keaton. Nos cinemas

Me chame pelo meu nominho

O poeta disse: todas as cartas de amor são ridículas... e apelidinhos também

Bia Braune

Jornalista e roteirista, é autora do livro 'Almanaque da TV'. Escreve para a TV Globo

"Acabou." Como? Por quê? "Acabou." Sempre que uma relação chega ao fim, é preenchida a certidão de óbito. E, no campo destinado à causa mortis, todas as explicações de praxe. Tédio, traição, desavenças. Não se leva em conta, porém, um dos dados mais importantes. Apelidinhos: tinham?

Sempre acreditei que amar é se mostrar deliberadamente patético diante do outro, sendo o apelido uma espécie de vocativo da bobeirite apaixonada. Nomear alguém, de forma terna e vexatória, seria a base dessa íntima gramática a dois.

Claro, há os que não se entregam à falta de bom senso, optando por termos usuais como apenas "amor". Pairam acima de nós, os bocós que caçam esdrúxulas palavras. Mas tudo bem. Como já disse Fernando Pessoa, "todas as cartas de amor são ridículas e o apelidinhos de casal também".

Mentira, o grande poeta português jamais escreveu isso. No entanto, praticou muito. Em sua famosa correspondência com Ophélia Queiroz, vulgo "Bebé", "Nininho" assinava as declarações mais tatibitate. "Então o meu Bebé, que disse que ia escrever ontem, não me escreveu? O Bebé não gosta do Nininho?" Ou: "Amanhã o Bebé espera pelo Nininho, sim? Jinhos, jinhos e mais jinhos".

Assistindo à série "The Crown", descobrimos que o affair proibido entre Charles e Camilla era pontuado por nominhos secretos, "Fred" e "Gladys". E que o real título da rainha Elizabeth, quando na intimidade com o príncipe Philip, era "meu repolhinho".

Tal lógica hortifrutigranjeira, infelizmente, não se aplicou a uma dupla de conhecidos. Ele, "moranguinho". Ela, "maçãzinha". Um mês depois de casados, a separação e uma justificativa de incompatibilidade que poderia constar numa tabela da Ceagesp. "Não estávamos na mesma época."

Os mais formais se tratam pelo sobrenome, sobretudo quando há um militar de tocaia nesse amor. "Gonçalves, sentido! Vem dormir de conchinha". Com o advento dos filhos, os mais freudianos viram "pai" e "mãe".

Recentemente, um amigo muito supersticioso inovou. Há anos namorando Lucianas, Luanas e Lúcias, apaixonou-se perdidamente por uma Mayara e forçou a barra com o mesmo apelido. Mas o que soaria cafajestagem para a maioria, para ele foi ato de desespero cósmico. Numerológico. "Tive tanto medo de perdê-la que agora ela é Lu, diminutivo de Luz da Minha Vida".

Marcelo Martinez

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | **TER. Manuela Cantuária** | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Monica Iozzi comanda talk show de política na TV a cabo

Fale Mais Sobre Isso, Iozzi
Canal Brasil, 21h45, 12 anos
A atriz Monica Iozzi volta às suas origens na TV, quando era repórter do extinto CQC (Band) em Brasília. Seu novo talk show trará celebridades e especialistas para discutir política, mas sempre em chave bem-humorada. Os convidados da estreia são o filósofo Leandro Karnal, o ator e roteirista Fábio Porchat e a cantora Majur. A primeira temporada do programa terá 13 episódios, e ainda receberá nomes como Marcelo Adnet, Marina Silva, Pedro Bial e Djamila Ribeiro.

Imóveis de Luxo em Família
Netflix, 12 anos
Este reality show acompanha a glamourosa rotina da família Kretz, em que todos trabalham como corretores de imóveis de alto padrão em Paris e arredores. Duas temporadas já disponíveis.

Que Rei Sou Eu?
Globoplay, 14 anos
Em 1989, Cassiano Gabus Mendes escreveu a primeira novela no gênero capa e espada da TV brasileira desde a década de 1960, ambientada no fictício reino de Avilan. Edson Celulari, Giulia Gam e Tereza Rachel estão no elenco.

Faustão na Band
Band, 20h30, livre
A atriz e cantora Cleo participa do Arquivo Pessoal e divulga seu filme "Me Tira da Mira". O ator Murilo Rosa e o cantor Daniel também estão no programa.

Roda Viva
Cultura, 22h, livre
Pioneira entre as jornalistas negras na TV brasileira, Glória Maria lembra de fatos marcantes de sua carreira no programa desta semana.

Você Pertence a Mim
Telecine Premium, 22h, 14 anos
Uma paciente de um psiquiatra se suicida. O irmão dela então tenta se infiltrar na vida do médico, de maneira perigosa. Thriller inédito nos cinemas brasileiros, com Casey Affleck e Sam Claflin.

Braven – Perigo na Montanha
Globo, 0h, 16 anos
Jason Momoa, de "Game of Thrones", faz um lenhador que vive em uma região remota na fronteira dos EUA com o Canadá. Sem querer, ele se envolve na luta contra uma quadrilha de traficantes.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*

Daiquiri *Caco Galhardo*

Níquel Náusea *Fernando Gonsales*

A Vida Como Ela Yeah *Adão Iturrusgarai*

Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*

Viver Dói *Fabiane Langona*

Péssimas Influências *Estela May*

SUDOKU

texto.art.br/fsp

FÁCIL

1		6					4	
		4		7		6		
			4			3	2	
	3	8	6					
	9		5		7		8	
					9	2	1	
	1	3			6			
		2		1		9		
	8					1		5

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

1	2	6	8	9	3	5	4	7
3	5	4	1	7	2	6	9	8
8	7	9	4	6	5	3	2	1
2	3	8	6	4	1	7	5	9
6	9	1	5	2	7	4	8	3
7	4	5	3	8	9	2	1	6
4	1	3	9	5	6	8	7	2
5	6	2	7	1	8	9	3	4
9	8	7	2	3	4	1	6	5

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. (Pop.) Indivíduo que pronuncia as palavras lenta e por vezes confusamente **2.** O alvo da bola-alvo na sinuca **3.** Lázaro Ramos, ator baiano de "Madame Satã" / (Pop.) Cara, rosto **4.** Um brinquedo que também se tornou atividade esportiva / O símbolo químico do cromo **5.** Redução de apartamento / Respirar com dificuldade **6.** (Biol.) Órgão de forma cilíndrica presente em células animais **7.** Pintura / A Penélope atriz espanhola de "Mães Paralelas" **8.** (Ingl.) Mistura isolante para máquinas elétricas, aplicada especialmente a moldes plásticos **9.** Qualidade de impetuoso / Elemento prefixal: músculo **10.** Usar o estilingue / Sigla do estado de Xapuri e Rio Branco **11.** O Tâmisa corta Londres / Uma model como Gisele Bündchen ou Adriana Lima **12.** O praseodímio, em química / Ter ligeiro contato, tocar de leve **13.** Edifício de um só pavimento e sem divisões.

VERTICAIS
1. Animal dos Andes, domesticado, fornece lã / Pequena lasca de madeira que fica presa na pele **2.** Reproduzir, refletir (o som) **3.** Otaviano Costa, ator e apresentador de TV / Barraca de campanha **4.** Um dos componentes do pingado / Sensação de ameaça / As iniciais do humorista cearense Aragão **5.** Pode ser refinado / Instrumento musical, são duas peças circulares de metal **6.** Aparelho que produz uma pequena chama de elevada temperatura, usado em solda, fundição ou corte de objetos / O campo **7.** Oi! / Reunião, congresso, conferência que envolve debate de um tema / Duas coisas usadas juntas **8.** (Paz) A capital da Bolívia / Acusação falsa / Anfíbio criado por ranicultores **9.** Sobremesa à base de um cereal muito consumido.

HORIZONTAIS: 1. Boca-mole, **2.** Caçapa, **3.** LR, Fuça, **4.** Peteca, Cr, **5.** Apê, Arfar, **6.** Centríolo, **7.** Arte, Cruz, **8.** Compound, **9.** Furor, Mio, **10.** Atirar, AC, **11.** Rio, Top, **12.** Pr, Roçar, **13.** Casarão. **VERTICAIS: 1.** Alpaca, Farpa, **2.** Repercutir, **3.** Oc, Tentório, **4.** Café, Temor, RA, **5.** Açúcar, Pratos, **6.** Maçarico, Roça, **7.** Opa, Fórum, Par, **8.** La, Calúnia, Rã, **9.** Arroz-doce.

Ricardo Cammarota

Para além dos sentimentos morais

A sensibilidade idiota das redes tomou conta do jornalismo profissional

Luiz Felipe Pondé

Escritor e ensaísta, autor de 'Notas sobre a Esperança e o Desespero' e 'Política no Cotidiano'. É doutor em filosofia pela USP

Uma pena que a cobertura da guerra da Ucrânia esteja, em grande parte, entregue à sensibilidade de classe média. Os jornalistas mais choram do que pensam.

É verdade, claro, que há uma violência em curso: um país agredido por outro, muito mais forte. Vidas civis destruídas. Mas o que há para além de "Putin, assassino"?

O Ocidente achou que conflitos importantes não mais aconteceriam —só na periferia desgraçada do mundo—, assim como até 2020 também se acreditou —ao menos os incautos— que pandemias tampouco matariam milhões.

Monumentos com as cores da Ucrânia, cantar "Imagine" numa praça em Budapeste —num país que vive sob um ditador que, aliás, é parte da Otan—, tudo isso é a prova de que a sensibilidade idiota das redes tomou conta do jornalismo profissional.

Guerras nunca levaram em conta o sofrimento civil. A sensibilidade barata das redes sociais faz parecer que profissionais de Estado pensam como a classe média, postando crianças e grávidas sofrendo.

Na verdade, eles usam essa sensibilidade de classe média a favor deles quando ela tem valor estratégico. Usam o horror das imagens de sofrimento humano para onerar o inimigo na guerra das narrativas. A Rússia já perdeu a guerra no Instagram.

Um dos argumentos mais comuns utilizados por Putin é que o Ocidente mente sobre seus bons sentimentos morais. Quando a Otan invadiu o Afeganistão ou o Iraque, não se trouxe à tona a destruição causada à população civil daqueles países porque esta era de interesse dos Estados Unidos.

Quando os americanos patrocinaram massacres nas guerras durante a Guerra Fria, tampouco isso importou.

Mesmos as misérias das ditaduras latino-americanas a serviço dos EUA na Guerra Fria não levaram em conta sentimentos morais. A Coca-Cola boicota ditadores africanos?

No caso das investidas da Otan junto aos países que antes eram da esfera do império russo e depois da União Soviética, o argumento dos russos encontra alguma racionalidade geopolítica.

Quando em 2008, em Bucareste, a Otan convidou a Geórgia a fazer parte de seu clube, a Rússia invadiu a Geórgia. Quando, já na segunda década do século 21, a Otan ensaiou levar a Ucrânia para o seu clube, Putin retomou a Crimeia. Ele anunciava sua resposta à Otan já ali, naquele início de 2014.

Países como Hungria, Romênia, Estônia, Letônia, Lituânia, Polônia, quase todos na fronteira oeste russa, sempre um tanto porosa ao longo de séculos, todos fazem parte da Otan. A argumentação de Putin é que os EUA usaram o desmonte da União Soviética para cercar a Rússia e torná-la um player irrelevante na geopolítica europeia e mundial. Para os russos, isso foi uma demonstração da pouca importância que os EUA atribuíam à possibilidade da Rússia se reerguer da derrocada da URSS.

Nada disso justifica a agressão à Ucrânia do ponto de vista moral. Mas é este mesmo ponto de vista moral bradado pelo Ocidente como seu trunfo que os russos entendem como uma mentira estratégica. Tudo que os americanos querem é manter a Rússia na condição de uma potência enfraquecida, à deriva do poder americano.

Para Putin, é como se os russos pusessem armas e exércitos no México, no Canadá e em Cuba —como aliás fizeram em 1962, na baía do Porcos. Na época, a Otan tinha mísseis na Turquia e considerava isso "normal". A Turquia, país bem duvidoso do ponto de vista dos "valores ocidentais", fazia fronteira com a URSS, e esta era a razão dela ter sido alçada ao clube dos notáveis do Atlântico Norte —ainda que ela esteja no Mediterrâneo.

Veremos se o ataque frontal de empresas ocidentais e do sistema financeiro internacional à Rússia conseguirá conter a violência na Ucrânia. Há que ver se a tentativa de cancelamento de uma potência militar —para alguns, detentora do maior arsenal nuclear no mundo— e econômica como a Rússia não causará danos terríveis à economia global e forçará o Ocidente a reduzir seu tom. A conta do boicote à Rússia chegará.

Putin parece disposto a escalar a situação. Ousado como é —para alguns, um louco—, ele aposta que o fraco governo Biden não tem condição de ir tão longe quanto a Rússia nessa guerra de nervos.

| SEG. Luiz Felipe Pondé | TER. João Pereira Coutinho | QUA. Marcelo Coelho | QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres | SEX. Djamila Ribeiro | SÁB. Mario Sergio Conti

Presidente russo, Vladimir Putin, cumprimenta o fundador da USM Holdings, Alisher Usmanov, em cerimônia no Kremlin, em Moscou Alexei Nikolsky - 27.nov.18/Reuters

Fora do radar, firmas ocidentais ajudam os oligarcas russos

Empresas de investimento, advocacia e lobby conectam elite milionária do país aos sistemas financeiro e jurídico

MERCADO

NOVA YORK | THE NEW YORK TIMES

Atrás de um conjunto de imponentes portas metálicas em um prédio de escritórios comum num subúrbio de Nova York, uma pequena equipe administra bilhões de dólares para um oligarca russo.

Há anos, um grupo de russos ricos usa a Concord Management LLC, empresa de consultoria financeira em Tarrytown, no estado de Nova York, para investir secretamente dinheiro em grandes fundos de hedge e empresas de private equity nos Estados Unidos, segundo pessoas informadas sobre o assunto.

Uma rede de empresas de fachada offshore torna difícil saber com certeza de quem é o dinheiro que a Concord administra. Mas várias pessoas disseram que a maior parte dos fundos pertence a Roman Abramovich, um aliado próximo do presidente russo, Vladimir Putin.

A Concord faz parte de uma constelação de consultorias americanas e europeias —incluindo alguns dos maiores escritórios de advocacia do mundo— que há muito ajudam os oligarcas russos a navegar pelos cenários financeiro, jurídico, político e midiático do Ocidente.

Agora, com as sanções dos EUA e da Europa visando pessoas próximas a Putin, as empresas enfrentam dificuldades sobre o que fazer com a clientela lucrativa, mas polêmica.

Muitas estão simplesmente a abandonando. Algumas parecem mantê-la. Outras não dizem o que estão fazendo.

Enquanto isso, advogados e consultores de investimentos estão sob intenso escrutínio por trabalhos que semanas antes ocorriam quase inteiramente fora do radar.

A Concord, cujos representantes se recusaram a comentar, chamou a atenção de investigadores do Congresso. Na última quarta-feira (9), um legislador escreveu ao governo Biden solicitando o congelamento dos fundos de Abramovich na Concord.

No Reino Unido, que tem uma próspera indústria de advogados especializados em esconder ativos, os legisladores foram ao plenário do Parlamento para denunciar advogados e escritórios de advocacia que continuam trabalhando com oligarcas.

Legalmente falando, pelo menos, não há nada de errado em trabalhar para empresas, indivíduos ou governos sancionados, desde que certas regras sejam seguidas.

Nos Estados Unidos, os advogados podem representar clientes sancionados em tribunais ou perante agências governamentais, e também podem aconselhá-los sobre o cumprimento das sanções.

Lobistas e empresas de relações públicas devem obter licenças do Departamento do Tesouro para representar entidades sancionadas.

Em consequência dos obstáculos burocráticos e dos riscos de reputação, a taxa atual dos escritórios de advocacia e lobby que representam oligarcas sancionados subiu para milhões de dólares.

Para muitas empresas, os dias de pagamento não são suficientes para compensar o dano potencial à reputação de trabalhar para oligarcas ligados ao Kremlin. Uma enxurrada de empresas ocidentais de lobby, advocacia e relações públicas abandonaram recentemente seus clientes ou operações russas.

Um porta-voz do escritório de advocacia Skadden Arps disse que está "no processo de encerrar nossas representações do Alfa Bank", uma empresa sancionada e controlada por oligarcas. (A Skadden também representou Abramovich, o bilionário dono do clube de futebol inglês Chelsea, mas ela não disse se esse trabalho continua.)

Os escritórios de advocacia internacionais Linklaters e Norton Rose Fulbright disseram que estão deixando a Rússia. Um porta-voz de outra grande firma, a Debevoise & Plimpton, disse que está encerrando vários relacionamentos com clientes e não aceitará novos clientes em Moscou. A Ashurst, grande escritório de advocacia com sede em Londres, disse que não "atuará para nenhum cliente russo, novo ou existente, sujeito ou não a sanções".

As gigantes da contabilidade PWC, KPMG, Deloitte e EY — que forneceram amplos serviços a oligarcas e suas redes de empresas de fachada offshore— também disseram que estão deixando a Rússia ou cortando laços com suas afiliadas locais.

Algumas firmas se afastaram de clientes russos que tinham elogiado nos dias que antecederam a invasão.

No mês passado, um ex-funcionário do Tesouro que se tornou lobista escreveu uma carta à Casa Branca argumentando que o Sovcombank da Rússia não deveria enfrentar sanções, citando o compromisso do banco com a igualdade de gêneros, responsabilidade ambiental e social.

O Sovcombank concordou em pagar à empresa do lobista, Mercury Public Affairs, US$ 90 mil por mês por seu trabalho.

O governo Biden sancionou recentemente o Sovcombank. Poucas horas após o anúncio, a Mercury apresentou documentos ao Departamento de Justiça indicando que estava rescindindo seu contrato com o Sovcombank.

Em meados de fevereiro, o escritório de advocacia britânico Schillings representava o oligarca russo Alisher Usmanov, aliado de Putin.

Duas semanas depois, a União Europeia e o Tesouro dos EUA sancionaram Usmanov. Nigel Higgins, porta-voz da Schillings, disse que a empresa "não está agindo por nenhum indivíduo ou entidade sancionada".

Outro advogado, Thomas Clare, escreveu cartas ameaçadoras para organizações de notícias em nome de clientes, incluindo o oligarca russo Oleg Deripaska. Em 2019, por exemplo, ele alertou que poderia tentar responsabilizar The New York Times "pelos danos econômicos catastróficos" enfrentados por Deripaska, que na época estava sob sanções.

Clare disse esta semana que sua empresa, a Clare Locke LLP, não trabalhou para Deripaska desde setembro, "e não prevemos fazê-lo novamente no futuro".

Empresas russas como Rosneft, VTB, Alfa Bank, Gazprom e Sberbank, que agora estão sob sanções, foram representadas pelos principais escritórios de advocacia dos EUA, incluindo White & Case, DLA Piper, Dechert, Latham & Watkins e Baker Botts.

Nenhuma dessas empresas disse se continua trabalhando com as firmas russas.

Baker McKenzie, um dos maiores escritórios de advocacia do mundo, continua dizendo em seu site que representa "algumas das maiores empresas da Rússia", incluindo Gazprom e VTB. A empresa disse que está "revisando e ajustando nossas operações relacionadas à Rússia e o trabalho para clientes" para cumprir as sanções.

Em Washington, Erich Ferrari, um dos principais advogados de sanções, está processando o Tesouro dos EUA em nome de Deripaska, que tenta derrubar medidas impostas em 2018 que, segundo ele, lhe custaram bilhões de dólares e o tornaram "radioativo" nos círculos de negócios internacionais.

A Concord Management, cujos representantes se recusaram a comentar, parece se dedicar quase inteiramente a administrar o dinheiro de um pequeno grupo de russos ultrarricos.

A empresa de investimentos não registrada opera desde 1999 com uma equipe de 20 e poucas pessoas. É especializada em investir em fundos hedge e fundos imobiliários administrados por empresas de private equity, de acordo com perfis online de funcionários atuais e ex-funcionários da Concord.

Os banqueiros de Wall Street e gestores de fundos de hedge que interagiram com a Concord e seu fundador, Michael Matlin, disseram que ela administra entre US$ 4 bilhões (R$ 20 bilhões) e US$ 8 bilhões (R$ 40 bilhões).

Não está claro quanto disso pertence a Abramovich, cuja fortuna é estimada em US$ 13 bilhões (R$ 65 bilhões).

Abramovich não foi sancionado. Seu porta-voz, Rola Brentlin, se recusou a comentar sobre a Concord.

Embora as empresas prefiram manter em sigilo seu trabalho para clientes impalatáveis, um vazamento em 2017 forneceu um vislumbre de como as empresas ocidentais ajudaram os oligarcas russos a esconder ativos —e o que aconteceu quando esses clientes foram alvo de sanções.

O vazamento, parte do projeto Paradise Papers, envolveu os arquivos do escritório de advocacia Appleby nas Bermudas. Pelo menos quatro clientes possuíam jatos particulares por intermédio de empresas de fachada gerenciadas pela Appleby.

Quando empresas e indivíduos ligados a Putin foram sancionados em 2014, a Appleby descartou clientes que acreditava terem sido afetados. Os russos encontraram outras empresas ocidentais, incluindo o banco Credit Suisse, para substituí-la.

Ben Freeman, que acompanha a influência estrangeira para o Quincy Institute for Responsible Statecraft, disse que os russos provavelmente também encontrarão novas empresas desta vez.

"Há aquela reação inicial, quando esses clientes são tóxicos demais", disse Freeman. "Mas, quando esses contratos lucrativos estão em aberto, às vezes é demais para algumas pessoas, e elas podem fazer vista grossa para qualquer atrocidade cometida."

Matthew Goldstein, Kenneth P. Vogel, Jesse Drucker, Maureen Farrell e Mike McIntire

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

Há aquela reação inicial, quando esses clientes são tóxicos demais. Mas, quando esses contratos lucrativos estão em aberto, às vezes é demais para algumas pessoas, e elas podem fazer vista grossa para qualquer atrocidade cometida

Ben Freeman
analista do Quincy Institute for Responsible Statecraft

Área de exploração da mina Fénix, em El Estor, na Guatemala Forbidden Stories

Vazamento de dados revela corrupção de gigante da mineração na Guatemala

Solway doava regularmente dinheiro a líderes comunitários para retomada de extração de níquel

MUNDO

Phineas Rueckert e Paloma Dupont de Dinechin

EL ESTOR (GUATEMALA) | FORBIDDEN STORIES Desde a elaboração de propostas para espalhar rumores e "comprar" líderes comunitários até a transferência de dinheiro para a polícia nacional, o Grupo Solway, dono da mina Fénix em El Estor, na Guatemala, usa seu dinheiro e poder para influenciar decisões em todo o país.

Um vazamento de dados acessado pelo Forbidden Stories fornece uma visão sem precedentes das operações dessa multinacional secreta.

Em 6 de janeiro de 2022, a mina de níquel Fénix em El Estor —suspensa desde fevereiro de 2021 por não consultar suficientemente as comunidades locais sobre questões ambientais e sociais— foi autorizada a retomar a ação de extração, após o Ministério de Energia e Minas da Guatemala (MEM) assinar uma resolução em seu favor.

A decisão se seguiu a uma consulta entre o governo guatemalteco, líderes comunitários em El Estor e representantes do Solway Group, conglomerado com sede na Suíça cuja equipe diretora é composta principalmente por empresários russos e estonianos.

Comunicados de imprensa do Solway Group —que comprou a mina em 2011 e a administra por meio das subsidiárias guatemaltecas CGN e Pronico— e do governo da Guatemala descrevem um processo harmonioso e inclusivo.

"O importante do processo é que começou com a liderança —das comunidades—, com a contribuição dos moradores da área de influência", disse Oscar Pérez, vice-presidente de Desenvolvimento Sustentável do MEM.

Mas nos bastidores a Solway estava discretamente manipulando os cordões. Por meio de uma fundação chamada Raxché, quase totalmente financiada pelas subsidiárias da Solway, a empresa doava regularmente dinheiro a líderes comunitários envolvidos na consulta desde ao menos outubro de 2020 —um ano antes do início do processo.

Entre outubro de 2020 e janeiro de 2021, a Raxché transferiu 38,5 mil quetzales (cerca de R$ 25,1 mil) por mês para a Associação Nacional de Desenvolvimento Mútuo (Anade) para fortalecer um dos dois conselhos indígenas que votaram pela reabertura da mina.

Em pelo menos dois casos, 10 mil quetzales (R$ 6.500) foram na forma de "apoio econômico" direto a quatro membros do conselho; a quantia é considerável em um país cujo salário médio mensal é de 3.700 quetzales, ou R$ 2.400.

Em carta ao consórcio e a seus parceiros, a Solway negou qualquer irregularidade. "O Solway Investment Group está operando totalmente de acordo com as leis nacionais aplicáveis e as regulamentações internacionais", escreveu o CEO Dan Bronstein. "Refutamos quaisquer alegações levantadas sem base factual."

No entanto, documentos internos confirmam as suspeitas de longa data dos moradores de El Estor sobre a empresa. Pela primeira vez foi aberta a cortina do conglomerado secreto e poderoso, e hoje são revelados os esforços para manipular as comunidades locais no período que antecedeu a consulta, que concluiu favoravelmente pela reabertura da mina em dezembro de 2021.

Os documentos, que incluem 470 caixas de email e 8 milhões de documentos, como registros de remessas e informações financeiras, estão repletos de escândalos: danos ambientais; propostas para "comprar" líderes comunitários, bem como pagamentos à polícia; planos detalhados para deslocar comunidades locais; e imagens documentando a vigilância de jornalistas que investigaram a mina.

Aninhado nas montanhas no nordeste da Guatemala, El Estor fica perto de uma reserva natural onde vivem vários animais ameaçados de extinção e do maior lago do país, o Lago Izabal.

Os indígenas maia q'eqchi desta região vivem tradicionalmente do cultivo de cardamomo, milho e feijão. Mas as comunidades que compõem El Estor são construídas em cima de um recurso mais valioso: o níquel.

Em 1960, foi lançado o Projeto Fénix, para extrair e vender esse recurso, que pode ser encontrado em tudo, desde bancadas de granito a arranha-céus e moedas americanas.

A Solway comprou a mina, a instalação de processamento de níquel e a usina em 2011 e começou a operá-la em 2014.

A empresa diz que a Fénix fornece cerca de 2.000 empregos e que a Solway investe no "desenvolvimento da infraestrutura social em suas áreas locais de operação na Guatemala" por meio de postos de trabalho, programas de treinamento e outros projetos.

Mas em 2017 a empresa se tornou o centro de uma polêmica após ser acusada por pescadores de poluir o Lago Izabal e um pescador ser morto pela polícia durante um protesto.

A comunidade obteve uma grande vitória em 2019, quando o Tribunal Constitucional da Guatemala ordenou que a mina cessasse suas operações extrativas. Em fevereiro de 2021, a ordem enfim entrou em vigor, com a mina e o governo guatemalteco obrigados a se envolver num processo de consulta completo com líderes locais antes da reabertura. Mas os indígenas dizem que esse processo foi enviesado.

"Não há interesse do governo em gerar um diálogo real", diz Lucia Ixchiu, ativista indígena e fundadora do Festivales Solidarios, coletivo que protestou contra a mina.

Membros da comunidade dizem que quatro órgãos de liderança ancestral que representam as comunidades foram bloqueados do processo de consulta.

Mas, em carta de uma das subsidiárias guatemaltecas da Solway, a Pronico, a empresa argumenta que isso foi planejado. "[A participação dos órgãos de liderança ancestral] foi rejeitada para não prejudicar a integridade do procedimento de consulta à comunidade estabelecido pelo Tribunal Constitucional", escreveu o diretor administrativo do Pronico, Marvin Méndez.

Em 2019, representantes da empresa teriam perguntado a Guadalupe Xol Quinich, líder ancestral e membro do conselho indígena de El Estor, para se nomear "amicus curiae", uma situação legal sob a qual uma pessoa se oferece para apresentar voluntariamente informações ao tribunal que possam ajudá-lo a decidir um caso, sem estar diretamente ligada a ele.

O preço de sua assinatura foi de 3.000 quetzales (R$ 1.960), disse ela em entrevista. Quando se recusou a assinar, foi substituída por outra pessoa no conselho. "Estamos muito divididos entre irmãos e irmãs da comunidade", disse ela a um membro do consórcio.

Mais uma vez, documentos vazados confirmam os temores de que a consulta não tenha sido totalmente independente. Em um documento de pré-consulta, os planos incluíam até "compra de líderes" —literalmente— em dois bairros de El Estor. (Em uma resposta por escrito ao Forbidden Stories, Méndez, diretor administrativo do Pronico, disse que nenhum pagamento foi feito a esses líderes.)

Em 2021, as subsidiárias da Solway agendaram mais doações para "atores-chaves e partes interessadas" relacionadas à consulta.

"Cooptação de líderes, negociações paralelas ou negociações com determinados grupos de interesse são contrárias à boa fé e não devem ser permitidas pelo Estado", disse Quelvin Jiménez, advogado de Santa Rosa que defende os direitos fundiários da comunidade xinca, no sudoeste da Guatemala., referindo-se a uma decisão judicial anterior da Comissão Interamericana de Direitos Humanos.

As táticas são sem dúvida conhecidas dos membros da associação de pescadores Bocas del Polochic, que inicialmente protestou contra a mina antes de apoiá-la.

Documentos mostram como a Solway transformou a associação em uma amiga da mina. "Durante o primeiro trimestre de 2020, fazer uma doação de US$ 34 mil (R$ 172 mil) para a compra de dez equipamentos de pesca para manter líderes e parceiros da Asociación Bocas del Polochic como aliados", dizia um documento de engajamento comunitário de 2019 de um programa de subsidiárias da companhia.

"A empresa encontrou fraqueza na pobreza da comunidade", disse o pescador Cristobal Pop.

Em Las Nubes, os sinais de pobreza estão por toda parte. Membros desta pequena comunidade indígena localizada a várias centenas de metros da fábrica de processamento de níquel da mina vivem em casas com piso de terra e telhados de chapas metálicas.

Diante da deterioração das condições ambientais que afetam o cardamomo e outras culturas, muitos tiveram que trabalhar na mina para viver.

A localização estratégica da comunidade há muito representa um desafio para as subsidiárias da Solway —CGN e Pronico. A partir de 2014, as duas subsidiárias criaram dezenas de relatórios sobre Las Nubes, com variedade crescente de táticas previstas para obter acesso às valiosas terras embaixo de suas casas.

Como parece ter feito com os membros da consulta comunitária, a Solway foi generosa nas doações à comunidade de Las Nubes. Ao longo de quatro anos, a empresa investiu indiretamente mais de US$ 200 mil (cerca de R$ 1 milhão) em Las Nubes por meio da Raxché, fundação que em 2019 e 2020 foi quase totalmente financiada por doações das subsidiárias da Solway, segundo relatório interno.

O documento denominado "Plano Específico", de 2021, fornece alguns exemplos.

Continua na pág.3

> "Cooptação de líderes, negociações paralelas ou negociações com determinados grupos de interesse são contrárias à boa fé e não devem ser permitidas pelo Estado
>
> **Quelvin Jiménez**
> advogado

Texto é parte da série 'Mining Secrets'

Esta reportagem é parte de uma investigação colaborativa coordenada pelo consórcio Forbidden Stories, com 65 jornalistas de 20 organizações em 15 países. O projeto visa dar continuidade ao trabalho de jornalistas ameaçados por investigar escândalos ambientais

Mina de níquel, que estava suspensa desde fevereiro de 2021, voltou a funcionar em janeiro de 2022 Forbidden Stories

Continuação da pág.2

Ali a firma planejava fornecer um emprego para o filho de um líder comunitário e uma motosserra nova para outro.

Um documento de 2016 sugere que a empresa não parou por aí, propondo também a criação dos chamados "empregos fictícios", como sinalizadores de trânsito, e o pagamento de "salários artificiais" aos moradores.

O objetivo, de acordo com inúmeros relatórios repetidos entre 2016 e 2019, era simples: "Conseguir a mudança voluntária da população para fora da área de interesse mineiro no menor tempo possível". Mas os membros da comunidade se recusaram a deixar Las Nubes, alegando laços ancestrais com a terra.

Paolina Chetek, moradora de Las Nubes cujos familiares trabalham na mina e cujo marido teria recebido dinheiro da empresa para entregar suas terras, disse que as doações eram de pouco interesse para ela: "Não queremos receber dinheiro, porque dinheiro é como água gaseificada: bolhas que desaparecem".

Quando o deslocamento voluntário falhou, medidas mais coercitivas também foram cogitadas. Um "plano de trabalho" de fevereiro de 2020 destinado a obter o reassentamento da comunidade de Las Nubes incluiu propostas como demitir trabalhadores que se recusassem a desistir de suas terras e contaminar plantações de cardamomo com agroquímicos.

Em um email do mesmo mês, enviado pelo especialista em relações comunitárias da subsidiária local ao diretor administrativo Méndez com o assunto "Proposição Complementar Las Nubes", as ideias para desalojar os moradores eram ainda mais radicais: espalhar rumores de uma epidemia de HIV entre líderes comunitários, pagar a criminosos locais para deflagrar incêndios intencionais para destruir plantações de cardamomo e espalhar o boato de que um líder comunitário recebeu sua casa como suborno.

Os autores do relatório observam os "prós" e "contras" de cada estratégia possível. Na seção sobre contratação de criminosos para incendiar plantações, por exemplo, os autores escrevem que a vantagem é a "destruição de seus métodos de subsistência", mas observam na coluna de desvantagens que os criminosos podem revelar quem os pagou.

A metodologia proposta para alcançar essas diferentes estratégias foi consistente: "pagamento de propina". Questionado especificamente sobre esses métodos, Méndez, destinatário do email em questão, reiterou: "Esta informação não corresponde à realidade".

Mais tarde naquele ano, no entanto, a estratégia da Solway parece ter mudado. Em vez de tentar deslocar voluntariamente a comunidade, a empresa começou a comprar parcelas individuais de terra dentro de Las Nubes —permitindo-lhe iniciar as operações de mineração nessas áreas, de acordo com um relatório.

Em uma parcela negociada, o transporte estimado de níquel foi de 500 toneladas — quando extraído valeu cerca de US$ 165 mil (R$ 835 mil, de acordo com seus próprios cálculos.

"A empresa está prejudicando nossa comunidade. Estão prejudicando nosso ambiente e nossas culturas", disse Abelino Pantzir, morador de Las Nubes, em entrevista em dezembro. Mas "quando eles nos dão uma pequena oportunidade, nós a aproveitamos".

Enrique Xol é uma pessoa com conhecimento em primeira mão dos métodos da Solway. Ele, que concordou em falar oficialmente sobre sua experiência com a empresa pela primeira vez, é membro de um dos quatro conselhos ancestrais de El Estor e um crítico vocal da mina.

Em 2017, ele participou de uma mesa redonda entre líderes comunitários e a mina no hotel Paraíso, a cerca de 20 quilômetros de El Estor.

Após a discussão, disse aos membros do Forbidden Stories que foi abordado pelo presidente de uma das subsidiárias da Solway, Dmitri Kudriakov. Kudriakov supostamente chamou Xol de lado e, por meio de um tradutor, o encheu de perguntas. "O que você quer? Você quer um projeto? Quer alguma coisa?", relembrou. Para Xol, pareceu suborno. Disse não.

Documentos e emails internos sugerem que esse tipo de comportamento pode ter ocorrido em maior escala. Em uma mensagem de 2016 sob o título "URGENTE", os superiores da empresa distribuíram listas de "atores-chaves" para receber um presente de Natal.

De acordo com o texto, os presentes deveriam ser oferecidos "como cortesia, como fazemos todos os anos".

Em resposta, um advogado de uma das subsidiárias incluiu uma entrada particularmente interessante em sua lista de desejos: "Tribunal de Primeira Instância de Puerto Barrios".

Abaixo, o advogado especificou que o destinatário era o próprio juiz —na época Edgar Aníbal Arteaga López, que mais tarde decidiu a favor da Solway em um caso que a empresa abriu contra grupos de pescadores locais e jornalistas.

Arteaga negou já ter "recebido presentes da CGN-Pronico ou de qualquer outra entidade". As subsidiárias da empresa, por sua vez, disseram que enviar presentes a "amigos com quem convivemos durante o ano" era prática comum, mas que essas cestas de presentes só eram entregues a pessoas quando não é proibido por lei. "As cestas de Natal não são dadas aos juízes", enfatizou Méndez.

No entanto, outro documento interno, "Lista de Atores Propostos para Dar Presentes de Natal Pronico/CGN 2016", inclui sete prefeitos, sete líderes comunitários, dois juízes, dois padres, dois jornalistas e um bispo entre as mais de cem inscrições de várias regiões dentro e ao redor de El Estor.

Trocas de email e arquivos internos também documentam uma relação próxima entre as subsidiárias da Solway e a Polícia Nacional Civil da Guatemala (PNC), que em 2021 foi condenada por órgãos de direitos humanos por "uso excessivo da força contra membros das comunidades maias q'eqchi', bem como atos de repressão contra jornalistas e meios de comunicação".

Ao longo de 2020, uma das subsidiárias da Solway, a Pronico, fez pelo menos cinco doações à Raxché para "aporte estratégico" da PNC, no valor de aproximadamente 350 mil quetzales (R$ 229 mil) no total.

Policiais nacionais estacionados em vários pontos dentro e ao redor da mina também podem ter sido alimentados com dinheiro da empresa, mostram emails vazados.

Em um endereçado ao "Señor Director" (presumivelmente Kudriakov), Roberto Zapeta, chefe de segurança de uma das subsidiárias locais, considerou os pagamentos de alimentos "mais econômicos ou mais bem recebidos pela PNC do que o suporte geral de insumos" e recomendou que "o apoio necessário seja dado a todos eles".

"A natureza humana é reativa: se você parar de apoiá-los, há um risco estratégico potencial que vale a pena analisar", concluiu Zapeta.

Esses pagamentos, disse Jiménez, advogado de Santa Rosa, "podem constituir crime de tráfico de influência ou suborno, dependendo dos termos em que foi entregue ou do que eles pediram em troca".

No entanto, quando questionado se eles haviam feito alguma doação ao PNC durante os distúrbios em El Estor, Méndez respondeu com uma única palavra: "Não".

No outono de 2021, os indígenas maia q'eqchi em El Estor saíram às ruas para protestar contra a mina pela segunda vez desde 2017. "El Estor resiste" tornou-se um grito de guerra depois que protestos pacíficos foram reprimidos e um estado de sítio foi anunciado pelo governo guatemalteco em outubro.

Os manifestantes de El Estor não estavam apenas irritados com a consulta à comunidade, mas com o que eles viam como o controle das multinacionais sobre o Estado da Guatemala. "Só na Guatemala trocamos riquezas minerais por migalhas", escreveu o advogado Rafael Maldonado, que representa a associação de pescadores em El Estor, em um post no Facebook em 12 de novembro de 2021.

"A mineradora em El Estor ganha bilhões de dólares por ano, e estas são as ninharias que paga, deixando para trás destruição e contaminação. Tudo graças a funcionários corruptos e à liquidação do país."

Lucia Ixchiu, do Festivales Solidarios, concordou: "O Estado da Guatemala está funcionando com base nos interesses empresariais transnacionais", disse.

"Estamos falando de uma empresa multimilionária, com todos os recursos, todo o apoio e orientação do Estado." Até agora, a influência direta da Solway no Estado não foi comprovada.

Mas os documentos do vazamento provam que as subsidiárias da empresa têm laços econômicos com uma mineradora russa acusada de subornar o presidente.

No verão de 2021, antes dos protestos em El Estor, um escândalo que ficou conhecido como o caso do "tapete mágico" foi revelado por denunciantes que fugiram do país.

Eles alegaram que representantes do conglomerado de mineração de propriedade russa Maianiquel SA haviam pago ao presidente guatemalteco Alejandro Giammattei por acesso privilegiado a um porto na cidade de Puerto Barrios, repassando dinheiro de suborno em maços enrolados num tapete.

A Solway sempre negou ter ligação com o escândalo e tentou se distanciar da Maianiquel SA. No entanto, correspondências de emails e contratos nos documentos vazados mostram uma relação comercial ativa entre uma das subsidiárias da Solway, a Pronico, e a Maianiquel SA, gerando questões adicionais sobre os elos entre a cabala de interesses mineiros russos ativos na Guatemala e a influência nos principais políticos.

Emails e contratos internos mostram que Pronico e Maianiquel assinaram um contrato de minério de níquel no valor de mais de US$ 200 mil (cerca de R$ 1 milhão) no final de novembro de 2019.

O contrato foi assinado por ambas as partes em 21 de novembro de 2019 e revisado em janeiro de 2021.

Em respostas a Forbidden Stories e seus parceiros, Pronico e Maianiquel confirmaram a relação comercial entre as duas empresas, mas só.

"O único relacionamento da Maianiquel com a Pronico é puramente comercial, e envolve a venda de minério de níquel", disse um representante da Maianiquel em comunicado. "A Maianiquel não tem outro relacionamento comercial, corporativo ou de outra forma com a CGN/Pronico e/ou o Grupo Solway e não é afiliada ou de outra forma relacionada à CGN/Pronico e/ou ao Grupo Solway."

Apesar dos escândalos, os resultados da Solway não parecem ter sido afetados —em grande parte graças à crescente demanda global por níquel.

"Esses minerais estão com um preço alto agora", disse Guadalupe Garcia Prado, pesquisador do Observatório das Indústrias Extrativas, em entrevista. "E a Solway está disposta a ir mais longe na impunidade, corrupção e violência para conseguir o que quer."

Até a invasão russa da Ucrânia, a empresa operava minas na Ucrânia, na Rússia, na Macedônia e na Indonésia. (Em 3 de março, a Solway anunciou que havia suspendido todas as atividades de mineração na Rússia.) Na África, a Solway comprou terras na cordilheira Nimba, na Libéria, por meio de uma subsidiária, Solway Mining Incorporated.

Na Libéria, onde mais de 500 mil pessoas vivem em extrema pobreza, a subsidiária prometeu escolas e centros de saúde. Em vez disso, os moradores dizem ter ficado decepcionados.

"A Solway está procedendo de forma errada", disse o presidente da agência de proteção ambiental local à agência de notícias sobre conservação Mongabay. "Nosso pessoal não previu que ela se comportaria da maneira como está se comportando, e esse é meu único arrependimento."

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

A empresa está prejudicando nossa comunidade. Estão prejudicando nosso ambiente e nossas culturas

Abelino Pantzir
morador de Las Nubes

Refugiadas da Eritreia são vistas através de janela do hotel Agda, em Semera, na Etiópia Eduardo Soteras - 14.fev.22/AFP

O que se pode dizer sobre dor dos refugiados de conflitos?

Natalia Ginzburg narra as consequências da guerra na produção literária

OPINIÃO

Juliana de Albuquerque
Escritora, doutoranda em filosofia e literatura alemã pela University College Cork e mestre em filosofia pela Universidade de Tel Aviv

Quando morei em Israel, ocorreram duas operações militares: Pilar Defensivo (2012) e Margem Protetora (2014). A primeira durou uma semana, enquanto a outra arrastou-se por quase dois meses.

Na primeira vez que precisei me esconder em um abrigo antibomba, eu estava na universidade. Passado o susto, fiquei sem saber exatamente o que fazer; se deveria voltar correndo para o apartamento que ficava do outro lado da cidade ou se deveria permanecer no campus, onde pelo menos não estaria sozinha. Na dúvida, liguei para o Brasil e conversei com a minha mãe, o que virou rotina.

Eu sabia o que era ter uma arma apontada para a cabeça durante um assalto. Por três vezes, estive na mira de um revólver. Mas eu não fazia ideia do que era ter de se esconder em um abrigo antibomba.

No assalto, a gente faz de tudo para manter a calma enquanto entrega ao assaltante a mochila, o dinheiro, o celular, a bicicleta ou a chave de carro. A gente também reza baixinho para que ele não tente qualquer outra coisa pior ou resolva puxar o gatilho.

Em um ataque aéreo, a gente também precisa de calma para conseguir cumprir as medidas de segurança. Apenas rezar não adianta. Ao escutar o toque da sirene, o mais urgente mesmo é você conseguir avaliar se vai ter tempo para encontrar uma maneira de se proteger.

Eu não tenho pesadelos com os assaltos que sofri no Recife, mas ainda sonho com as bombas em Israel e com a impossibilidade de encontrar um lugar para me esconder durante um ataque, ainda que eu tenha plena noção de que tive muita sorte de viver em uma área relativamente segura, onde contar o tempo da porta do apartamento para o abrigo antibomba fazia sentido.

Pois, em outras regiões afetadas pelo mesmo conflito, essa contagem chega a ser tão supérflua quanto a vontade de rezar.

Ao acompanhar as notícias sobre a Ucrânia, lembrei-me, imediatamente, das coisas que ouvi, vivi e testemunhei e das pessoas que conheci em Israel: palestinos, beduínos, eritreus, etíopes, iraquianos, líbios, iranianos, turcos, iemenitas, filipinos, sul-africanos, marroquinos, libaneses, indianos, poloneses, ucranianos, russos, uzbeques etc.

Gente de toda parte do mundo, cujas vidas estariam marcadas tanto por aqueles mesmos conflitos vivenciados por mim, como pela lembrança de guerras, perseguições e êxodos que aconteceram em outras épocas e lugares.

A escritora italiana Natalia Ginzburg em Roma, em 1989 Francesco Gattoni/Divulgação

> **[...]**
> Essa esperteza pode até nos iludir de que estamos mais aptos a ditar o que é justo. Porém, ao nos defrontarmos com a realidade, logo percebemos que ela nada justifica nem salva vidas

Lembrei, também, de alguns refugiados da Síria que conheci posteriormente, durante o período em que morei em Berlim, em 2015.

Estudantes que frequentavam o mesmo curso de alemão que eu, com quem eu tomava um café durante os intervalos das aulas e mantinha conversas que nunca fluíam com naturalidade, pois eles não eram proficientes em inglês, e nem o alemão que falávamos era suficiente para expressar muitas das verdades que ansiávamos compartilhar.

Assim, falávamos do que podíamos, com as palavras que tínhamos, como se, ao perguntarmos sobre a previsão do tempo ou a qualidade do café servido na recepção do curso, talvez estivéssemos realmente tentando dizer: "Eu sinto muito. Espero que a sua família esteja em algum lugar seguro. É uma vergonha tudo isso que está acontecendo".

Quem trata muito bem desse assunto é a escritora italiana Natalia Ginzburg, cuja vida foi terrivelmente marcada pela ascensão do regime fascista e a eclosão da Segunda Guerra Mundial.

Em alguns dos seus ensaios publicados na coletânea "As Pequenas Virtudes" (1962), ela escreve sobre as consequências da guerra e da perseguição política tanto na produção literária como na vida das pessoas.

Uma dessas consequências é o silêncio que aparenta atravessar os nossos textos e relações, como se o nosso vocabulário fosse insuficiente para dar conta das experiências:

"[As] grandes palavras velhas, que serviam aos nossos pais, são moeda fora de circulação e ninguém as aceita. Quanto às novas palavras, percebemos que não têm valor: com elas não se compra nada. Não servem para estabelecer relações, são aquáticas, frias, infecundas. Não nos servem para escrever livros, nem para manter ligada a nós uma pessoa querida, nem para salvar um amigo."

O que, então, podemos dizer da dor dos refugiados? Dos velhos que precisaram ser deixados para trás em cidades transformadas em campos de batalha? Das crianças que morreram ao serem atingidas por balas perdidas e estilhaços de bomba? Dos bichos em pânico?

Dos órfãos e das viúvas e dos pais que perderam os seus filhos e das famílias cujas casas foram destruídas, na Ucrânia e em outros conflitos ao redor do mundo, dando-lhes a impressão de que, embora quase tudo nessa vida ainda possa ser recuperado, nada mais será como antes?

Em outro ensaio do livro, Natalia Ginzburg destaca que quem passa por uma guerra perde a tranquilidade:

"Não há paz para o filho do homem [...]. Cada um de nós uma vez na vida se iludiu achando que podia dormir sobre qualquer coisa, apossar-se de uma certeza qualquer, de uma fé qualquer, e então repousar o corpo. Mas todas as certezas de antes nos foram arrancadas, e a fé jamais será algo em que enfim se possa mergulhar no sono."

Há, no entanto, quem comente a guerra com a mesma tranquilidade que foi arrancada dos que estão vivendo o conflito, como se estivesse respondendo a um exercício acadêmico, como se o horror pudesse ser justificado através de palavras esdrúxulas, que aprendemos a reproduzir dos manuais de história, de direito, de filosofia.

Pergunto-me, portanto, o que essas pessoas acham que estão fazendo, do que elas acham que estão falando e para quem, com qual objetivo.

Sobre essas questões, Ginzburg nos chama a atenção para o fato de que precisamos tentar ser honestos com o que nos propomos a dizer.

Afinal, quem acha que pode falar sobre qualquer coisa corre o risco de se enganar e de enganar os outros com "palavras que de fato não existem em nós, que pescamos por acaso fora de nós e que enfileiramos com destreza porque nos tornamos muito espertos".

Essa esperteza pode até nos iludir de que estamos mais aptos a ditar o que é justo. Porém, ao nos defrontarmos com a realidade, logo percebemos que ela nada justifica nem salva vidas, nem nos ajuda a lidar com a dor do próximo.

Enfim, o preço a ser pago por sermos tão espertos é o de jamais sabermos o quão difícil é ser humano.